

*Eduardo Campos*

CARTAS DE AFEIÇÃO  
*(Correspondência Passiva)*

*Fortaleza – 2003*

**CARTAS DE AFEIÇÃO** (Correspondência Passiva)

© 2004 Copyright by Eduardo Campos

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

**Programação Visual e Diagramação**

Carlos Alberto Alexandre Dantas

**Digitação de Texto**

Roberta de Oliveira

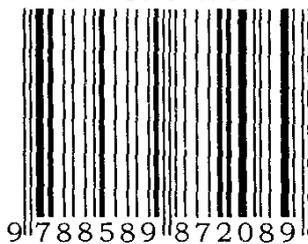
**Desenho da Capa**

Audifax Rios

**Montagem da Capa**

Carlos Alberto A. Dantas

ISBN 858987208-4



FICHA CATALOGRÁFICA

C211c Campos, Eduardo

Cartas de afeição: correspondência passiva / Eduardo Campos. –  
Fortaleza: Imprece, 2004.

222p.

ISBN: 85-8987-208-4

1. Literatura brasileira – cartas. I. Título.

CDD: B869.6

## *A Modo de Prefação*

Houve instante em que prosperou, no País, intenso exercício epistolográfico entre escritores de renome literário e estreantes, gente que se inaugurava nas letras com o primeiro livro publicado, e, às vezes, como vem bem ao caso referir, participando das atividades criativas de grupos literários qual o de Clã, no Ceará.

Pelos anos quarenta, em vários estados do Brasil escritores iniciantes lançavam-se à instituição de movimentos culturais, não de raro resultando no florescimento de revistas tipo Clã, em Fortaleza, e Orfeu, no sul do País, dentre outras expressivas publicações que acabariam exibindo merecido conceito.

Não se pretende rememorar aqui, nesta oportunidade, o que foi o desempenho dos grupos intelectuais de tão significativa fase da evolução de nossa literatura, mas tão-só mencionar, sublinhando, a importância do apoio de escritores mais experimentados e vividos (para não dizer consagrados) como Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Amadeu Queiroz, Marques Rebelo, Herman Lima etc., etc. aos jovens escritores da província, em clara e afetuosa correspondência que, a toda certeza – e digo por experiência própria – tornou-se fundamental para lhes aperfeiçoar a prometedora mas ainda incipiente arte de escrever.

Passado mais de meio século desse exercício epistolar, no momento em que se enfatiza tanto a atualidade da convivência de pessoas em mítica “aldeia global” – independente da distância em que se encontrem umas das outras –, pode-se entender a validade do desempenho missivista daqueles escritores famosos, achando hora de mais vagar para acudir, contentar e orientar a quem, por então, ainda pouco ou nada podia significar nas letras.

Cartas quais as de Carlos Drummond de Andrade, Marques Rebelo, Luís da Câmara Cascudo, Herman Lima, Mauro Mota e Mário de Andrade, principalmente o último dos citados, foram decisivas no que me diz respeito, a meu disciplinamento intelectual.

Rememorando hoje, de modo mais enfático e agradecido as missivas de Mário de Andrade, chega hora de poder confessar ao leitor que esse modo de pensar sobre a importância dessa correspondência circunstancial (e não a consideraria acidental) decorre da atualidade de meu amadurecimento, quando me admito capaz de julgar com nitidez o significado de tão valiosa correspondência.

À época, isto é, pelos anos quarenta e ainda um tanto por diante, esse tom epistolar foi-me fundamente indispensável para o meu despertar intelectual. Só daí passaria a perceber, diante de compreensíveis vacilações, que o livro escrito e publicado não é a proposta final do desempenho do escritor; o autor haveria de ser participante efetivo dos problemas de sua comunidade, da região, do País, do mundo enfim. Ser e estar escritor é obrigar-se, antes de tudo, a compreender e a viver os dolorosos problemas de seus parceiros na vida.

Pelas cartas que recebi – tão apreciáveis para a minha caracterização intelectual – acabei podendo compreender não apenas a dimensão saudável do trabalho intelectual, mas poder empreendê-lo com seriedade, como um instrumento de afirmação cultural do homem.

Assim mencionado, gostaria que o leitor, com sua atenção, contemplasse as cartas desse breve documentário rememorativo, sopesando os conceitos que julgo ter expressado, advertido de que as missivas contidas neste caderno não lembram apenas o grau de estima em que se entendiam literariamente as pessoas, mas o exato situamento de outra época, tempo já passado, no qual os escritores de nomeada perseveraram no relacionamento epistolar,

particularmente o Mário de Andrade, animados a acudir com afeto e orientação a quantos, desconhecidos, pediam passagem para o êxito nas letras.

A utilização de cartas a mim dirigidas não deve oferecer a idéia de algum possível exibicionismo de ordem pessoal, mas só a certeza de que as referencio pela facilidade de manuseio, circunstância que me animou, na medida das limitações pessoais, entreter algumas considerações, que me soam bem propositadas, sobre o valioso entendimento de grandes nomes da literatura brasileira com surgentes valores da geração dos anos quarenta, na qual me inseri historicamente na província, em desempenho que, de uma maneira ou de outra, acabaria marcando a minha presença nas letras nacionais.

No meu caso, o êxito foi pouco. Mas aprendi a caminhar, a me tornar válido: e a testemunhar, sob crescente admiração, como não aprendera, até então, os surpreendentes sentimentos da criatura humana.

O leitor vai observar que me valho principalmente dos missivistas que já não perseveram mais entre nós.

E resgato também, mais a meu contentamento pessoal, algumas cartas que me foram dirigidas décadas depois por pessoas de viva inteligência, e com as quais, em circunstâncias as mais diversas, me relacionei auspiciosamente.

*E. C.*



Rio, 25-5-958

*Eduardo Campos*

Vou ler com a atenção devida ao renome do autor, o *Abure e Outras Estorias*. Aliás já fui pressuroso aos contos recomendados pelo Braga Montenegro, e já o conheço (de antologia). *Céu Limpo* é pequena jóia e, caracteristicamente cearense, dão-me impressão de profundo o livro exalado da ardentia, luminosa e angustiada, da terra-mestra do Desespero!

Do mais que conheço do ilustre confrade é assim; o enraizadamente cearense, em côr local e de alma! E na literatura do conto brasileiro – tão seca! – o Ceará ocupa lugar elevadíssimo, com altos valores como o autor do *Abutre*, o Braga Montenegro, Moreira Campos; há nos cearenses *fôrça* ímpar como o drama da terra inóspita e heróica. O prefácio do Braga Montenegro, esplêndido! – aliás as “apresentações” do nosso amigo querido são sempre de crítica de *primeiríssima ordem*! Como é inteligentemente suprir o nosso *feixe de nervos*! Que cultura e que alma de admiração!

Saúda ao jovem Mestre, o velho leitor.

*Adelino Magalhães*

Alfred Métraux

Valeu a pena escrever para Alfred Métraux. Estava em evidência pela seriedade de seus estudos. E acima de tudo era um estudioso que sabia cumprir as regras de cortesia. A carta que me escreveu vale de prova.

TELEPHONE : KLEBER 52.00 - TELEGRS : UNESCO PARIS



UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION

ORGANISATION DES NATIONS UNIES POUR L'ÉDUCATION, LA SCIENCE ET LA CULTURE

19, Avenue Kléber, PARIS 16<sup>e</sup>

In your reply, please refer to :  
En répondant, veuillez rappeler :

N<sup>o</sup> 88/251.065

4 de setembro de 1951

Prezado Senhor,

Recebi e li com prazer o livro que teve a gentileza de enviar-me, pelo que muito lhe agradeço. Além da curiosidade que desperta por si mesmo, constitui ele um repositório importante de dados sobre a medicina popular no Brasil. Revela-se assim de grande utilidade como obra de consulta para estudos comparativos nesse terreno. Constitui, outrossim, elemento de interesse imediato para mim, pois estou preparando um trabalho sobre a medicina popular entre os negros haitianos.

É de desejar-se que outros pesquisadores lhe sigam o exemplo em outros pontos do Brasil, solgindo, dessa forma, um material valioso, que possivelmente se está perdendo sem que ninguém o registre.

Quaira aceitar minhas cordiais saudações.

Alfred Métraux

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*United Nations Education, Scientific and Cultural Organisation  
Organisation des Nations Unies pour l'Éducation, la Science et  
la Culture*

*Paris, 4 de setembro de 1951*

*Prezado Senhor,*

Recebi e li com prazer o livro que teve a gentileza de enviar-me, pelo que muito lhe agradeço. Além da curiosidade que desperta por si mesmo, constitui ele um repositório importante de dados sobre a medicina popular no Brasil. Revela-se assim de grande utilidade como obra de consulta para estudos comparativos nesse terreno. Constitui, outrossim, elemento de interesse imediato para mim, pois estou preparando um trabalho sobre a medicina popular entre os negros haitianos.

É de desejar-se que outros pesquisadores lhe sigam o exemplo em outros pontos do Brasil, coligindo, dessa forma, um material valioso, que possivelmente se está perdendo sem que ninguém o registre.

Queira aceitar minhas cordiais saudações.

*Alfred Métraux*

Amadeu Queiroz, escritor experimentado, bem vivido. Depois de muito tempo, de repente descobri o "lá dentro" de seus sentimentos, lendo o seu valioso livro de memórias. Sempre estive animado da vontade de me ajudar. E como ajudou!

Meu amigo Eduardo Campos

Recebi o 'Face Iluminada', em V. tive a bondade de me mandar e vou explicar porquê e agora, tão tardiamente, venho agradecer.

Quise por Belo Horizonte e Rio, e quase um mês depois de ter voltado, fui passar no escritório da Globo, por intermédio da qual V. fez a remessa, e lá me entregaram o livro; se me tivessem ao menos avisado, eu teria ido logo procurá-lo, e assim esta resposta não ficaria retardada.

Muito obrigado e me desculpe não saber dizer mais que isto, a respeito do seu livro, mas isto é verdade e sinceridade, por que os setenta e nove anos (com um) e as crianças só sabem dizer o que sentem.

Como lá um abraço de amigo e de  
liga que o admira

Amadeu de Queiroz

Paulo,  
5 outubro 1946

Meu endereço - Amadeu de Queiroz - Rua Maracajá, 20  
Vila Mariana

S. Paulo, 5 outubro 1946

*Meu amigo Eduardo Campos*

Recebi o "Face Iluminada", que v. teve a bondade de me mandar e vou explicar porque só agora, tão tardiamente, venho agradecer.

Andei por Belo Horizonte e Rio, e quase um mês depois de ter voltado, fui passar no escritório da Globo, por intermedio da qual v. fez a remessa, e lá me entregaram o livro; se me tivessem ao menos avisado eu teria ido logo procura-lo, e assim esta resposta não ficaria retardada.

Li o livro, a bem dizer, de uma vez, e como não sei fazer crítica, conto-lhe apenas umas coisas que aconteceram e me comoveram.

Livro bom e bem escrito, para mim é livro que a gente pega e vai lendo sem analise me interrompendo para admirar o talento do autor, uma idéia feliz, uma originalidade de espírito. Livro bom é o que a gente não sente que está lendo, e quando chega ao fim, pára e fica pensando, vivendo historias acontecidas, relendo um trecho aqui e ali, emocionados pelo que feriu a alma ou o espírito.

O seu livro, para mim, foi assim, lido com emoção. Interessei-me por sua gente literaria, devidamente humana... Não devo destacar nenhum dos seus contos, pois trabalhos dêsse gênero só podem ou devem ser julgados em conjunto, desde que cada conto vive a sua vida, à parte da dos vizinhos de paginação, mas as suas cinco páginas de "Céu Limpo" são admiráveis de arte e de invenção!

Aqui em casa somos vários, mais ou menos letrados e todos lemos e comentamos o seu livro. A opinião não foi a mesma, está claro, cada um lá escolheu o conto que lhe deu na alma mas, quando se tratou da sensibilidade artistica e dos méritos do autor, propus votação e v. obteve unanimidade.

Muito obrigado e me desculpe não saber dizer mais que isto, a respeito do seu livro, mas isto é verdade e sinceridade, porque os septuagenarios (como eu) e as crianças só sabem dizer o que sentem.

Tome lá um abraço do amigo e do colega que o admira.

*Amadeu de Queiroz*

Amo a seu Eduardo Campos

Logo que recebi sua última carta, mo-  
tuei-me a Maria Brito por intermédio de quem  
foi feita a publicação de seu conto no suple-  
mento do "Jornal de S. Paulo". Ele se interessa muito  
pelas notícias literárias de Ceará e pede a  
que lhe mandasse o seu coureiro, de utilidade, dire-  
tamente, conforme o endereço impresso,  
colado abaixo.

O Maria da Silva Brito, poeta, contista, crítica  
literária, muito considerada e estimada por todos  
os colegas, redige, entre outros trabalhos, a página  
literária do "Jornal de S. Paulo", a melhor e mais  
lida entre as nossas. Já o apresentei a elle e  
que se entenda directamente a respeito das coisas  
literárias d'ahi.

Já dei um jeito para sair o meu  
"Céu Limpo" numa revista. Se sair não me  
esquecerei de mandá-lo.

Prima,  
então "por aqui" não posso dar,  
meu o do

Livros, notas, informa-  
ções e dados de interesse  
desta página devem ser  
enviados para M. S. Brito  
no seguinte endereço:  
Rua Anhangabau, 814,  
apartamento 35. 4.º and.  
SAO PAULO

Beato,

6.12.54 B

seu de Eduardo Campos

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

S. Paulo 6.12.946

*Meu caro Eduardo Campos*

Logo que recebi sua última carta, mostrei-a ao Mario Pinto por intermedio de quem foi feita a publicação do seu conto no suplemento do "Jornal de S. Paulo". Êle se interessa muito por noticias literarias do Ceará e pede a v. lhe mande o que convier, de utilidade, diretamente, conforme o endereço impresso, colado abaixo.

O Mario da Silva Pinto, poeta, contista, critico literario, muito considerado e estimado por todos os colegas, redige, entre outros trabalhos a pagina literaria do "Jornal de S. Paulo", a melhor e mais lida entre as nossas. Já o apresentei a êle. V. s entenda diretamente a respeito das coisas literarias daí.

Já dei um jeito para sair o seu "Céu Limpo" numa revista. se sair não me esquecerei de mandar.

Prosa, por hoje, não posso dar, estou "por aqui" de serviço.

Um abraço amigo do

*Amadeu de Queiroz.*

Meu caro Eduardo Campos

Recebi sua carta e o 1.º número de Clã.  
Admiri-me, como continuamente admiro  
o seu você realizar suas admiráveis realiza-  
ções intelectuais. O seu você sonham, cria  
e realiza no mundo das letras e das ar-  
tes, no grande mundo do espírito, é um  
prodígio, uma bela audácia, um comparção  
do seu faz a gente maravilhada, forte e futebros.  
ca ao instante da nossa pobre terra...

Se eu não estivesse já completando o  
terceiro quarto de um século, arrepiado do  
friozinho da velhice que chega, com extra  
realização o imenso desejo que guardo de conlu-  
er esse seu mundo, respirar-lhe os ares para re-  
ceber pelos pulmões alento ao espírito.

Infelizmente não sou jornalista, nem por  
outros motivos costumo escrever em jornais, mas  
para <sup>valor</sup> Clã vou pedir ao Brito, logo seu cheque,  
porque ele está no B. grande do Sul

Meu abraço

Assado a Lúcia

Paulo,  
29-3-947

S. Paulo, 29-3-947

*Meu caro Eduardo Campos*

Recebi sua carta e o 1º número de Clã. Admirei nele, como continuamente admiro o que vocês realizaram nesse admirável recanto intelectual. O que vocês sonham, criam e realizam no mundo das letras e das artes, no grande mundo do espirito é um prodigio, uma bela audacia, em comparação do que faz a gente enervada, farta e futebolesca do restante da nossa pobre terra...

Se eu não tivesse já completando o terceiro quarto de um século, arrepiado do friozinho da velhice que chega, com certeza realisaria o imenso desejo que guardo de conhecer êsse seu mundo, respirar-lhe os ares para receber pelos pulmões alento ao espirito.

Infelizmente não sou jornalista, nem por outros motivos costume escrever em jornais, mas para falar de Clã vou pedir ao Brito, logo que chegue, porque êle está no R. Grande do Sul.

Um abraço.

*Amadeu de Queiroz*

Antônio Bandeira, meu colega de escola; de andanças pelo Morro do Moinho, pelo Otávio Bonfim, onde ia em busca da panelada mais conceituada desses dias, os anos quarenta. Partindo para o Rio, fez par com Aldemir Martins, outro grande talento da pintura e do desenho do Ceará... Só? Do Brasil e por aí... Um dia no Rio fomos visitar o ícone da pintura brasileira, Cândido Portinari. O pintor recebeu-nos afetuosamente. E nos mandou sentar em valioso e antigo sofá de palhinha. Quando nos arriamos no móvel, o assento estalou... Foi terrível a gafe, coisa de quem não sabia se sentar em preciosidades históricas...

Copni, 25-8-54

Antônio Bandeira  
villa Castiglione  
32 via Castello



meu velho Edmundo Camp  
velho Maximino do meu  
tempo, hoje talvez honran-  
ça ovelha, pai de filhos  
até. Pois é, eis-me aqui  
para escrever um pouco, di-  
zendo que ainda estou vivo, que vou  
de província (?) tão um cidadão,  
fui vim a Buzina - Oiro, S. Paulo,  
Rio e meu velho vir a gente. Um  
vindo tenho os costados cheios de via-  
gens, e farei mais ainda, suponto to-  
ta impotência, e me leve de toteme-  
nto era belo meu oxul do Medij,  
nando. Você gostou de Copni, sobre  
oxul, de um inquietude que hoje, de  
as "piazzetis" tão apinhada de gente,  
mas tão apinhada que você poderia  
deitar tudo como figurinhas, meus  
peço de teatro sua, e a "piazzetis" ser-  
veris de noite, um teatro em Copni,  
se bem que o ilho se seja um teatro  
edimundo, mais que tenho de interm-  
peli minha viagem a esse (ando e  
trabalho ramos paragens). Farei o  
parcial para estar com vocês em Mo-  
berbis em Fortalez, de um vez me-  
nos tirado, espero que vocês tomem  
bem. Motivo: meu velho corre em  
ações. So ouso de paciência e tra-  
balho recíprocos, o chamado ramos.  
cimento dos Bolos de Ouro. Aiso que

Capri, 25-8-54

EDUARDO CAMPOS – 80 ANOS

Meu Velho Eduardo Campos, velho meninão do meu tempo, hoje talvez homem já crescido, pai de filhos até. Pois é, eis-me aqui para bater um papo, dizer que ainda estou vivo, que vocês da provincia (!) são uns cretinos que vêm a Buenos-Aires, S. Paulo, Rio, e nem vem vêr a gente. Mas como tenho os costados cheios de viagens, e farei mais amigo, suporto tanta ingratidão, e me serve de testemunho esse belo mar azul do Mediterrâneo. Você gostaria de Capri, desse azul, dessa arquitetura que sobe, dessa "piazzeto" tão apinhado de gente, mas tão apinhado que você podia botar tudo como figurantes numa peça de teatro sua, e a "piazzeto" serveria de palco, um teatro em Capri, se bem que a ilha já seja um teatro. Eduardo, creio que tenho de interromper minha viagem azul (ando a trabalho nessas paragens). Farei o possível para estar com vocês em Novembro em Fortaleza, dessa vez menos tímido, espero que vocês também. Motivo: meus velhos comemorarão 50 anos de trabalhos recíprocos, o chamado renascimento das *Bodas de Ouro*. Creio que minha presença fará um pouco de bem, também a mim, pois mamarei mais uma vez nos peitos de minha mãe; e preciso para me defender dos cafajestes do mundo. Farei uma longa travessia de ida e volta e creio que não irei ao Brasil do Rio nem de S. Paulo, mas somente ao Brasil do Ceará. Para isso preciso um navio e um pincel. O navio, creio, acharei nos portos da Itália ou França, ou talvez em Liverpool. O pincel, ah! o pincel!? Por isso que pergunto. Gostaria que a outra metade do Carauba (o Carauba do painel) estivesse aí em Fortaleza, ou no interior do Ceará (je un'eufont! uma parede grande qualquer em edificio público ou particular, um local para colorir. Referido coral colorido, e me permitiria de passar 3 lindos meses no Ceará. Que tal? Você com todo seu prestígio nessa boa terra (não confundir com a Bahia), não poderia pensar no assunto) um painel que fosse de Nov./Dez, nessa data precisa um painel sobre o muro, em tela ou em ///, novo um painel que /// me // a satisfação, (!) de deixar um trabalho no Ceará, é que me permitiria ve-los mais uma vez, todos, bem de perto. Um painel independente de político, capaz de abraçar a todos. Escreva-me hoje, preparo minha viagem, uma longa viagem de ida e volta. Escrevi ao Crisantho Moreira da



Rocha no Rio. Escrevo a todos que serão capazes de me dar essa parede branca porque quero botar uns pingos coloridos. Pois essa minha fase do painel cearense. tudo vai bem. Andei quase toda Itália, e vi belas cousas. Giotto e Piero della Francesca magníficos. Também cidadezinhas medievais que sobem os morros de Toscana, que me lembraram nossas pobres favelas do Rio que não são medievais e que não fossem “devidas” de turismo. Abraça por mim os poetas e pintores do tema – sentimento não estou representado no salão de agosto. Aqui tive vagas notícias do Fran que está em Paris. Abraço a todos. Recomendações e felicidades para sua família.

*Antonio Bandeira*

Rio, 24 de Nov. de 1959

Querida Maria

V. mais que ninguém  
me poderá salvar a vida neste  
instante. É que preciso de mate-  
rial de minha vida autêntica para  
montar um painel descrip-  
tivo de minha vida (?!). Tem  
convidado para inaugurar o  
Museu de Arte Moderna do  
Bahia, com uma exposição de  
minhas obras. Lina Brandt  
(grande arquiteta e mulher de  
acaso) é quem está encarregada  
de montar a mostra. É  
necessário contar a minha  
vida o máximo possível para  
uma certa compreensão de um  
público ainda não iniciado  
ou de um público "tout court".  
Manchito, por isso está con-  
tando com você, e pelo pedido  
pelo abacaxi que está lhe en-  
tregando. Já escrevi para você  
mas você conhece muito  
pouco como é tão tímido. Pos-  
sivelmente não fomos (talvez

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Rio, 24 de Nov. de 1959

*Meu caro Meninão:*

V. mais que ninguém me poderia salvar a vida nesse instante. É que preciso de material de minha vida antiga daí, posso montar um painel descritivo de minha vida (?!). Fui convidado para inaugurar o Museu de Arte Moderna da Bahia, com uma exposição de minhas obras. Lima Bondi (grande arquiteto e melhor em ação) é quem está encarregado de montar a amostra. E precisamos contar a minha ida o máxima possível para uma certa compreensão de um público ainda não iniciado, ou de um público "tout Court".

Manuelito, por isso estou contando com você, e peço perdão pelo abacaxi; que estou lhe entregando. Já escrevi para casa, mas você conhece minha gente como é tão simples. Possivelmente não farão (talvez não tenham pista!) o correto como se deve. Você como dono da praça muito poderia me ajudar. Precisamos principalmente de fotos para a montagem. Também os "Verdes Mares", revista do Colégio Cearense seriam de uma grande utilidade. Também o nosso quadro (foto) do curso de humanidades do Colares. Você era um ano acima de mim, acho, mas falando com o Dr. Colares, ou alguém que o represente, você teria facilmente uma cópia fotográfica daquele quadro. Também fotos do nosso tempo de Clã da Praça José de Alencar, etc.

Manuelito, peço também que fale com o Reitor Magnífico Antônio Martins Filho. Talvez ele possa me ajudar a respeito de fotografias no tempo do Colégio Cearense, ou se possível, arranjar com os irmãos maristas alguns cadernos de desenho ou algo semelhante, se por ventura eles costumassem possuir arquivos ou fotografias com alguns contemporâneos meus entre os anos 1931 e 1944.

Empenho minha palavra, e garanto que não perderemos nada. Tudo será depois devolvido direitinho.

Com um grande abraço  
e o desejo de oportunidade  
haverá cumprimento de  
família, que o senhor conhece  
e o senhor em conhece-lo.  
Até, e aguardo notícias  
suas.

O Bonifício  
da República do Peru  
193 - op. 92 - Copacabana - Rio

Posso contar com você? Me responda logo!

Desulpe essa carta entre antiga e atualíssima, se não disse nada de mim, nada perguntei de você e dos nossos comuns. Ando num corre-corre, e essa exposição é urgente. Entre 1º e 4 de janeiro a inauguração. Odorico Tavares é quem mais de você é “cupincha” do Odorico porque não dar um jeito para comparecer ao “verrissage”? Seria ótimo e eu ficaria alegríssimo. Você, Girão, o Fran, o Antônio Martins, enfim nossa turma daí. Eu teria um painel descritivo de meus amigos em carne e osso, e vs. adorariam a Bahia, e veriam minhas últimas cartas. Creio que virão gente do Rio e S. Paulo, intelectuais e “gente boa”, tudo. Dê um jeito e venha, rapaz?

Manuelito, vê se faz isso por mim, e lhe agradeço do coração.

Com um grande abraço e aproveito a oportunidade para cumprimentar sua família, que ainda não tive a honra em conhecê-la.

Até, e aguardando notícias suas.

*o Bandeira*

Sérgio Milliet

Sérgio Milliet assinava artigos de crítica e depois os reunia em livros publicados com êxito. Pontual em seu expediente diário, como diretor, na Biblioteca Municipal de São Paulo. Lá foi recebido por ele, que se admirou, como Mário de Andrade, da minha estatura. Fazia-me baixo e talvez moreno. Registrava minha produção literária com bastante simpatia.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL  
RUA DA CONSOLAÇÃO - SÃO PAULO  
BRASIL

São Paulo, 12. 3. 46

Meu caro Eduardo Campos,

Ab' hoje, não é mais  
depois, e' que respondio a sua carta. As publicações  
do - the notícias do Aldeias e sua a semana  
fazem semana. Especial obrigado a dia. Depois  
lhe do volume que vou fazer e ele ficou  
de a semana - the. O anexo para a A.B.D.E.  
foi entregue ao presidente (ainda em este  
ano!) e publicadas no primeiro e segundo  
dos direitos. Alguns artigos aqui no  
interior de S. Paulo (em Limeira) com  
previa para o 2º Congresso e sua realização  
no Rio de Janeiro. O primeiro  
reunirá os escritores de S. Paulo interior  
e capital e alguns convidados de outros  
Estados. Será em setembro. Se estiver  
por aqui nessa época terá grande prazer  
em que assista às sessões. Até mais  
a notícias. Alguns de  
Sérgio Milliet

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*São Paulo, 17. 7. 76*

*Meu caro Eduardo Campos*

Só hoje, mês e meio depois, é que respondo a sua carta. Afinal chegou o dia. Disse-lhe da história que você tinha e ele ficou de escrever-lhe. O anexo para a ABDE foi entregue ao presidente (ainda eu este ano!) e publicados no jornais os nomes dos diretores. Vamos realizar aqui no interior de S. Paulo (em Limeira) uma prévia para o 2º Congresso a ser realizado no Rio ou em Belo Horizonte. A prévia reunirá os escritores de S. Paulo interior e capital e alguns convidados de outros Estados. Será em Setembro. Se estiver por aqui nessa época terei grande prazer em que assista às seções. São essas as histórias.

Abraços do

*Sérgio Milliet*

Hermilo Borba Filho, grande valor do teatro no Nordeste. Tinha consciência do que fazia em cima do palco. Chegou a escrever peça baseada em "Casa Grande e Senzala". Teatrólogo, romancista, diretor de teatro antes de tudo. Nossa ambição por um teatro inovador nos unia de perto. O quanto me honrava, creiam-me.

Recife, 26 de setembro de 1970.

Meu caro Eduardo Campos:

Desculpe que somente agora acuse o recebimento do seu O Tropel das Coisas, já que estava no Rio e já que os inúmeros afazeres só me permitiram que o lesse há poucos dias. Como sempre eu o li, a você, com o maior prazer e particularmente neste livro de contos pude constatar - e num certo sentido reafirmar - que as suas qualidades de contista estão cada vez mais apuradas. Encantou-me, principalmente, A Cabeça do Capitão - sem demérito para os outros contos - porque se situa precisamente dentro de toda uma linha dos escritores latino-americanos, da qual, infelizmente, estou um pouco afastado para me dedicar à literatura confessional onde a ficção se mistura à realidade, embora todo o clima do Nordeste aí esteja.

Bravos mais uma vez e tome lá, um abraço do seu velho

Hermilo Borba Filho.

Recife, 26 de setembro de 1970

*Meu caro Eduardo Campos:*

Desculpe que somente agora acuse o recebimento do seu *O Tropel das Coisas*, já que estava no Rio e já que os inúmeros afazeres só me permitiram que o lesse há poucos dias. Como sempre eu o li, a você, com o maior prazer e particularmente neste livro de contos pude constatar – e num certo sentido reafirmar – que as suas qualidades de contista estão cada vez mais apuradas. Encantou-me, principalmente, *A Cabeça do Capitão* – sem demérito para os outros contos – porque se situa precisamente dentro de toda uma linha dos escritores latino-americanos, da qual, infelizmente, estou um pouco afastado para me dedicar à literatura confessional onde a ficção se mistura à realidade, embora todo o clima do Nordeste aí esteja.

Bravo mais uma vez e tome lá um abraço do seu Velho

*Hermilo Borba Filho*

Breno Acióly, estudante de medicina, começando a vida no Rio. Amigo do Saldanha Coelho, o editor da Revista Branca. Tornou fácil o nosso relacionamento. Bom contista, um jovem (essa a idéia que me ficou dele) muito atarefado, a reclamar estar sem tempo até para namorar. Havia um toque de muita humanidade em suas cartas.

Rio - 10 - 10 - 946

Eduardo Campos:

Acabo de receber a sua carta e pode me enviar o romance. Tudo depende "deles". Se "eles" gostarem de seu livro, talvez, em princípios de 947 a linotipo já trabalhe nele. Não lhe prometo nenhum artigo mas se os afazeres da Formatura não me tomarem todo o tempo como vêm tomando desde Junho, você receberá um recorte de o. O Jornal. Aliás estou sem publicar coisa alguma há mais de tres meses. E para um pleitear contraí uma gripe que me desgastou as forças, quasi me paralisou o coração. Pois bem, está tudo combinado, remeta-me o original e logo depois di-lhe-ei a resposta.

Não posso me estender pois a minha futura noiva está querendo ir à cinema. Isto é um bilhete com um forte abraço do camarada -

Breno.

Até que enfim o curso de medicina já está no fim.

Rio – 10 – 10 – 946

*Eduardo Campos:*

Acabo de receber a sua carta e pode me enviar o romance. Tudo depende “dêles”. Se “êles” gostarem de seu livro, talvez, em principios de 947 a linotipo já trabalhe nele. Não lhe prometo nenhum artigo mas se os afazeres da Formatura não me tomarem todo o tempo como vêm tomando desde Julho, você receberá um recorte de o O JORNAL. Aliás estou sem publicar coisa alguma ha mais de tres meses. E para completar contraí uma gripe que me desgastou as forças, quasi me paralisou o coração. Pois bem, está tudo combinado, remeta-me o original e logo depois dir-lhe-ei a resposta.

Não posso me estender pois a minha futura noiva está querendo ir a um cinema. Isto é um bilhete com um forte abraço do camarada.

*Breno Acióly*

*Até que enfim o curso de medicina já está no fim.*

Rio - 8-9-44

Eduardo Campos

Vejo que você é um sujeito impaciente. O seu conto já foi publicado em "O Cruzeiro" e se quiser ter mais algum publicado é só reescrever. Tanto poderá sair em "O Jornal" como na Revista do Brasil, que d'agora por diante sairá todos os meses. O meu "Jornal Urso" - se não faltar mais água - estará nas livrarias na última semana deste mês. Você deverá recebê-lo mais 12 dias, após, pois a navegação costeira já está normal. Ultimamente viro como um rei de ferro, a estudar lesões patológicas e desorar classificações de Arritmia. Anisera ter um curso como você tem o seu, um "direito" às avessas e torpe. Porém, a culpa não é sua. O peiz é que suporta tudo. A última novidade é o livro do Faulkner que chegou há dias - "As I lay downing". É uma obra-prima. Voltando ao assunto da sua carta, adianto que foi uma gripe dos peisicentos mil diabros a causadora de lhe ter dado "um bolo". Naquela dia, abusei ninguém. É como uae de literatura? A política estadual ainda chateia muito? Pois esse ressurde um conto. Ele será publicado com as devidas honras. Gostei de ficar sabendo que fiz mais uma boa amizade com a sua pessoa. E com um grande abraço, até breve.

Do antigo Bruno Perichy.

Sembras ao Aluísio Medeiros.

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Rio – 5 – 9 – 44

*Eduardo Campos*

Vejo que você é um sujeito impaciente. O seu conto já foi publicado em "O Cruzeiro" e se quiser têr mais algum publicado é só remeter. Tanto poderá sair em "O Jornal" como na Revista do Brasil, que d'agora por diante sairá todos os mezes. O meu "João Urso" – se não faltar mais agua – estará nas livrarias na ultima semana deste mez. Você deverá recebel-lo em 12 dias, após, pois a navegação costeira já está normal. Ultimamente vivo como um cú de ferro, a estudar lesões patológicas e decorar classificações de Arritmias. Quisera ter um curso como voce tem o seu, um "direito" às avessas e torpe. Porem, a culpa não é sua. O juiz é que entorta tudo. A ultima novidade é o livro do Faulkner que chegou ha dias – "As I lay darwing". É uma obra-prima. Voltando ao assunto de sua carta, adianto que foi uma gripe dos seiscentos mil diabos e causadora de lhe ter dado "um bolo". Naquele dia, almocei mingau. E como vae de literatura? A politica estadual ainda chateia muito? Pois me mande um conto. Ele será publicado com as devidas honras. Gostei de ficar sabendo que fiz mais uma bôa amizade com a sua pessoa. E com um grande abraço, até breve.

EDUARDO CAMPOS – 80 ANOS

*Do amigo Breno Acioly*

Lembrança ao Aluizio Medeiros.

Rio - 11 - Setembro - 1946

Eduardo

Recebi o seu livro "Face Iluminada", havendo lido três das treze contos.

O meu desejo seria escrever uma notícia, mas acouterei que deixei terminar o curso de medicina no fim do ano, não podendo nem mesmo tratar de certos assuntos (revisão de minha novela "DUNAS", que ainda não foi publicada por minha causa) que bem poderiam me dar uns cobres.

Mas o mundo não vai acabar amanhã. Na primeira oportunidade prometo-lhe remeter o recorte da notícia que dirá da minha opinião sobre a sua literatura.

Desculpe-me não poder falar de mais nada. Tenho uma aula de Obstetrícia daqui há ½ hora.

Um abraço sincero e amigo do

Breno Accidly

conde Barpendi - 64 - (Às suas ordens)

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Rio – 11 – Setembro – 946

*Eduardo*

Recebi o seu livro "Face Iluminada", havendo lido três dos treze contos.

O meu desejo seria escrever uma noticia, mas acontece que deverei terminar o curso de medicina no fim do ano, não podendo nem mesmo tratar de certos assuntos (revisão de minha novela "DUNAS", que ainda não foi publicada por minha causa) que bem poderião me dar uns cobres.

Mas o mundo não vai acabar amanhã. Na primeira oportunidade prometo-lhe remeter o recorte da noticia que dirá da minha opinião sobre a sua literatura.

Desculpe-me não poder falar de mais nada. Tenho uma aula de Obstetricia daqui uma 1/2 hora.

Um abraço sincero e amigo do

*Breno Accioly*

Conde Baependi – 64 – (Às suas ordens)

Luís da Câmara Cascudo, o avô que não conheci, o mestre amigo, o protetor atento, a criatura mais amável que vi no mundo das letras. Fazia-me de sua casa, e do próprio coração. Tratava-me com carinho especial.

Estando em Natal, jamais deixei de ir ter com ele, usufruir da esplêndida convivência de seu gabinete (sala, quarto,) onde parecia um bruxo enfeitando os amigos com a fumaça do charuto, os seus olhos agateados (ou azulados?), que também falavam, podem crer...

19-I-1965. Natal.



Edu dos associados bugarís.

Saudação e benção apostólica.

Grato pela carta afetuosa e convite sedutor como uirapurú. Ao anoitecer de 31 de dezembro nasceu meu neto Newton Roberti Leite Filho, clareando a tristeza da casa. Aceito o convite, Edu, para março porque fevereiro está cheio de compromissos, Recife, João Pessoa e segunda-época na Fac. de Direito. Para Fortaleza levarei minha mulher, Dahlia, que não conhece a nossa cidade. Uns breves dias em hotel confortável, sossego, explorando, ad immortalitatem, a Academia Cearense de Letras, será coisa apreciável, minha flôr. Em cartas combinaremos o assunto da circunferência aí pronunciável. Pelo sim e pelo não, dois abraços. Um na Academia pela fecunda ditadura eduardiana e o outro, no dito, Seu

Câmara Cascudo

19-1-1965 – Natal

*Edu dos Associados bugarís.*

Saudação e bênção apostólica.

Grato pela carta afetuosa e convite sedutor como uirapuru. Ao anoitecer de 31 de dezembro nasceu meu neto Newton Roberti Leite Filho, clareando a tristeza da casa. Aceito o convite, Edu, para março porque fevereiro está cheio de compromissos, Recife, João Pessoa e segunda-época na Fac. de Direito. Para Fortaleza levarei minha mulher, Dahlia, que não conhece a nossa cidade. Uns breves dias em hotel confortavel, sossego, explorando, ad immortalitaten, a Academia Cearense de Letras, será coisa apreciavel, minha flôr. Em cartas combinaremos o assunto da *circunferencia* aí pronunciavel. Pelo sim e pelo não, dois abraços. Um na Academia pela fecunda *ditadura* eduardina e o outro, no dito. Seu

*Câmara Cascudo*

2

Um dia estando em Recife o mestre me convidou: "Eduardinho, vamos fazer uma patuscada". Aceitei.. Era de tarde. O carro em que íamos parou diante do palácio do governo. E não demorou chegou o outro parceiro. Não, o leitor não vai adivinhar! Era o Barbosa Lima Sobrinho, o próprio governador de Pernambuco. E lá fomos nós para um lugar, que não devia ser ali, mas no paraíso, onde bebemos cerveja e degustamos siri, uns bichos enormes que pareciam, por antes do Cascudo, certamente, criados em misterioso chiqueiro, que se podia ver de onde estávamos... O leitor pode contar bravata maior? \*



meu querido Edu.

Viagem murchando como bola furada... Tanta vontade de ir e aparecem obrigações miúdas e numerosas que me prendem pelos cabelos como ao Gulliver. Já minha mulher não podia acompanhar-me, presa a vigilância do neto da dois meses, orfão de pai. Sua carta sugeriu a sugestão do estudo etnográfico da IRACEMA, a realidade indianística da paisagem humana, antes de Fortaleza nascer, viva <sup>numa</sup> ~~uma~~ das mais permanentes das nossas obras-primas. Fiquei uma noite imaginando o plano. Agora o diabo-azul enrodilha três raios ao redor do meu senho cearense, chumbando-me a Natal. Estou escrevendo a meia-noite de 5, com essa raiva burrada de quem está entrevista de amor. Desolado,

Edu. Um abraço

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Natal*

Meu querido Edu.

Viagem murchando como bola furada... Tanta vontade de ir e parecem obrigações miudas e numerosas que me prendem pelos cabelos como ao Gulliver. Já minha mulher não podia acompanhar-me, presa a vigilância do neto de dois meses, orfão de pai. Sua carta sacudiu a sugestão do estudo etnográfico da IRACEMA, a realidade indianística da paisagem humana, antes de Fortaleza nascer, viva numa das mais permanentes das nossas obras-primas. Fiquei uma noite imaginado o plano. Agora o diabo-azul enrodilha três rabos ao redor do meu sonho cearense, chumbando-me a Natal. Estou escrevendo a meia-noite de 5, com essa raiva bufada de quem adia entrevista de amor. Desolado, Edu.

Um abraço

*Câmara Cascudo*



Dia de Santa Luzia em Natal, 1968

EDU querido.

Só agora deixaram eu arriscar um leve olhar no numero de PROVINCIA, não distribuído nem mesmo para mim.

Um encanto... Como o coração é eloquente ! Eu estou certo que os órgãos têm divulgação verbal, real e legitima. Falam estomago, figado, intestino, baço, pulmões, Cada um com seu vocabulário, intenção e sonoridade. Em V. foi o velho musculo cardiaco o orador gráfico.

Dai, aquele encantamento... Não vou agradecer porque seria atestado melancolico de requidão e perrice. Melhor é abraçá-lo, longa, afetuosa, cearensemente.

Publique no UNITÁRIO a cronica, é curta, Diretor, e mande um recorte para esse seu grato etão grato-

Camara Eduardo

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Natal*

*Edu querido.*

Só agora deixaram eu arriscar um leve olhar no numero de PROVINCIA, não distribuído nem mesmo para mim.

Um encanto... Como o coração é eloquente! Eu estou certo que os órgãos têm divulgação verbal, real e legitima. Falam estomago, figado, intestino, baço, pulmões. Cada um com seu vocabulário, intenção e sonoridade. Em V. foi o velho musculo cardiaco o orador gráfico.

Daí, aquele encantamento... Não vou agradecer porque seria atentado malancolico de roquidão e perrice. Melhor é abraçá-lo, longa, afetuosa, cearensemente.

Publique no UNITÁRIO a cronica, é curta, Diretor, e mande um recorte para esse seu grato e tão grato.

*Câmara Cascudo*

Natal - Rio Grande do Norte - Brasil  
Sede própria do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
Fundado em 29 de Março de 1962

Av. Junqueira Aires, 377.  
Natal, 7-VI-71.

Deixa de ser linguareiro, EDUARDINHO ! Quem é mais presente na minha memória que a figura afetuosa e brilhante do Eduardo Campos ? Nem mais grato a essa efervescente bondade cearense, com Sol de fogo e água do Orós ? Agora mesmo, que registro saudido e vivo Eduardinho divulga em louvor de velho mestre Cascudo ! Deus te pague, coração de ouro cor de rosa, como minha mulher dizia aos filhos pequenos. Gratíssimo. Um bom abraço deste seu

Camara Cascudo

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Natal, 7-VI-71*

Deixa de ser lingüeiro, EDUARDINHO! Quem é mais presente na minha memória que a figura afetuosa e brilhante do Eduardo Campos? Nem mais grato a essa efervescente bondade cearense, com Sol de fogo e água do Orós? Agora mesmo, que registo sacudido e vivo Eduardinho divulga em louvor do velho mestre Cascudo! Que te pague, coração de ouro côr de rosa, como minha mulher dizia aos filhos pequenos. Gratissimo. Um bom abraço deste seu

*Câmara Cascudo*

16.6.47

Caro Eduardo:

Sua carta me deu grande alegria! Desde que voltei do exterior em meados de 1946, não parei um mês sequer no Rio. Voltei ao Urupai e por várias vezes estive em Niterói, S. Paulo, Parana, Itacaram, e Rio Grande, um pedaço euante! Foi por aí a tomar posi-  
 ções com a responsabilidade. Mas não se  
 esquecer, por conta de tudo que o seu dedi-  
 ção (tanto orijinal!) - nos membros. Criei  
 um foi estúpido de coisas, por isso  
 pessoas continuam sempre no apartamento.  
 Culpia, eu não sei. Mas eu yllas souis.  
 unvencido por oirnas. Mas não, poris,  
 sei que um membro a coisa a li-de-top.  
 Pague agora as mudanças das sempre cada  
 noite 3 horas, não estiver.

... V. S. M.

Beijos, V. S. M.

Depois de oijante a si com o mesmo - no  
 outro um the carvão.

Um abraço muito grande de

Rayssa Rêgo,

p. de Ant. p. p. 47 op. 5  
 Rio.

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Rio, 16.6.47*

*Caro Eduardo:*

Sua carta me deu grande alegria! Desde que voltei do exterior em meados de 1946, não parei um mês seguido no Rio. Voltei ao Uruguai e por várias vezes estive em Minas, S. Paulo, Paraná, Sta. Catarina e Rio Grande. Um judeu errante! Eis porque e tornou quasi impossível manter correspondência. Não ia te escrever, pois

*Câmara Cascudo*

24-IV-1960.

N a t a l.

meu caro Eduardo Campos.

O seu ESTUDOS DE FOLCLORE CEARENSE é um documentário inseparável de qual-quer bibliografia honesta no plano da especialidade. Não apenas, e seria suficiente, há o registo excelente, completo e claro, com a naturalidade de quem viu e a precisão de quem compreende, como o estudo sereno e ágil que amplia o temário para a inteligência dos que não tiveram as alegrias visuais da assistência direta.

Certo é que, como há tanto tempo venho dizendo, todo folclorista é um pesquisador da sua Etnografia. Caju, cerâmica, repastos, reima, são índices dessa atividade que se afirmou na conquista de informações preciosas e atuais. A limitação do Folclore oral, literatura popular, crenças, é um processo compressor inaceitável para nós. Ou vamos ao Homem na totalidade, na integridade do seu espírito e na normalidade de sua paisagem ambiental, ou teremos uma especialização erudita e destinada aos astros da sublimação sintética. Nós não estamos nessa fase e naturalmente para ela caminhamos ...dentro do milênio.

Quando lemos volumes como o seu, reunião de estudos, pesquisas, cotêjos, notícias do real-imediato e popular, é que vemos a estrada andada há poucos anos. Quanto nos libertamos do matutismo, do anedotário, do curioso, do engraçadinho, do pseudo-local, para mostrar a universalidade do regional e a contemporaneidade do passado, raízes velhas sustentando as flores presentes aos nossos olhos de agora.

Com o MEDICINA POPULAR, já fizera V. trabalho sólido e definitivo, colheita indispensável para a visão futura do conjunto. Essas suas pesquisas, com o afeto seu e de companheiros como V. estão salvando, guardando, conservando o hoje, para o amanhã analisador dos laboratórios da Ciência do Homem.

Um bom e grande abraço de saudação, de parabéns, de congratulações festivas ao jovem e brilhante mestre da demopsicologia cearense, cearense ? brasileira...

seu velho e grato-

Luiz de Camargo Costa

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Natal, -IV-1960

*Meu caro Eduardo Campos*

O seu ESTUDO DE FOLCLORE CEARENSE é um documentário inseparável de qualquer bibliografia honesta no plano da especialidade. Não apenas, e seria suficiente, há o registo excelente, completo e claro, com a naturalidade de quem viu e a precisão de quem compreende, como o estudo sereno e ágil que amplia o temário para a inteligência dos que não tiveram as alegrias visuais da assistência direta.

Certo é que, como há tanto tempo venho dizendo, todo folclorista é um pesquisador da *sua* Etnografia. Caju, cerâmica, repastos, reima, são índices dessa atividade que se afirmou na conquista de informações preciosas e atuais. A limitação do Folclore oral, literatura popular, crenças, é um processo compressor inaceitável para nós. Ou vamos ao Homem na totalidade, na integridade do seu espírito e na normalidade de sua paisagem ambiental, ou teremos uma especialização erudita e destinada aos astros da sublimação sintética. Nós não estamos nessa fase e naturalmente para ela caminhamos... dentro do milênio.

Quando lemos volumes como o seu, reunião de estudos, pesquisas, cotejos, notícias do real- imediato e popular, é que vemos a estrada andada há poucos anos. Quantos nos libertamos do matutismo, do anedotário, do curioso, do engraçadinho, do pseudo-local, para mostrar a universidade do regional e a contemporaneidade do passado, raízes velhas sustentando as flores presentes aos nossos olhos de agora.

Com a MEDICINA POPULAR, já fizera v. trabalho sólido e definitivo, colheita indispensável para a visão futura do conjunto. Essas suas pesquisas, com o afeto seu e de companheiros como v. estão salvando, guardando, conservando o *hoje*, para o *amanhã* analisador dos laboratórios da Ciência do Homem.

Um bom e grande abraço do saudação, de parabéns, de congratulações festivas ao jovem e brilhante mestre da demopsicologia cearense, cearense? brasileira...

seu velho e grato

*Luís da Câmara Cascudo*

Natal, 17-II-1969



meu querido Eduardinho.

V. desfolhou todos os roseirais cearenses para cobrir-me de pétalas. Estou perfumado para toda a eternidade funcional.

Grato, muito grato, pela delicadêsa de sua ternura e generosidade do afeto. Deus lhe dê aos 70 anos as mesmas almas sensíveis que encontrei no meu crepusculo.

Agora, Eduardinho, uma missão melancolica. Informe-me a data do falecimento do Renato Braga e, sendo possivel, o ano em que nasceu. Estou desolado com a noticia de sua morte, sabida hoje, agora, pelo salesiano cearense Padre Paixão.

Um abraço do seu

Camara Casado

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Natal, 17-11-1969*

*Meu querido Eduardinho.*

V. desfolhou todos os roseirais cearenses para cobrir-me de pétalas. Estou perfumado para toda a eternidade funcional.

Grato, muito grato, pela delicadeza de sua ternura e generosidade do afeto. Deus lhe dê aos 70 anos as mesmas almas sensíveis que encontrei no meu crepúsculo.

Agora, Eduardinho, uma missão melancólica. Informe a data do falecimento do Renato Braga e, sendo possível, o ano em que nasceu. Estou desolado com a notícia de sua morte, sabida hoje, pelo salesiano cearense Padre Paixão.

Um abraço do seu

*Câmara Cascudo.*



Natal, 25-XI-1969.

EDUARDINHO.

Saudação e beijo apostólico.

Desde o primeiro minuto desse 1969 estou "fazendo" um diário. Terminará com o primeiro foguetão do NOVO ANO..

Mando à sua resignada bondade uma copia do registro de 7 de novembro, trigessimo dia do falecimento de meu pobre Rogaciano.

Queria explorar a V. prestando essa homenagem mi-xuruca. Publicando, mande um exemplar do complacente jornal para este seu

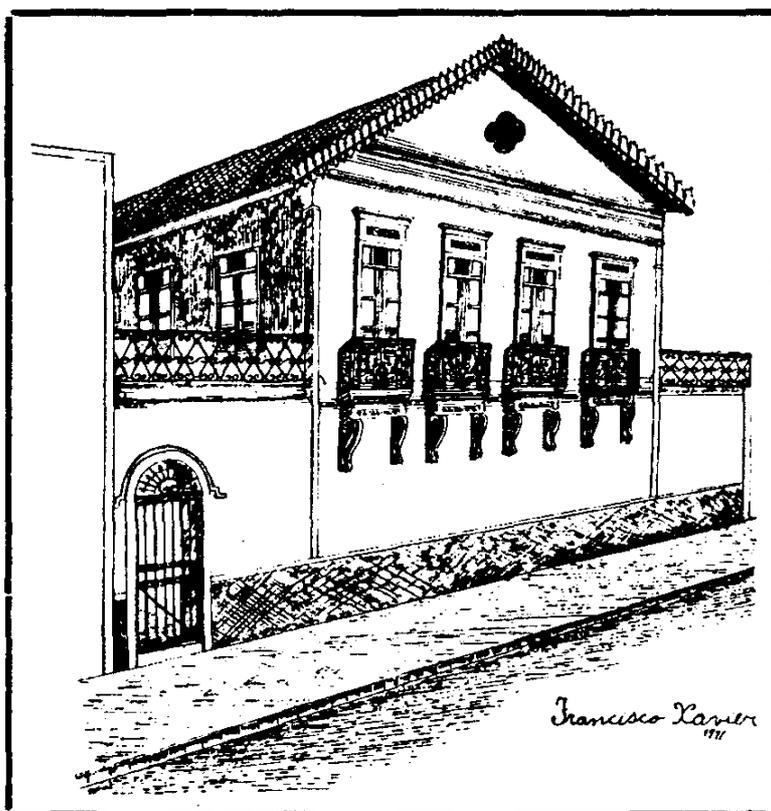
*Com amor  
Eduardo*

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

EDUARDINHO amigo. Muito agradecerei V. representar-me no lançamento do A B C DO FOLCLORE, do nosso Filgueira Sampaio. Não me é possível aceitar o carinhoso convite, rever Fortaleza e suas novidades sucessivas. Lembre-me recorrer á sua bondade. Viva a sua radiosa mocidade a senectude desse seu velho e fiel amigo

*Câmara Cascudo*

Natal, 23-2-74. Recebeu o meu SOCIOLOGIA DO AÇUCAR ?  
Enviei em meados do defunto 1971.



*Residência do Escritor Luis da Câmara Cascudo -  
Rua Junqueira Aires, 377 - Natal - Rio G. do Norte  
— Brasil —*

Homenagem de Francisco Xavier e do velho Thaville

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Natal, 26-XI-1969*

*Eduardinho.*

Saudação e beijo apostólico.

Desde o primeiro minuto desse 1969 estou “fazendo” um diário. Terminará com o primeiro foguetão do NOVO ANO.

Mando à sua resignada bondade uma cópia do registo de 7 de novembro, trigésimo dia do falecimento do meu pobre Rogaciano.

Queria explorar a V. prestando essa homenagem mixuruca. Publicando, mande um exemplar do complacente jornal para este seu

*Câmara Cascudo.*

*Natal, 23-2-74*

Eduardinho amigo. Muito agradecerei v. representar-me no lançamento do *ABC do FOLCLORE*, do nosso Filgueira Sampaio. Não me é possível aceitar o carinhoso convite, rever Fortaleza e suas novidades sucessivas. Lembre-me recorrer à sua bondade. Viva a sua radiosa mocidade a senectude desse seu velho e fiel amigo.

*Câmara Cascudo.*

Recebeu o meu *Sociologia do Açúcar*? Enviei em meados do defunto 1971.

Toda vez em que eu ia ao Rio de Janeiro, não deixava de procurar o poeta em sua sala de trabalho no Ministério da Educação. Fui lá, inaugurando minhas visitas, acompanhado do pintor Antônio Bandeira, pois me achava sem jeito, a receio de desagradar o poeta. Mas Carlos Drummond sempre haveria de acolher-me com inenarrável simpatia. E o Ceará? E Clã? E, eu feliz, dava-lhe boas notícias de tudo.

Rio, 8 maio 1968.

Obrigado, meu caro Eduardo Campos, pela oferta de "As Danações" (que agradeço tão tarde, desculpe) e "O Abutre". Com a alegria de retomar um velho e afetuosos contatos, tive a de encontrar o contista na posse plena de seu dom e ofício, maduro, sábio/sabido, pessoal.

Um abraço amigo do seu Carlos Drummond de Andrade

Rio, 29 de setembro de 1942.

Prezado Eduardo Campos :

Sua carta de 4 de setembro fala de outra, anterior, que não recebia.

Fiquei contente com as notícias da atividade intelectual que vocês estão desenvolvendo aí e que promete transformar-se em edições e em teatro experimental. Essas idéias são realmente boas. e se alguma

conselhos e apenas diz estas coisas porque você tocou no assunto.

Aqui estou, com uma grande simpatia e uma grande vontade de aplaudir a turma do Ceará. Um abraço cordial do

Carlos Drummond

Obrigado, meu caro Eduardo Campos, pelo conto de "O Trepal das Coisas", e pelas palavras amigas de dedicação. Já me acostumei a admirar Você na totalidade de seus dons literários, e sobretudo o de contista, que sabe flagrar a vida e narrá-la, fixando o essencial de um tipo ou de uma situação. O livro de agora mostra-o na força da arte. Com um atraso afetuosos, a velha e grande estima de seu

Carlos Drummond de Andrade

Rio de Janeiro,  
30 de junho de 1970.

*Rio, 8 maio 1968*

Obrigado, meu caro Eduardo Campos, pela oferta de “As Danações” (que agradeço tão tarde, desculpe) e “O Abutre”. Com a alegria de retomar um velho e afetuoso contato, tive a de encontrar o contista na posse plena de seu dom e ofício, maduro, sábio/sabido, pessoal.

Um abraço amigo do seu

*Carlos Drummond de Andrade.*

*Prezado Eduardo Campos*

Sua carta de 4 de setembro fala de outra, anterior, que não recebi.

Fiquei contente com as notícias da atividade intelectual que vocês estão desenvolvendo aí e que promete transformar-se em edições e em teatro experimental. Essas idéas são realmente boas, e se alguma coisa vocês conseguirem realizar, terá bastado para justificar o barulho prévio que fizeram.

Sôbre o Congresso, acredito que vocês se tenham divertido em fazê-lo, mas confesso que não compreendo o sentido e o alcance do empreendimento. Avalio bem, por tê-lo experimentado, o valor da convivência literaria, que excita o espírito e ajuda a viver, mas a verdade é que a produção intelectual propriamente dita resulta da solidão, pelo seu caracter individualista, e exclue toda idéa de congressos. Desculpe o ceticismo de um mais velho, que não quer dar conselhos e apenas diz estas coisas porque você tocou no assunto.

Aqui estou, com uma grande simpatia e uma grande vontade de aplaudir a turma do Ceará. Um abraço cordial do

*Carlos Drummond*

Chico (Francisco) Pereira da Silva, o dramaturgo que o Piauí deu ao Brasil. Senhor da arte de escrever, simples e expressiva criatura de afeições despachadas como a que me dedicou. Conheci-o por intermédio de outro destacado homem de teatro: Haroldo Serra. E foi amizade que cultivei me sentindo sempre bastante honrado.

Rio, Dez. 79

Meu caro Eduardo Campos - já conhecia - através da "Comédia Cearense" - "O Morro do Ouro" e "Rosa do Lagomar". Foi algum tempo vice a encenação do "Morro" no Teatro Senec, do Rio, e a peça, no "Cecily Becher", "Rosa do Lagomar". Acredite, fiquei feliz. Foi

Você teve a sorte de entregá-las a um grande Homem de Teatro, que é o nosso Haroldo Serra. O sucesso foi espetacular. A "Rosa" desbancou as bestalhas do Rio. Seu velho amigo - amigo mesmo - Chico Pereira da Silva!

Rio, fev. 79

*Meu caro Eduardo Campos,*

já conhecia – através da “Comédia Cearense” – “O Morro do Ouro” e “Rosa do Lagamar”. Faz algum tempo vi a encenação do “Morro” no Teatro Senac, do Rio, e agora, no “Cacilda Becker”, “Rosa do Lagamar. Acredite, fiquei feliz. Foram duas excelentes encenações, seus textos fluem maravilhosamente. Também você teve a sorte de entregá-las a um grande homem de teatro, que é o nosso Haroldo Serra. O sucesso foi espetacular. A “Rosa” desbundou os bobalhões do Rio. Seu velho amigo – sincero mesmo.

*Chico Pereira da Silva*

Rio, 04.06.83

Meu caro Eduardo,

perdi-me por não ter escrito, ainda. É que eu estava  
meio sem tempo para ler e te falar de "Viagem do Verde".

Ensaio, você o diz, deslocando a dor, porque é logo que  
dói muito. Corações sangrando! A linguagem é grave, melítrica,  
clássica. Sei que foi a melhor forma que encontrei para tanto  
to sério. Nela nada há de corriqueiro. A solidão é a  
matéria. Nesse verde que se torna preto, nesse arbusto que se  
torna gramínea, movimenta-se, como numa fita, a de-  
scolada paisagem da minha juventude sertaneja: galhos  
negros, o céu, a nuvem, o sol, a louca ossada, o homem.  
Tudo isso me ~~faz lembrar~~ emociona. Lembro-me, mesmo,  
em 32, espantado com o que via em Campo Maior - a minha  
cidadezinha de campo e camaráis - era um céu tão de  
alumínio, era um sol como a imensa roda do Aldeir, fo-  
fo de cept. Dia após dia - do nascente ao poente - na ininte-  
vel curva equatorial. E do amanhecer ao sol se pôr, o vôo,  
esquadilhas seguidas esquadilhas, "miriades" de corações be-  
lêndos, de asas tremeluzas: as avoantes. Minha primeira pe-  
ca de teatro a ser encenada (no Suse do Paschoal, 1952) trata-  
va do bura seco e ditadura feudal. Era uma adaptação  
de Electra para uma cidadezinha do Nordeste. E dela, nada me  
lembro de frases ~~de Electra~~ e o vento viva ~~como~~  
um caçono doído, "as avoantes voam no vento e as acouás  
craem mortas". Em 32, na minha terra, as avoantes possuíam  
nos insetos com os ou à volta de pequenos açudes, e os jo-  
ões as matavam a pauladas, ou em terraças ou ~~em~~ espín-  
gardinhos de chumbos enfiados. ~~Seu~~ De pauladas, suas vísceras contra-  
das e secas, eram dependentes em varas ~~em~~ a verde.

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Rio, 04.06.83

*Meu caro Eduardo,*

Perdoe-me por não te ter escrito, ainda. É que andava meio sem tempo para ler e te falar de "Viuvez do Verde".

Ensaio, você o diz, disfarçando a dor, por que é troço que dói muito. Coração sangrando! A linguagem é grave, contida, clássica. sei que foi a melhor forma que encontrou para tema tão sério. Nela nada há de corriqueiro. A sobriedade é a marca. Nesse verde que se torna pardo, nesse arbusto que se torna garrancho, movimenta-se, como nem filme, a degolada paisagem da minha juventude sertaneja: galhos negros, o céu, a nuvem, o sol; a branca ossada, o homem. Teu livro me emocionou. Lembro-me, menino, em 32, espantado como que viu em Campo Maior - a minha cidadezinha de campos e carnaubais - era um céu cor de alumínio, era um sol como a imensa roda do Aldemir, fogo de cegar. Dia após dia - do nascente ao poente - na inimitável curva equatorial. E do amanhecer ao sol de por, o vão, esquadrilhas seguindo esquadrilhas, "mirarges" de corações batendo, de asas tremulando: as avoantes. Minha primeira peça de teatro a ser encenada (no Duse do Paschoal, 1952), tratava do tema seca e ditadura jetulista. Era uma adaptação da Elechá para uma cidadezinha do Nordeste. E dela, inda me lembro de frases "e o vento uiva como um cachorro doido", "as avoantes voam no vento e as acauãs caem mortas". Em 32, na minha terra, as avoantes procriavam nos imensos campos ou à volta de pequenos açudes, e os pobres as matavam a pauladas, ou em tarrafas ou com espingardinhas de chumbo miúdo. Depenadas, suas vísceras retiradas, e secas, eram dependuradas em varas, para a venda.

E os corrupiões, preto e amarelo gema, olhos azuis, é o pássaro mais belo - o nosso pássaro de fogo - que conheço, selvagem, o jeito, arisco. Pois até os corrupiões invadiram a cidade, e vinham pousar no nosso saguão à cata de alimento e água. Jogávamos mangas, cajú. Mas, meu Deus, pecando não peguei em alçapões e se debatiam e sangravam e amanheciam mortos. Uma criança inocente a cometer o seu crime. O que é o homem!

Deus! E os *cassacos* (retirantes)? Alojados no Morro de Caiçara. Dois médicos pagos pelo governo para dar "receitas e remédios" e o povo mobilizado com os "pratinhos de comida".

É os corruptores, pretos e amarelos gema, olhos azuis, e' o pé? sero mais belos - o nosso paísão de fogo - que eu conheço, selva, o jiló, aris. Pais até os corruptores invadiram a cidade, e virham pousar no nosso sequestro a' cá de alimento e a' pous. Já pávamos moufes, cajus. Mas, meu Deus, presub nos paper em alcapões e ~~alca~~ de detaliau e fap pavou e amoubeiam nois. Uma criança inocente a cometer o seu crime. O que é o homem!

Deus! É os casas (retirados)? Alojados no Mar de Coitar. Dois médicos paper pelo governo para dar "receitas e remédios" e o povo mobilizado com os "protulhos de Conide".

É os esmulos pelas portas: a família, um pedado de feijão, rapadura. É as crianças, vestes dos pedos, olhos de ar do mar cearense, ou dos vides castiços oculto, e de cabelos lauro, sujo, embarcado pelo pó e o suor. É de les, meninas de 12 anos, veis, prostituidas. "O vos omnes qui transit per viam / attendite, et videte..." É moica, vi, chorei por mim. Doi. Perdê a pilquice <sup>o lejar. comu</sup> <sub>o universo</sub>

da tua obra. Verdade é' que em 77 como 15 ou 32 ou hoje ~~o~~ medidas de circunstâncias: frentes de haballas, estada ou acaide, um fog de contê. O homem do poder cortinau homens do poder. Medidos? Discursos, gestos, diatribucas de ... aberturas de ... Probleme descaído. O a-ante, noques como nestes, a ostentação, o verde-que-te-fero-verde, a mulher, a água <sup>peço. Santo, Santo, Santo!</sup>

Eduardo, tarde da noite, q' <sup>foi de</sup> papel escaído. Pau to apodocar o pedido e a chegada em tempo rápido de bibliof. de S. Francis do Conide (e o' apora um manifest, verjante). Ainda desaj fogr a peis: Assis - Conide - A Pobreza. Sim, apesar de avançado em anos, espis a face de um pouco de saúde, lucidez e alegria me continuar.

Meus parabéns, seu abraço do seu Chico.

E os esmoleres pelas portas: a farinha, um punhado de feijão, rapadura. E as crianças, vestes rasgadas, olhos da cor domar cearense, ou das verdes caatingas outrora, e de cabelos louros, sujos, embaraçados pelo pó e o suor. E delas, meninas de 12 anos, creio, prostitutas. “Os vos omnes feri transitis per viam/attendité, et videte...” E criança, vi, chorei por mim. Doi. Perdoe a piequice, o lugar-comum, o universo da tua obra. Verdade é que em 11 como 15 ou 32 ou hoje as medidas são circunstanciais; frentes de trabalho, estrada ou açude, um faz de conta. Os homens do poder continuam homens do poder. Medidas? Discursos, gestos, distribuição de... abertura de... Problema descartado. O acinte, naqueles como nestes, a ostentação, o verde-que-te-queiro-verde, a chuva, a água fresca. Santo, Santo, Santo!

Eduardo, tarde da noite, o papel escasseando. Para te agradecer, o pedido e a chegada em tempo rápido da bibliografia de São Francisco do Canindé (e só agora me manifesto, vergonha). Ainda desejo fazer a peça: Assis-Canindé - A Pobreza. Sim apesar de avançado em anos, espero a graça de um pouco de saúde, lucidez e alegria pra continuar.

Meus parabéns. Um abraço do seu

*Chico.*

Mauro Mota, além de meu admirado, como poeta, era casado com Hermantine, irmã de Heldine, minha esposa. Outra razão para o clima de afeição que nos uniu sempre. Indo ao Recife, ia encontrá-lo no "Diário de Pernambuco", a animar o mais credenciado suplemento literário da região. Fui hóspede em sua casa, em momento de previsível drama, o passamento da bela Hermantine, a ocorrer não muito depois. O momento o inspirou a escrever as mais famosas elegias que conheço. Ah, quanta dor, quanta saudade! E também quanta beleza na dor e nessa saudade!

201146

Meu caro Eduardo Campos:

Certamente você não me julga um respetado. Conheço os motivos que me impediram de responder mais em tempo e a certa altura do fim da epist. Minha mulher adoeceu gravemente, exigindo até mesmo uma assistência constante, a ponto de levar-me a interromper o programa de vida normal. Foi a doença de Hermantine que determinou a ida ao Recife ao prop. Natal e a de novo, como adicionei a minha amiga. A outros falei demoradamente sobre você, manifestando a certeza de uma impressão de profunda simpatia intelectual e moral. Sobre de um modo geral com respeito a você "o chefe da escola positivista no Brasil", ~~uma~~ apaturo e político e ~~certamente~~ uma hierarquia de ~~uma~~ uma ~~vaga~~.

A sua notícia valeu um juízo de voto sobre a vida e o aproximado. Foi em segundo de primeira ordem. dividido as felicitações entre meditação e você, peço.

Muito lembranças aos seus amigos antigos, gracia e colores - velhos companheiros do tole-papo no praça de Ferreira e do tole tole e mais na horas.

Apri e tole na suas disposições.  
o peço na 17  
obras apri na de seu  
você

EDUARDO CAMPOS -- 80 ANOS

26. 11. 46

*Meu caro Eduardo Campos:*

Certamente você não me julga um descortez. Conhece os motivos que me impediram de responder mais em tempo a sua carta de fins de agosto. Minha mulher adoeceu gravemente, exigindo de mim uma assistência constante, a ponto de levar-me a interromper o programade vida normal. Foi a doença de Hemantine que determinou a ida ao Recife do prof. Vatouais e da Maria, uma dedicada e sincera amiga. A ambos falei demoradamente sobre você, manifestado e observado uma boa impressão de franca simpatia intelectual e pessoal.

A sua noticia valeu um furo. De nada sabia ainda sobre a aproximação. Tive ainda noticas suas no Recife, atravez de Calmon e do dr. Paulo Cabral que conheci pessoalmente com grande satisfação. Disse-me o Calmon que você será o diretor artistico da emissora de Fortaleza. Desejo-lhe, meu caro Eduardo, uma grande carreira nos Diários e Rádios Associados.

Muitas lembranças aos nossos amigos Aluizio, Girão e Colares – velhos companheiros do “bate-papo” na Praça do Ferreira e do “bate-papo” na praia de Iracema.

Aqui estarei à sua disposição até o próximo dia 17.

Abraço afetuoso do seu amigo

*Mauro Mota*

à sua adalfo tirne. Decorram e  
 nele no intuito e veja o que é. O  
 aplauso escrito no livro de usantes  
 artigos e mais artigos contra e a favor  
 nos jornais. Brigas de boca e de  
 punho. Seccional de redação  
 e de mesa em substituição para  
 fazer sobre o tema. Não temo castigo  
 nos temo esperança de anuopago  
 um quadro de aires para me e  
 Redinha: - Então já deu o resultado  
 definitivo em "Viagem definitiva" ?  
 com capital para o vosso suplemento  
 tentamos os vossos fogos e a todo o  
 assunto. Em um último abraço o meu saudade

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Meu caro e grande Manuelito:*

Sou realmente um sujeito um bocado sem ordem na correspondência, mas hoje vou ficar em dia com você. A sua carta de 27 de Julho foi o pagamento de uma dívida atrasada. Era você quem me devia aquilo que um literato municipal (meu conterrâneo) bíblicamente chama de epistola. Soube que os seus entendimentos com o Hermilo Borba passaram a ser diretor.. Tudo ok. Gostei 100% das notícias sobre o movimento ai que tem no querido amigo uma das suas figuras máximas. Não quero fazer rapapé quando acho uma causa fabulosa o que vocês estão fazendo. É uma obra para a historia do Ceará, não resta a menor dúvida. Você, Braga, Aluizio, Girão, Fran, Colares, Climaco, e os demais do grupo assumiram uma responsabilidade extraordinaria nos destinos da nossa literatura. Podemos ficar certos de que não existiu nem existe entre nós nada que supere Clã como revista de cultura. Com todos esses elementos cabe a subordinação ao Rio, meu caro Manuelito? Devemos reagir sem espalhafato, mas reagir. Nada de receber ordens de certos criticos o que podemos fazer é discutir com eles em pé de igualdade. Jamais considera-los mestres só porque eles são do Rio e nós somos de Fortaleza e do Recife. Junto uma das valiosas que escrevi sobre isto na cabeça da mesma seção. Gostaria que você e os companheiros daí dissessem francamente se concordam ou divergem – o assunto do dia do Recife é a exposição de Cicero Dias na Faculdade de Direito. Quadros e mais quadros pintados ou mesmo “marginados” em Paris. Romarias diarias à Pça Adolfo Cirne. Desaforos e aplausos escritos no livro de visitantes. Artigos e mais artigos contra e a favor nos jornais. Brigas de boca e de murro. Sensacional mesa redonda que houve ante-ontem. Não tenho certeza, mas tendo esperança de amarrar um quadro de Cicero para você e Nedinha. Então já deu os retoques definitivos em “Viagem definitiva”? Deve ser o que esperamos de você. Mande uns capitulos para o nosso suplemento.

Lembranças ao vosso sogro e a toda a familia, à frente Nedinha e o poeta Eduardo Augusto. Com um afetuoso abraço o amigo

*Mauro Mota*

meu caro Manuelito: se levamos em conta as  
anteriores, não é com otimismo que respeito a  
sua carta do dia 21 de outubro. Fostei  
muito das notícias sobre você mesmo. Animo  
a distância é difícil perceber a evocação  
com que aconforto era votou a carreira,  
a luta em que você se enfrenta para  
abrir caminho no mundo. Alegrou-me  
particularmente a comunicação sobre "a viagem  
definitiva": Segundo a sua promessa, já  
pra tempo de ter chegado aqui "Alicia, me  
dê o seu". Esperei-o com ansiedade para  
dar-lhe o merecido destaque em nosso  
suplemento. A propósito de publicação  
depois esclarecer com toda franqueza que não  
fostei omissos versos à última carta,  
pretendendo publicá-los aí. Apenas atendi  
a um pedido do escritor Eduardo Campos.  
A leitura, se houver, não deve passar  
animo desse jovem e grande somen de letras,  
Receba com meus beijos de  
Luciana e Roberto e abraços do amigo  
curioso e admirador seu

Recife 12.11.1947

*Recife, 12 – 11 – 947*

Meu caro Manuelito: Se levamos em conta os antecedentes, não é com atraso que respondo a sua carta do dia 21 de outubro. Gostei muito das notícias sobre você mesmo. Assim à distancia é difícil perceber a emoção com que acompanho essa notável carreira, a luta em que você se empenha para abrir caminho no mundo. Alegrou-me positivamente a comunicação sobre "A vaigem definitiva". Segundo a sua promessa, já era tempo de ter chegado aqui "Alice, me dê amor". Espero-o com ansiedade para dar-lhe o merecido destaque em nosso suplemento; A propósito de publicação, desejo esclarecer com toda franqueza que não juntei uns versinhos à última carta, pretendo publica-las aí. Apenas atendi a um pedido do escritor Eduardo Campos, a leitura, se houve, não deve passar assim desse jovem e grande homem de letras e, quando muito, dos nossos amigos através de sua carta a Edson Regis, tomei conhecimento da chegada da "Região"; o que achou da revista do bravo poeta atualmente funcionando como sub-secretário? Algumas falhas serão eliminadas no número em preparo, mesmo porque você colabora nele.

Zéolimpio já tenha notificado, em carta recente, a remessa das edições para você. Dentro de pouco tempo, você terá livros para toda a família e poderá até organizar uma pequena biblioteca para o herdeiro. Não deixe de enviar regularmente à Livraria os recortes das notas e artigos de propaganda. Estou em falta com o vosso amigo João Climaco. Recebi uma carta dele para interferir junto ao Zéolimpio no caso do livro, numa época em que eu nada via senão cuidar de Hermatine, da ferida e desventurada Hermatine. Acompanhe com todo carinho a chegada da gravidez da Nedinha. Numa coisa essencial é o exame de urina ao menos de 30 em 30 dias. Se quiser recorrer – faça isso ou outra coisa qualquer – aos médicos daqui encontro-me à sua inteira disposição. No primeiro caso, mande o material pelo aéreo e avise por Telegrama Western.

Nas condições dos poemas anteriores, junto a Elegia n. 3 e o recorte dum artigo sobre a minha primeira professora que ensinou também a D. Vieira. Peça passar-me o recorte depois.

Receba para Nedinha beijos de Luciana e Roberto e abraços do amigo, cunhado e admirador.

*Mauro Mota*

Djaci Menezes já se impunha ao Brasil com inteligência fulgurante. Um grandalhão de gestos amáveis, quando vinha ao Ceará despertava a atenção de seus conterrâneos. A carta que me fez, registrando o recebimento de meu livro sobre medicina popular, encantou-me... Não era de elogiar com tamanho entusiasmo, circunstância que me fazia mais próximo dele e da vigorosa obra que escreveu.

Rio, 14. out. 951.

Prezado Eduardo Campos.

Já andamos aplicando algumas receitas do seu dicionário de "Medicina Popular" - e o cachorro quase morre. De onde concluímos que o inacionais nas costas é a causa da intriga médica do nosso maluco, que José Gripido chamava delicadamente de "boto, burro e bravo". Ah, véio, é uma brava e burro medicina agulha.

O que surpreende no seu livro é a flaqueza da linguagem e da intuição, quero dizer, do "espírito" que anima as palavras. Ninguém pode dizer que você escreveu o livro no gabinete, nem mesmo na nossa "ditosa pátria minha amada",

quando, no domo mortal, os profundos nobres orifícios e deixam a inteligência sempre fechada. Cordial abraço do

Djaci Menezes

Rio, 14. out. 951

*Prezado Eduardo Campos.*

Já andamos aplicando algumas receitas do seu Dicionário de “Medicina Popular” – e o cachorro quase morre. De onde concluímos que os irracionais não estão à altura da intuição médica dos nossos maiores, que João Brígido chamava delicadamente de “bons, burros e bravos”. Às vezes, é uma brava e burra medicina aquela.

O que surpreende no seu livro é a fragrância da linguagem e da intenção, quero dizer, do “espírito” que anima as palavras. Ninguém pode dizer que você escreveu o livro no gabinete, nem mesmo aí nessa “ditosa pátria minha amada”, que é a gloriosa praça do Ferreira, onde fiz o meu lastro da resistência cívica (sabe v. lá o que é isso! V. não pegou o tempo do Mallmann, do Moesia, de outros aimorés). V. escreveu no sertão mesmo, ao que parece. Está toda página cheirando e fedendo a sertão (há do bom e do mau, no sertão; nas páginas, só do bom).

Faça mais. Escreva sempre. Fortaleça o vício de escrever, como outros fortalecem o de furtar. Ambos são artes, como pensava o padre Vieira depois do estado, que se atribue tenha sido na cabeça, quando, nos demais mortais, são produzidos noutros orifícios e deixam a inteligência sempre fechada. Cordeal abraço do

*Djacir Menezes*

José Condé mantinha seção literário no "Correio da Manhã", nome firme no cenário nacional das letras. Sem dúvida grande estimulador de intelectuais provincianos como eu. Abriu-me as páginas do jornal. Fui entrevistado mais de uma vez. E não apenas se oferecia para ajudar, ajudava mesmo.

*Editôra*  
**CIVILIZAÇÃO**  **BRASILEIRA**  
*S.A.*

RUA 7 DE SETEMBRO, 97 - TELEFONE 42-4144 - END. TEL. "CIVILIZAÇÃO" - RIO DE JANEIRO - GB - ZC - 21

Rio, 19.i.967

Meu caro **Eduardo** Campos:

Sua entrevista, que me fôz entregue pelo Ermenegildo, saiu publicada na minha seção, no Correio da Manhã. ~~Na mesma coluna dei~~ Na mesma coluna dei ainda duas notas sôbre seu romance. Não lhe enviei os recortes, porque o Hermê encarregou-se de fazê-lo, no que não acredito muito. De qualquer modo (tenha um pouco de paciência), vou tentar recuperar os recortes e os enviarei. Assim como excelente nota publicada pelo Valdemar Cavalcanti no suplemento do referido Correio. Não estou mais no SIRP. Qualquer coisa que deseje, escreva para minha residência: Rua Ministro Viveiros de Castro, 41 - apto. 201 - ZC - 07. E querendo transcrever qualquer artigo no Correio, é só mandar o recorte. Aproveito a boa vontade do glorioso poeta e ficcionista Pinto - que já deveria estar ocupando uma cadeira na Academia Cearense, - para lhe remeter meu novo livro. Dentro de poucos dias, em vez de um bilhete apressado como êste, lhe escreverei com mais calma.

Receba o abraço afetuoso do seu velho camarada e admirador,

*Zé Condé*

PS - Seu romance é a melhor coisa que você escreveu até hoje

Rio, 19.i.967

*Meu caro Eduardo Campos:*

Sua entrevista, que me foi entregue pelo Ermenegildo, saiu publicada na minha seção, no *Correio da Manhã*. Na mesma coluna dei ainda duas notas sobre seu romance. Não lhe enviei os recortes, porque o Hermê encarregou-se de fazê-lo, no que não acredito muito. De qualquer modo (tenha um pouco de paciência), vou tentar recuperar os recortes e os enviarei. Assim como excelente nota publicada pelo Valdemar Cavalcanti no suplemento do referido *Correio*. Não estou mais no SIRP. Qualquer coisa que deseje, escreva para minha residência: Rua Ministro Viveiros de Castro, 41 – apto. 201 – ZC – 07. E querendo transcrever qualquer artigo no *Correio*, é só mandar o recorte. Aproveito a boa vontade do glorioso poeta e ficcionista Pinto – que já deveria estar ocupando uma cadeira na Academia Cearense, – para lhe remeter meu novo livro. Dentro de poucos dias, em vez de um bilhete apressado como este, lhe escreverei com mais calma.

Receba o abraço afetuoso do seu velho camarada e admirador,

*Zé Condé*

PS – Seu romance é a melhor coisa que você escreveu até hoje.

Eleazar de Carvalho mereceu, como poucos, as homenagens que lhe foram prestadas quando visitou o Ceará. Para a Ceará Rádio Clube escrevi e li crônica de amizade e louvor ao grande maestro, artista de cativante simpatia, com quem me avistaria mais de uma vez, fascinado por sua simplicidade. A carta que me escreveu é documento perturbador. Vale a pena ser relida vagarosamente.

New York, Agosto 1946

Meu caro conterrâneo  
Manuelito Eduardo

Estou regressando da cidade de Lenox situada no Estado de Massachusetts, onde estive 2 meses, realizando uma série de concertos, sob os auspícios da sociedade "Boston Symphony Orchestra".

Entre a correspondência recebida do Brasil, encontrei a cópia de um "speech" que V. pronunciara na P.R.E. - 9.

A leitura desta pequena peça literária, me comoveu às lágrimas, meu querido patricio.

Eu não sabia que o meu interior era tão patriótico, e, ao mesmo tempo, tão bairrista.

*New York, Agosto 1946*

*Meu caro conterrâneo*

Manuelito Eduardo

Estou regressando da cidade de Lenox situada no Estado Massachussetts, onde estive 2 meses, realizando uma série de concertos, sob os auspícios da Sociedade "Boston Sinfony Orchestra".

Entre a correspondência recebida do Brasil, encontrei a cópia de um "speech" que V. pronunciará na P.R.E-9.

A leitura desta pequena peça literária, me comoveu às lágrimas, meu querido patrício.

Eu não sabia que o meu interior era tão patriótico, era mesmo, tão bairrista.

Fui ferido à fundo pela sua pena. Uma ferida, porém, que não se cura com os remédios materiais. Senti uma dôr profunda. Uma espécie de dôr que eu ainda não conhecia. A dôr da saudade.

Realmente, os 20 anos que estive auzente do Ceará, não bastaram para produzir uma sensação de melancolia tão forte, como estas suas palavras. E a dôr da saudade começou a dôer...

"Chenier" – o poeta soldado – da revolução francesa, diz na ópera "Andica Chenier" de Umberto Giordano: "– fiz da minha pena uma arma feroz contra o inimigo..." – e você, sem nada dizer previamente, fez da sua pena uma ponte, entre a minha gratidão, a minha emoção e a sua bondade!

A minha filosofia de sertanejo já me havia feito esquecer a viagem que fiz ao Ceará, após 20 anos de auzencia e as contrariedades que com ela surgiram e desapareceram. Porém me faz lembrar sempre o prazer de ter encontrado uma "turma" de jovens intelectuais dirigindo e executando um trabalho especializado, na P.R.E.9, do diretor ao discotecário, onde fui rodeado de gentilezas e de onde guardo uma bôa e agradável recordação.

Sim, amigo; eu ainda pertenço ao Ceará. Não sei porque, Porém sinto que sou um pedaço destas nossas matas do Ipú; um pouco d'água destes nossos verdes mares bravíos e mais, um brasileiro, um bom brasileiro.

Ja cantei os feitos dos nossos  
heróis pelas notas musicais de  
minhao. duas óperas; ja dessimi-  
nei a toada popular dos nossos  
"cantadores", pelas harmonizações  
e orquestrações do nosso folclore;  
e agora, projeto a música dos com-  
positores brasileiros nos meios  
norte-americanos onde está sendo  
ensurdecidamente aceita, através de  
minha pobre e inexpressiva re-  
gencia.

É tudo meu caro patricio.  
Atalá possa eu brevemente voltar  
ao Ceará, não para receber homena-  
gens na praça do Ferreira, mas  
para lhe agradecer pessoalmente  
e abraça-lo afetuosamente.  
Do patricio e  
amiso, Eliazar de Araújo

Já cantei os feitos dos nossos heróis pelas notas musicais de minhas duas óperas; já dessiminei a toáda popular dos nossos “cantadores”, pelas harmonizações e orquestrações do nosso folclore; e agora, projeto a música dos compositores brasileiros nos meios norte-americanos onde está sendo enormemente aceita, através de minha pobre e inexpressiva regencia.

E é tudo meu caro patrício. Oxalá possa eu brevemente voltar ao Ceará; não para receber homenagens na praça do Ferreira, más para lhe agradecer pessoalmente e abraçá-lo afetuosamente. Do patrício e amigo,

*Eleazar de Carvalho*

General do Exército, Dilermano Monteiro comandou a 10ª Região e soube se comportar com as personalidades, de militar respeitador e homem adestrado em boas leituras, de cultura. A carta que me escreveu tem a marca de inspirado homem de letras.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO



II EXÉRCITO  
COMANDO

S. Paulo, 22 de setembro de 1977.

Prezado Professor Eduardo Campos.

" Gigante pela própria natureza..." e por isso mesmo mais gigante que muitos outros, tenta-se levantá-lo do "berço esplêndido", mas sem as cautelas que tinha ANTEU, de, por vezes, jogar-se ao chão para re-vigorar-se.

Que fique deitado nosso Gigante, apalpan-do a terra, acariciando as matas, refrescando-se nos correios e rios, dormindo ao gorgear dos passaros, mas que se mantenha ANTEU sempre renovado, forte para se permitir devaneios progressistas tecnológicos, em doses condizentes com os lapsos de tempo necessários para enfrentar os titans da industrialização, tão ameaça-dores como Héracles.

As advertências contidas em "Complexo de ANTEU" são profundas e dignas de muita consideração, a menos que continuemos a apreciar jardins com flores de papel, o que nos impede de entender o poeta.

" ... em cada ninho um gorgueio,  
... abelhas em cada flor."

Muito grato, abraço seu

Gen Ex DILERMANDO GOMES MONTEIRO  
Cmt II Ex

*S. Paulo, 22 de setembro de 1977.*

*Prezado Professor Eduardo Campos*

“Gigante pela própria natureza...” e por isso mesmo mais gigante que muitos outros, tenta-se levantá-lo do “berço esplêndido”, mas sem as cautelas que tinha ANTEU, de, por vezes, jogar-se ao chão para revigorar-se.

Que fique deitado nosso Gigante, apalpando a terra, acariciando as matas, refrescando-se nos córregos e rios, dormindo ao gorjear dos pássaros, mas que se mantenha ANTEU sempre renovado, forte para se permitir devaneios progressistas tecnológicos, em doses condizentes com os lapsos de tempo necessários para enfrentar os titans da industrialização, tão ameaçadores como Hércules.

As advertências contidas em “Complexo de ANTEU” são profundas e dignas de muita consideração, a menos que continuemos a apreciar jardins com flores de papel, o que nos impede de entender o poeta.

“... em cada ninho um gorjeio,  
... abelhas em cada flor.”

Muito grato, abraços

*Gen. Dilermando*

Herman Lima

Herman Lima, escritor fora de série, digo e proclamo, ainda que pareça a frase um terrível lugar comum. Deu-se de encantos por mim. Pensem os leitores: - arranjava revistas que me pagavam para publicar meus contos. E ele mesmo - podem imaginar? -funcionava como meu procurador, recebendo os "cobres" e os mandando para mim,. Que maravilhoso homem de letras! Que grande amigo perdi!

Meu caro Eduardo Campos

Em Valença mesmo, havia recebido, de tornag viagem do Rio, sua carta de autorização. Seu amigo, o poeta Wilson Rocha, me mandou o livro de poemas, porem tive de deixar todos os livros na Bahia, para vinda posterior, por ter voltado de avião. Minha senhora que vira de navio, os trará.

Ontem recebi sua carta ultima, com as impressões sobre o meu artigo. Não exagerei nada, disse apenas o que me pareceu e me alegro que tenha gostado do que eu disse.

Peço-lhe mandar-me outro volume de Face iluminada, para tirar outros contos para a revista, porque o que você me mandou emprestei ao Zé Lins do Rego e nunca mais ele me devolverá.

Mandei aereo registado, n. 310, de 27 deste, seus 75 cruzeirinhos, como diz o Barbosa Junior. É preciso fazer jus a mais e para isso que quero seu livro. Não faz mal a ninguem, não é mesmo?

Bem. Por hoje, somente estas linhas. Até mais e conte com o apreço e a estima de

Rio, 29/1/47

seu conf. et  
Herman

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Rio, 29/1/47

*Meu caro Eduardo Campos*

Em Valença mesmo, havia recebido, de torna-viagem do Rio, sua carta de autorização. Seu amigo, o poeta Wilson Rocha, me mandou o livro de poemas, porem tive de deixar todos os livros na Bahia, para vinda posterior, por ter voltado de avião. Minha senhora que virá de navio os trará.

Ontem recebi sua carta ultima, com as impressões sobre o meu artigo. Não exagerei nada, disse apenas o que me pareceu e me alegro que tenha gostado do que eu disse.

Peço-lhe mandar-me outro volume de *Face iluminada*, para tirar outros contos para a revista, porque o que você me mandou emprestei ao Zé Lins do Rego e nunca mais ele me devolverá.

Mandei aereo registado, n. 310, de 27 deste, seus 75 cruzeirinhos, como diz o Barbosa Junior. É preciso fazer jús a mais e para isso que quero seu livro. Não faz mal a ninguem, não é mesmo?

Bem. Por hoje, somente estas linhas. Até mais e conte com o apreço e a estima de seu confrade

*Herman Lima*

Rua Peri 146,  
Jardim Botânico  
Rio, 16.4.67

Meu caro Eduardo Campos,

um afetuoso abraço.

Devido à sua solititude de sempre, já recebi a Terra da Luz. A ideia do livro é excelente, porém a verdade é que não houve muita uniformidade sobre a escolha, no tocante a se tornar mais representativo do Ceará o que aparece em suas páginas.

Assim dum exame rápido, parece que ficou uma fonte principal, a da Antologia Cearense, que, a despeito de tantas omissões que dariam para outro volume igual, como na hora se disse, é ainda a melhor coletânea de prosa e verso de nossa terra. No que me toca, achei quase extravagante a transcrição de um pedaço de um conto, que não dá ideia de nada, truncado como ficou. Mas, entendo que não fosse encontrado por aí algum exemplar de Tigipió, onde, de acordo com a restrição de espaço, era fácil achar alguma página descritiva, a seca, o inverno, paisagem das praias etc. como aliás tem sido feito já em outras antologias didáticas. Mas, sinto que nem a última edição do livro (da Organização Simões), nem as Imagens do Ceará são de muito conhecimento aí. Pode ser que agora as edições de ouro atinjam essas plagas, pois já saiu o volume de Tigipió e Garimpos vem logo mais. Dum modo geral, a ideia foi muito louvável e o livro está bem apresentado e interessante. Omissão de mais vulto me parece a de Carlos Gondim, que não poderia ficar de fora de maneira alguma. Isto porém é apenas um reparo de passagem. Continuo a esperar que Poeira do Tempo saia pro mês que vem, se Deus quiser. Fico também na expectativa de seus

livros, para quando possível. Muito obrigado por tudo e até breve, se Deus quiser.

*Beu, da coraçõs, de Maxson*

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Rua Peri, 146 – Jardim Botânico – Rio, 16.4.67*

*Meu caro Eduardo Campos, um afetuoso abraço.*

Devido à sua solicitude de sempre, já recebi a *Terra da Luz*. A idéia do livro é excelente, porém a verdade é que não houve muita uniformidade sobre a escolha, no tocante a se tornar mais representativo do Ceará o que parece em suas páginas.

Assim, dum exame rápido, parece que ficou uma fonte principal, a da *Antologia Cearense*, que, a despeito de tantas omissões, que dariam para outro volume igual, como na hora se disse, é ainda a melhor coletânea de prosa e verso de nossa terra. No que me toca, achei quase extravagante a transcrição de um pedaço de um conto, que não dá idéia de nada, truncado como ficou. Mas, entendo que não fosse encontrado por ai algum exemplar de *Tigipió*, onde, de acôrdo com a restrição de espaço, era fácil achar alguma página descretiva, a sêca, o inverno, paisagem das praias etc. como aliás tem sido feito já em outras antologias didáticas. Mas, sinto que nem a última edição do livro (da Organização Simões), nem as *Imagens do Ceará* são de muito conhecimento aí. Poder ser que agora as edições de ouro atinjam essas plagas, pois já saiu o volume de *Tigipió* e *Garimpos* vem logo mais. Dum modo geral, a idéia foi muito louvável e o livro está bem apresentando e interessante. Omissão de mais vulto me parece a de Carlos Gondim, que não poderia ficar de fora de maneira alguma. Isto porém é apenas um reparo de passagem. Continuo a esperar que *Poeira do Tempo* saia pro mês que vem, se Deus quiser. Fico também na expectativa de seus livros, para quando possível. Muito obrigado por tudo e até breve, se Deus quiser.

seu, de coração,

*Herman Lima*

J. Figueiredo morava no Maranhão, quando me escreveu. Anos depois viria para Fortaleza, onde aperfeiçoaríamos a amizade. Homem de vocação artística, senhor do pincel e primoroso participante de atividades artísticas do palco. Foi-me sempre fiel à leitura de tudo que faria daí por diante....



S. Luis, 20.6.50

Caríssimo Eduardo.  
Um abraço.

Recebi a sua magnífica peça em um ato, "O Anjo".

Os nossos amadores gostaram imensamente da peça.

Gostaria que o companheiro nos mandasse fotografias e notícias sobre O Demônio e a Rosa. Estamos ansiosos para vêr como foi realizada a montagem.

Eduardo, você que está criando uma nova técnica no teatro nacional, bem poderia escrever ~~na~~ uma peça para crianças.

Como você sabe, temos aqui um conjunto de estudantes, por mim dirigidos = "Teatrinho dos Novos" que ha poucos dias encenou uma peça de Lucy Teixeira, "Quem beija o leão?", em 3 atos, tendo alcançado grande sucesso.

Você meu caro Eduardo, poderia tentar uma peça para o nosso teatrinho. Vamos fazer uma ~~tentativa~~ experiência?

Aguardo a resposta.

..... J. Figueiredo .....

Rua Viana Vaz, 128. Maranhão.

S. Luis, 20. 6. 50

*Carissimo Eduardo.*

Um abraço.

Recebi a sua magnifica peça em um ato, "O Anjo".

Os nossos amadores gostaram imensamente da peça.

Gostaria que o companheiro nos mandasse fotografias e noticias sobre O Demonio e a Rosa. Estamos ansiosos para vêr como foi realizada a montagem.

Eduardo, você que está criando uma nova tecnica no teatro nacional, bem poderia escrever uma peça para crianças.

Como você sabe, temos aqui um conjunto de estudantes, por mim dirigidos – "O Teatrinho dos Novos", que ha poucos dias encenou uma peça de Lucy Teixeira, "Quem beija o leão?", em 3 atos, tendo alcançado grande sucesso.

Você meu caro Eduardo, poderia tentar uma peça para o nosso teatrinho. Vamos fazer uma experiência.

Aguardo a resposta.

*J. Figueiredo*

Rua Viana Vaz, 128. Maranhão.

Jehovah Mota, militar de firme liderança no Ceará. Apreendi de cedo a apreciar seus discursos, sua maneira de falar. Ausente do Ceará, durante anos perdi-lhe os passos, reencontrados depois de modo inesperado. Fez-se meu amigo. Mandou-me o livro que escreveu sobre o Exército. E contentou mais de perto, depois de tanto tempo, minha admiração.

Rio, 6, fev. 1977

Muito obrigado Eduardo Campos

Pelo Marcelo Borges tive conhecimento do seu artigo sobre o meu livro. E venho, agora, agradecer-lhe o juízo tão favorável que vc. fez do meu Trabalho. A verdade é que ambos assuntos têm muitas pontos de contacto, e daí a tendência que temos de gostar de tudo que um de nós vê o outro fazer. De qualquer forma vc. foi muito generoso comigo e só não lhe agradeço, sinceramente, por isso, porque, afinal, as suas palavras me valerão muito como estímulo aos meus novos trabalhos visando meus Trabalhos. A sua opinião é daquela que empurra a frente para a frente pelo que há nela de sinceridade e oportunidade. E a mim me cabe dizer-lhe: "muito, muito obrigado!"

Em junho ou julho retornarei ao Ceará, então pare-me uma cidade mais demorada. Terei tempo, assim, para um encontro mais longo com vc., com oportunidade para falarmos sobre seus livros, seus planos, suas lutas, etc. lá!

Cordalmente,

Jehovah Mota

- J. Cordeiro 57 ep. 902 -  
Ilheus - Rio

Rio, 6, fev. 1977

*Muito prezado Eduardo Campos*

Pelo Murilo Borges tive conhecimento do seu artigo sobre o meu livro. E venho, agora, agradecer-lhe o juízo tão favorável que vc. fez do meu trabalho. A verdade é que nossos espíritos têm muitos pontos de contacto, e daí a tendência que temos de gostar daquilo que um de nós vê o outro fazer. De qualquer forma vc. foi muito generoso comigo e só não lhe repreendo, severamente, por isso, porque, afinal, suas palavras me valerão muito como estímulo ao iniciar novas pesquisas visando novos trabalhos. A sua opinião é daquelas que empurram a gente para a frente pelo que há nela de sinceridade e espontaneidade. E a mim me cabe dizer-lhe: "muito, muito obrigado!"

Em junho ou julho retornarei ao Ceará, então para uma estada mais demorada. Terei tempo, assim, para um encontro mais longo com vc., com oportunidade para falarmos sobre suas letras, seus planos, suas lutas. Até lá!

Cordialmente, o

*Jehovah Mota*

João Carlos Langlois era jovem, mas entusiasta de peça que escrevi, "Nós, as Testemunhas". A carta que me remeteu foi escrita sob o sentimento do artista que imagina encontrar o autor de sua admiração. Comovente. Até hoje não pude esquecê-la.

Porto Alegre, 15 de dezembro de 1.960.

Prezado Senhor  
Eduardo Campos.

Saudações.

Sei bem que o senhor deve estar surpreso ao ver o nome do remetente; de fato, é um desconhecido que lhe escreve do outro extremo desse imenso Brasil.

Mas, sr. Eduardo, se eu sou um desconhecido para o senhor, apenas um nome que o senhor leu no verso dum envelope, o mesmo não posso dizer a seu respeito, pois, desde junho do corrente ano, vivo, ~~quase que exclusivamente, em função do "am"~~ Eduardo Campos!

*Pôrto Alegre, 15 de dezembro de 1960*

*Prezado Senhor  
Eduardo Campos*

Saudação

Sei bem que o senhor deve estar surpreso ao ver o nome do remetente; de fato, é um desconhecido que lhe escreve do outro extremo desse imenso Brasil.

Mas, sr. Eduardo, si eu sou um desconhecido para o senhor, apenas um nome que o senhor leu no verso dum envelope, o mesmo não posso dizer a seu respeito, pois, desde junho do corrente ano, vivo, quase que exclusivamente, em função do "seu" Eduardo Campos.

Sim senhor, desde junho vivo batalhando por uma boa interpretação da testemunha maravilhosa que o senhor criou em sua peça "Nós, as Testemunhas". E não estarei exagerando ao dizer que me apaixonei de tal forma pelo papel, que "o mundo viria abaixo" si a peça não tivesse saído! A princípio, eu havia sido escalado para interpretar o "Lineu", porém com a troca da "mocinha" e devido a minha pouca estatura ante a nova "Carmen", passaram-me para a "Testemunha" e não podiam ter feito cousa melhor, pois me senti muito mais a vontade, num papel que se adapta perfeitamente ao meu temperamento artístico. Gostei muito de ser Lineu, nos primeiros ensaios, mas sou franco, passei a "vibrar" mesmo, foi depois da troca; si me mandassem escolher eu não exitaria, queria ser sempre a testemunha!

O senhor deve extranhar o meu modo de escrever, entrando, assim, diretamente no assunto. Mas se justifica. Todos no meu conjunto estão prontos para lhe escrever, contando fatos, mandando programas e recortes dos jornais. Em vista disso, resolvi escrever uma carta "menos solene", como se fôssemos velhos amigos...

Em todo caso, como pode haver algum atrazo por parte dos outros, e como *preciso lhe escrever hoje* (são mais de duas da madrugada!) darei uns pequenos esclarecimentos para que o senhor me conheça e compreenda melhor.

Pertenço ao "Teatro Cinco de Setembro", conjunto de amadores, que existe em Pôrto Alegre há 14 anos.

É para grande emoção nossa, como uma  
paga pelos trabalhos que tivemos, fomos classifi-  
cados em segundo lugar, perdendo por apenas  
dois pontos de diferença do primeiro colocado!

Não ficamos decepcionados com o resul-  
tado, pois além do segundo prêmio ser lindíssimo,  
(mais, muito mais bonito que o 1.º!) ficamos com as  
simpatias do público, que achou "injusta" e dizia  
a célebre frase de dona Angurita: "Que injustiça, o  
prêmio deveria ter sido... de vocês"...

~~Se já não fosse...~~ mas ganhou  
e isso já foi uma grande vitória. Fizemos o  
+...o com carinho e sem sonhos de prêmios, por-  
tamos felizes de ter ido além do esperado.

Tudo isso, entretanto, devemos ao autor  
que nos deu oportunidade de apresentar um traba-  
lho digno, decente, e que "deveria ter vencido".

Muito obrigado, Sr. Eduardo, pela oportuni-  
dade que tivemos com sua peça.

Me sentiria feliz, se recebesse uma cartinha  
sua, e principalmente se o senhor nos enviasse  
uma nova peça para o ano que vem.

Um grande abraço, do intérprete e  
grande admirador,

João Carlos Langlois

Lutamos com dificuldades, pois não contamos com subvenções, nem auxílio de ninguém. Fazemos teatro porque gostamos, porque somos “teimosos”! Uma das maiores lutas que temos, é sempre a escolha de novas peças, pois buscamos sempre algo de desconhecido da platéia daqui, mas somos exigentes e temos de adaptar as nossas “grandes exigências” aos nossos “poucos recursos”... O senhor já imaginou quanta preocupação temos, até chegar à parte financeira?

Continuando, tenho a dizer-lhe que ao nosso conjunto pertence um homem que é outro “doente” por teatro, sempre com idéias novas, sempre descobrindo alguma coisa e que o senhor conhece pessoalmente: Dr. Aron Menda.

Foi êle quem nos falou a seu respeito e nos deu a peça “Nós, as Testemunhas”, que, segundo dizia, era uma peça muito interessante que êle havia trazido do nordeste (si não me engano, êle o conheceu em Recife, não foi?) de autoria de “um amigo”. Acontece que nós já andamos muito “desconfiados” com as peças “dos amigos”, pois temos suportado leituras de peças sem fundamento nenhum, apenas porque o autor é amigo do amigo do nosso amigo... Mas, como o sr. Aron nos merece crédito, fomos “ler” a peça.

Coube a mim a honra da leitura. A medida que ia lendo, ia observando a reação de meus colegas. E eu vibrava! Ao terminar a leitura fui logo dizendo: aqui está a nossa próxima peça! Uma colega falou: o João Carlos tem que ser o Lineu. E eu já dei a minha “piada”: se eu fôsse diretor distribuiria assim... E a partir dêsse momento, sua peça nos absorveu totalmente.

Após a saída da primeira Carmen, Anastácia passou para Carmen, Augusta passou para Anastácia e uma nova Anastácia foi convocada! Eu passei para testemunha e dois Lineus foram experimentados, sendo que no terceiro foi encontrado o intérprete ideal. Como vê, houve uma reviravolta, mas felizmente chegamos ao melhor dos resultados.

Uma das preocupações que tínhamos, era de não apresentar um espetáculo igual ao que foi feito aí, pois embora a platéia não fôsse acusar de “cópia”, nós esperávamos ser assistidos pelo senhor e queríamos apresentarlhe sua “filha” com uma “indumentária” bem diferente! (É claro que levamos a peça na íntegra, apenas com cenário, móveis e marcações o mais diferente possível). Devo frizar que o que fizemos, foi baseado nos comentários do sr. Aron e sua espôsa, que assistiram a peça aí.

Atendendo a um convite que tivemos, fomos estreiar a peça na cidade de Passo Fundo, dia 14 de agosto.

Si entre nós, a peça havia agradado, ante a platéia, então, nem se fala! Foi um sucesso verdadeiro, com aplausos em cena aberta.

Ficamos “loucos” com o resultado. Alí estava o resultado do nosso esforço, Houvera recompensa! Agora já sabíamos que nosso espetáculo estava bem feito e que podíamos nos apresentar na capital sem receio algum. E assim o fizemos.

E todos que assistiam perguntavam: mas de onde vocês tiraram esta peça? O autor é novo, não é?

Resultado: Eduardo Campos é um autor que o público gaúcho conhece, respeita e admira. Gostaríamos de levar mais uma peça sua.

Bem, sr. Eduardo, fui falando na peça, nos nossos trabalhos e não expliquei *porque eu preciso escrever-lhe ainda hoje...*

Acontece que foi realizado aqui um festival de teatro, do qual participaram conjuntos da capital e do interior.

Teve o patrocínio da Federação Riograndense de Amadores Teatrais (FRAT).

Hoje foram conhecidos os resultados, sendo que os prêmios serão entregues no próximo dia 5 de janeiro.

Fomos todos, com o coração na mão. “Nós, as Testemunhas” estava com ótima cotação junto ao público, mas, além de não termos grandes nomes no elenco, não tínhamos “padrinhos” no concurso, e isso nos intimidava. Mas de uma coisa nós estávamos certos: estaríamos entre os 5 primeiros.

Eu havia dito no conjunto, que assim que soubesse o resultado escreveria ao senhor, coisa, aliás, que todos pretendem fazer.

Sr. Eduardo, não é exagero: na hora dos resultados eu cheguei até a vê-lo, torcendo conosco! Não tenho a mínima idéia de como o senhor seja, mas imaginei-o quando pronunciaram o seu nome!

E para grande emoção nossa, como uma paga pelo trabalho que tivemos, fomos classificados em segundo lugar, perdendo por apenas dois pontos de diferença do primeiro colocado!

Não ficamos decepcionados com o resultado, pois além do segundo prêmio ser lindíssimo, (mais, muito mais bonito que o 1º!) ficamos com as simpatias do público, que achou “injustiça, o prêmio deveria ter sido de vocês”...

Seja como fôr, apenas um nos ganhou e isso já foi uma grande vitória. Fizemos o espetáculo com carinho e sem sonhos de prêmios, portanto estamos felizes de ter ido além do esperado.

Tudo isso, entretanto, devemos ao autor, que nos deu oportunidade de apresentar um trabalho digno, decente, e que “deveria ter vencido!”

Muito obrigado, sr. Eduardo, pela oportunidade que tivemos com sua peça.

Me sentiria feliz, si recebesse uma cartinha sua, e principalmente si o senhor nos enviasse uma nova peça para o ano que vem.

Um grande abraço, do intérprete e grande admirador,

*João Carlos Langlois*

P.S. – Meu enderêço:

João Carlos Langlois

Caixa Postal, 2214

Pôrto Alegre – Rio G. do Sul

O “João Carlan” que aparece no programa, sou eu mesmo! Uso pseudônimo, devido ao fato de minha família julgar “ridículo”, um “Langlois”, o trabalho teatral... Faço questão de frizar, que nada há que diferencia um Langlois de um “Silva” ou “Ferreira”; talvez, apenas, o descaso dos primeiros pelas coisas de teatro.

José Américo de Almeida veio a Fortaleza, para receber homenagens. Infelizmente não nos encontramos. Mas a carta que me escreveu tocou fundo os meus sentimentos. Grande político, grande defensor do Nordeste. Escritor nordestino de marca registrada no ciclo do Romance de 30.



João Pessoa, 20 de março de 1971

Caro confrade Eduardo Campos:

Quando projetei minha visita ao Ceará seu nome era um da minha agenda para um encontro, havia muito tempo desejado. Ocorreu, porém, que minhas condições de saúde não me permitiriam maior permanência aí, pelo que tive de limitar o programa às três solenidades realizadas num só dia.

Perdi assim a oportunidade de avistar-me com o contista, o folclorista, o ensaísta que tanto me prendia a atenção.

Nossos espíritos não estavam longe. Sua interpretação de EU E ÊLES - resposta coletiva aos que me faziam perguntas sobre figuras e acontecimentos de que participei - mostra como é fácil definir quando já nos entendemos. Valoriza-se meu livro com o beneplácito de sua autoridade, que revela, sobretudo, a consciência de circunstâncias históricas ainda controversas.

Aceite um grande abraço agradecido do

*José Américo*  
José Américo de Almeida

*João Pessoa, 20 de março de 1971*

*Caro confrade Eduardo Campos:*

Quando projetei minha visita ao Ceará seu nome era um da minha agenda para um encontro, havia muito tempo desejado. Ocorreu, porém, que minhas condições de saúde não me permitiriam o programa das três solenidades realizadas num só dia.

Perdi assim a oportunidade de avistar-me com o contista, o folclorista, o ensaísta que tanto me prendia a atenção.

Nossos espíritos não estavam longe. Sua interpretação de EU E ÊLES – resposta coletiva aos que me faziam perguntas sobre figuras e acontecimentos de que participei – mostra como é fácil definir quando já nos entendemos. Valoriza-se meu livro com o beneplácito de sua autoridade, que revela, sobretudo, a consciência de circunstâncias históricas ainda controvertidas.

Aceite um grande abraço agradecido do

*José Américo de Almeida*

Manuel Bandeira

Manuel Bandeira quase escondido atrás dos óculos. Encontrei-o, uma vez tomando chá, algo assim mais nobre, em café do Rio. Acolheu-me à mesa. Já me conhecia. Curioso, queria saber tudo a respeito do Grupo Clã. Homem de gestos tardos, vagarosos mesmos. Expressão de quem já muito viveu mas ainda amava a vida. Escreveu-me mais de uma vez. Que bom!

Eduardo Campos  
Muito prazer em ficar pelas palavras de  
na carta de 18 de agosto. Agradeço  
muito do Grupo de Poesia e poe-  
tas que transmitem aos seus compa-  
nheiros, como eu, a alegria de trabalhar  
otacilio Colares, Arthur Edson, Manoel  
Luis e Loui Japen e muitos outros  
apetentes de trabalhar. Um prazer  
contribuir intelectual, por um lado  
sem tempo para mais.  
Um abraço  
Manuel Bandeira  
Flamengo 17 de agosto de 1942.

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Flamengo, 122  
agosto de 1942.*

*Eduardo Campos*

Muito grato eu fico pelas palavras de sua carta de 18 de agosto. Aplaudo a iniciativa do Congresso de Poesia e peço que transmita aos seus companheiros Girão Barroso, Aluísio Medeiros, Otacílio Colares, Artur Eduardo, Mozart Soriano as minhas afetuosas homenagens. Não prometo contribuição intelectual, porque ando sem tempo para nada.

Um seu amigo e sincero

*Manuel Bandeira*

Indo a São Paulo marquei visita ao poeta Mário de Andrade. O homem me deslumbrou. Antes de visitá-lo quis me ver em restaurante da paulicéia. Lá estavam ele e mais doze escritores da terra, frequentadores da Jaraguá. Amadeu Queiroz presente. Gente encantada com o meu "guas Mortas", que chique! Na casa do poeta, noite só para ele e eu. Quantas gentilezas! Saída, um livro de presente. Que dedicatória!

1 Paulo, 1-II-43  
Eduardo Campos  
Estou saindo das guas Mortas que recebi esta semana e vou  
lhe dar um abraço muito sincero e seu seu bastante obrigado  
pelo seu livro. Com a última página de guas Mortas, quando tenho  
meu a certeza, não pude contar a onda de alegria que me imen-  
dou e eschei no lado, textualmente: "É a imaginação um livro de  
vindo de um sulista dos Balcãs ou da Boêmia, talvez com um  
pauco de Roman Holland... Parnat Taktati será melhor?" Não que  
acredit. O seu livro, não tem dúvida que é muito irregular. Faltou  
coisa que eu chamaria "civilização" aos seus contos, não acho como dizem  
de outra maneira e me explicar ficou longo por demais. Deu-  
deante e não é seu esforço que estou. Ele escrevendo esta carta  
brava milhar mas uma extravagância pro seu uma revisão  
nova de saída e lá. Das dicas que acho muito. Eu creio que você  
precisava refletir um bocado mais sobre a natureza a espécie de con-  
to que tem na mão e principalmente a escolha de elementos, de ação,  
de passagens, com que o caracteriza os seus assuntos. É da mesma forma  
sua unidade mais do que tanto estilístico da sua linguagem. Patricio  
é não gramatical, entenda bem. A sua linguagem é, como todo, admirá-  
vel, característica, colorida, vigorosa, sobretudo brasileira. Você não  
deve o seu dizer, como certos preturos estilistas de agora que estão  
querendo se a mostrar "nobre" uma linguagem brasileira e a glória  
de Portugal. A sua linguagem é real e verdadeira. Com uma pontuação  
mais de esforço não "civiliza" ela, ela pode certos embates de convulsão,  
certo, certo de glória, não a de civilizar. É o mesmo a contar com o  
momento dos assuntos, por vezes abusando de detalhes, de transições  
em ordem dos casos. Não sei como você escreva seus contos, mas eles são  
a sua própria maneira feliz de escrever escritos com desleixo, não dá muito  
importância. Reflita um pouco se quiser sobre este problema: Para  
você manter um traço de levandade profissional o conto é muito mais  
fácil que o romance; pros artistas legítimos o conto é muito mais  
difícil que o romance. O que não impede, está claro, que haja contistas e  
romancistas notos. Mas sobre estes lugares, é notável a originalidade  
de realização, o caráter vigoroso dos seus personagens, a força desmiti-  
ca das suas descrições. Você impõe os seus assuntos e convence. Você  
me apresenta seres que eu não conheço, como descontos o de Taktati ou  
de Konst Hauser. É como eles, pela ertiga da ausência, pelo rigor dos  
traços psicológicos e quase sempre pelo interesse da ação, o contista,  
o conhecedor ou que eu fico é a de seres verdadeiros, de seres im-  
contáveis. Como os de Hauser, de Taktati e outros assim, mais afastado  
da psicologia ocidental - crítica. Fico esperando com o maior interesse  
a evolução da sua literatura. Com a gratidão mais cordes e amigá-  
de  
Eduardo Campos

S. Paulo, 1-V-43

## Eduardo Campos

Estou saindo das *Águas Mortas* que recebi esta semana e sonho em lhe dar um abraço muito sincero e também bastante melancólico pelo seu livro. Na última página de *Águas Mortas*, quando terminei a leitura, não pude conter a onda de amargura que me inundou e escrevi no livro, textualmente: "Eu imagino um livro desses vindo de um autor dos Balcãs ou da Conchinchina, lançado com prefácio de Romain Rolland.. Parnait Istrati será melhor?..." Isso que escrevi.

O seu livro, não tem dúvida é muito irregular. Falta uma coisa que eu chamaria de "civilização" aos seus contos, não sei como dizer de outra maneira e me explicar ficaria longo por demais. Ando doente e não sem esforço que estou lhe escrevendo esta carta. Estava melhor, mas uma extravagância provocou uma reviravolta nova de saúde e há três dias que sofro muito.

Eu creio que você precisava refletir um bocado mais sobre a natureza, a espécie do conto em si, da mesma forma que criticar mais a qualidade dos assuntos que tem na mão e principalmente a escolha de elementos, de passagens com que você caracteriza os seus assuntos. E da mesma forma cuidar mais do tratamento *estilístico* da sua linguagem. É *estilístico* e não gramatical, entenda bem. A sua linguagem é, como todo, admirável, característica, colorida, vigorosa, otimamente brasileira.

Você não descarta o seu dizer, como certos pretensos estilistas de agora que estão querendo se acomodar "entre" uma linguagem brasileira e a gramática de Portugal. A sua linguagem é leal e verdadeira. Com um pouquinho mais de esforço você "civiliza" ela, lhe poda certos embates de consoantes, certos ecos desagradáveis, sem a desvirilizar. E o mesmo acontece com o tratamento dos assuntos, por vezes abusando de sínteses, de transposição na ordem dos casos. Não sei como você escreve seus contos, mas eles dão a sensação menos feliz de serem escritos com desleixo, sem dar muita importância. Reflita um pouco se quiser sobre este problema: Pros artistas em transe de leviandade profissional o conto é muito mais fácil que o romance; pros artistas legítimos o conto é muito mais difícil que o romance. O que não impede, está claro, que haja contistas e romancistas natos. Mas sobre estas

J. Paulo, 1-II-43

Eduardo Campos

Estou saindo das Águas Mortas que recebi esta semana e vou  
lhe dar um abraço muito sincero e também bastante maternal colado  
pelo seu livro. Com a última página da Águas Mortas, quando tornou  
me a leitura, não pude conter a onda de amargura que me inun-  
dou e escrevi no claro, textualmente: "Se longamos um livro deste  
vindo de um autor do Balcão ou da Cochinchina, sempre com pre-  
fácio de Romain Rolland... Porquê Tatiati não melhorar?...". Mas que  
excessos! O seu livro, não tem dúvida que é muito irregular. Falta um  
coisa que eu chamaria "civilização" aos seus contos, mas assim como dizem  
de outra maneira e me explicar ficava longo por demais. Deu-  
doente e não é seu esforço que estou. Ele escrevendo esta carta  
dizendo melhor mas sima entrançadamente pro e com uma reviravolta  
nova de vida e lá. Uma dia que acho muito. Eu creio que você  
precisava refletir um bocado mais sobre a natureza a espécie do con-  
to que se dá na mesma forma que critica mais a qualidade dos assun-  
tos que tem na mão e principalmente a escolha de elementos, de atos,  
de passagens, com que o caracteriza os seus assuntos. E de mesma forma  
unidade mais do traço mais estilístico da sua linguagem. Patilic  
é não gramatical, entenda bem. A sua linguagem é, como todo, adoncha-  
mel, característica, colorida, vigorosa, típica, mais brasileira. Você não  
decebe o seu dizer, como certos pretensos estilistas de agora que estão  
querendo se acomodar "entre" uma linguagem brasileira e a gramática  
de Portugal. A sua linguagem é real e verdadeira. Com um pouquinho  
mais de esforço não "civiliza" ela, eu poderia certos aspectos de conteúdo,  
certos atos desagradáveis, com a descivilizar. E o mesmo acontece com o  
tratamento dos assuntos, por vezes abusando de adjetivos, de transições  
em ordem dos casos. Não sei como você escreva seus contos, mas eles dão  
a impressão melhor, feliz de serem escritos com clareza, com dar muito  
importância. Reflita um pouco se quiser sobre este problema: Para  
certos um traço de leviandade profissional o conto é muito mais  
fácil que o romance; por outras legítimas o conto é muito mais  
difícil que o romance. O que não impede, está claro, que haja contistas e  
romancistas notos. Mas sobre estes ramos, é notável a originalidade  
de realização, o caráter vigoroso dos seus personagens, a força descritti-  
va das suas descrições. Você impõe os seus assuntos e cronologia. Você  
me apresenta obras que eu desconheço, como desconhecendo o de Tatiati ou  
de Kurt Hausman. E como eles, pela certeza da análise, pelo vigor dos  
traços psicológicos e quase sempre pelo interesse da ação, o conteúdo,  
o conhecimento que se me fica é a de obras verdadeiras, de obras in-  
contestáveis. Como os de Hausman, de Tatiati e outros assim, mais afastados  
da psicologia europeia - crítica. Fico esperando com o maior interesse  
a conclusão da sua literatura. Com a gratidão mais cordial e amiga

de  
Eduardo Campos

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

rusgas, é notável a originalidade da realização, o caráter vigoroso dos seus personagens, a força descritiva das suas descrições. Você impõe os seus assuntos e convence. Você me apresenta seres que eu desconheço, como desconheço os de Istrati ou de Knut Hausum. E como eles, pela certeza da análise, pelo vigor dos traços psicológicos e quase sempre pelo interesse da ação, o sentimento, o conhecimento em que eu fico é a de seres verdadeiros, de serem incontestáveis. Como os de Hausum, de Istrati e outros assim, mais afastados da psicologia europeia-cristã. Fico esperando com o maior interesse a evolução da sua literatura. Com a gratidão mais cordeal e amiga de

*Mário de Andrade*

S. Paulo, 22-X-44

Querido Sr. Eduardo, o exemplo  
ainda não tinha respondido a sua carta, por causa  
do conto de você vindo com ela e por qual você me pediu  
que prestasse atenção. Você veio com saúde mental, além  
da física, e se me achar superficialmente com as minhas  
reservas e subtilezas, mande tudo à fora, e continue go-  
tando de mim. O seu conto, entenda-se! acho lindo mas  
não acho nada bom. Ah! ali seriam negos o final pra ver  
quem sabe se tinha me escapado alguma subtileza, mas  
ou então muito direta (o que é mais que possível, sendo  
mesma coisa intelectual chamada) ou não tem subtileza  
nenhuma. Mas entre o conto parece qualquer coisa teórica  
lógica. Como aspecto geral e elíptica, a psicologia dos Três (ou  
o cachorro) personagens está lírica, talvez com a profundidade  
dos personagens superiores, mas lírica e sem impasse pela  
linguagem cabalosa, viril, firme. Como linguagem você si-  
ti, perdendo um pouco em carácter e originalidade sobre  
o livro publicado, mas ganhando em firmeza e elasticida-  
de. Bom, mas como, que é o final?

Escrever mesmo, chuva de verdade, como as frases  
do conto parecem indicar? ou não escrever, a frase de ética  
foi mentira-verdade do sentimento pra forçar a decisão  
de ficarem? Se é isto, o conto é estupefante, mas carece dar  
ao leitor, com muita clareza e um ou dois toques de psicologia  
que tudo a noção exata de que tudo foi mentira e pretexto.  
Mas se escrever mesmo, se principiar chorando de verdade e  
por isso eles voltarem, falta lógica, há uma ausência sua-  
cessional de lógica na obra. Não sei chuva de céu limpo.  
Principais o céu de chuva de mesmo, e a gente percebe claro  
que o assunto está de um ser anunciando tempestade de  
suficiente pra que os Três ficassem e ali o cachorro saltar-  
se com ladridos de alegria. Sofrer, ou não entender, ou en-  
tendi assim. Mas se entender, o conto não se sustenta por  
falta de lógica. Pode ser bonito e é, mas não se sustenta, e  
a primeira reação rejeita ele tal como está.

Mande dizer como é que é, e não que eu estou  
errado. É só. Por aqui a gente se apresenta mas com  
razão. E você? Lembrança pro Aluísio e abraço pra  
toda a pintura caravana. E pessoal está trabalhando su-  
be? E pra você mais um abraço aqui, e do sempre

Y. - de Jesus

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

S. Paulo, 22-X-44

*Meu caro Eduardo Campos*

Ainda não tinha respondido a sua carta, por causa do conto de você vindo com ela e era qual você me pedir que prestar atenção. Mas você em saúde mental, além da física, e si me achar impertinente com as minhas reservas e sutilezas, mande tudo à fava, e continue gostando de mim. O seu conto, entenda-se! Acho lindo mas não acho nada bom. Até reli várias vezes o final para ver que quem sabe si tinha me escapado alguma sutileza, mas ou estou muito bêsta (o que é mais que possível, ando nessa crise intelectual danada) ou não tem sutileza nenhuma. Mas então o conto perde qualquer consistência lógica. Como aspecto geral o clima, a psicologia dos tres (usou o cachorro) personagens está lírica, talvez sem a profundidade dos personagens inferiores, mas lírica e bem impressa pela linguagem saborosa, viril, firme. Como linguagem você está perdendo um bocado em caracter e originalidade sobre o livro publicado, mas ganhando em firmeza e elasticidade. Bem, mas como que é o final?

Choveu mesmo, chuva de verdade, como as frases do conto parecem indicar? ou não choveu, a frase da Chica foi mentira-verdade do sentimento pra forçar a decisão de ficarem? Si é isto, o conto é estupendo, mas carece dar ao leitor, com mais clareza e um dois toques de psicologia, a noção exata de que tudo foi mentira e pretexto Mas aí chamou mesmo, aí principiou chorando de verdade e por isso elas voltaram, falta lógica, há uma ausência inaceitável de lógica na chuva. Nem cai chuva do céu limpo. Primeiro o céu se enche de nuvem, e a gente percebe claro que o simples fato de um céu anunciando temperatura era suficiente para que os três ficassem e até o cachorro soltasse uns ladridos de alegria. Enfim, ou não entendi, ou entendi sim. Mas se entendi, o conto não se sustenta por falta de lógica. Pode ser bonito e é, mas não se sustenta, e a primeira reação, reflita êle tal como está.

Mande dizer como é que é, e no que eu estava errado. É só. Por aqui a gente se aguentando mas com raiva. E vocês? Lembranças pro Aluísio e abraços para toda a pintura cearense. O pessoal está trabalhando duro? E pra você mais este abraço amigo do sempre

*Mário de Andrade*

S. Paulo, 25-XII-43

Eduardo Campos, meu caro,

aproveito este Natal pra lhe escrever, e pra nos darmos abraço de camaradas bons, entrando pelo ano-novo a dentro, vamos viver forte e bem, com aproveitamento, companheiro. Sua carta data de 27 de setembro... Mas eu creio que você já sabe que ando bastante doente. Talvez por felicidade já possa falar que "andei", no passado... Sua carta já me pegou na cama, sofrendo muito. Em fins de outubro fui me levantando com intervalos, a dor-de-cabeça ali já não sabe, até que veio, uma crise nova, nova mudança de médico, descobrimento de outra doença, outras doenças, mudança total de tratamento e agora sim, melhoras tão sensíveis que já tenho minha impressão de que tudo isso é passado. E vamos falar noutra coisa, seu conto. Onde está o seu livro? É o livro de cima do criado de novo

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

S. Paulo, 25-XII-43

*Eduardo Campos, meu caro,*

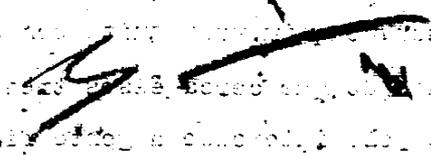
Aproveito êste Natal pra lhe escrever, e pra nos darmos o abraço de camaradas bons, entrando pelo ano-novo a dentro, vamos viver forte e bem, aproveitando, companheiro. Sua carta data de 27 de setembro... Mas eu creio que você já sabe que ando bastante doente. Talvez por felicidade já possa falar que "andei", no passado... Sua carta já me pegou na cama, sofrendo muito. Em fins de outubro fui me levantandinho com intervalos, a dôr-de-cabeça ali já se sabe, até que veio, uma crise nova, nova mudança de médico, descobrimento de outra doença, outras doenças, mudança total de tratamento e agora sim, melhoras tão sensíveis que já tenho meia impressão de que tudo isso é passado. E vamos falar noutra coisa, seu conto.

Gostei muito dele, mas achei o final um pouco vago, um pouco frouxo. Aliás, talvez exista no conto todo uma espécie de hesitação sobre qual é o assunto dele, não será mesmo? Bem: se pode dizer que o assunto é o ambiente geral, e parece que é mesmo, pois pelo menos em tres coisas voce insiste analítica e descritivamente, o menino moribundo, a ilusão da mãe dele e seu Joaquim. Tudo bem enfeitado de observações muito caracterizadoras do que cerca êsses tres. Mas entre êles a importância oscila muito e pelo interesse a gente fica com uma bruta vontade de botar o assunto no Bastião, coitado. Mas eis que no final o seu Joaquim invade o conto todo, toma conta do assunto, e, não sei, mas a gente meio que fica desnorteado. Eu meio que fiquei. Talvez carecesse insistir mais um bocado no seu Joaquim, no decorrer da descrição toda. O certo é que você tem o dom de escolher o pormenor eficiente, não só caracterizador mas sensivelmente expressivo. Nisto você não se dispersa nunca, neste conto. E pelo que me lembro do seu livro, parece mesmo que isso é uma das qualidades ótimas de você. O estilo vai bem, só não gostei nada foi daquele "que se lhe escapava", que fica muito pernóstico e gramatical no meio da naturalidade tão isenta da sua dicção.

E é só, por hoje; Você o que tem feito e essa gente aí da capital, como vão as Edições Clã? Você ficou de me mandar o que publicassem mas até agora não recebi nada. Então o meu xará virou Sobreira também, pelo que você me conta? Uma vez escrevi uma crônica sobre o nosso, xarasismo, pra mostrar que

Então escrevi a crônica, que Manuel Bandeira achou uma das melhores que nunca escrevi. Publiquei ela nos "Filhos da Candinha", porque é mesmo divertida. Mas como os escritores e artistas em geral são muito susceptíveis, aí acaso o Mario de Andrade do Norte saber da existência da crônica, e ficar estomgado com ela, diga que não zangue não, é uma brincadeira sem maldade. E você, vá mandando contos, escreva muito, Eduardo, escreva sempre. Eu quero ver se em 1944 vou trabalhar por 1944 e 1943, que perdi inteirinho, não produzi nada com a doença. Vamos a ver.

Bom, aqui lhe mando um forte e amigo abraço. Do



EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

achava graça nisso, porque com o aparecimento do Mario de Andrade (do norte) os meus inimigos de então, daqui, o Oswald de Andrade não tenho bem certeza, mas tenho certeza do Menotti del Picchia caíram em cima de mim, comparando os dois, com lambadas fortes pra cima de mim. Então escrevi a crônica, que o Manuel Bandeira achou uma das melhores que nunca escrevi. Publiquei ela nos "Filhos da Candinha", porque é mesmo divertida. Mas como os escritores e artistas em geral são muito susceptíveis, si acaso o Mario de Andrade do Norte suber da existência da crônica e ficar estomagado com ela, diga que não zangue não, é pura brincadeira sem maldade. E você, vá mandando contos, escreva muito, Eduardo, Escreva sempre. Eu quero ver si em 1944 vou trabalhar por 1944 e 1943, que perdi inteirinho, não produzi nada com a doença. Vamos a ver.

Bom, aqui lhe mando um forte e amigo abraço.

*Do Mário de Andrade*

S. Paulo, 14-1-

Meu caro Eduardo,

acabo de receber sua carta, e fiquei muito comovido com a morte de Mario de Andrade. E estou amargado, tinha recebido a plaquette com os trabalhos e lutas dele pela escola rural, e queria escrever a você mandando uma palavra de carinho e admiração a ele por todo esse trabalho útil e nobre a que se dedicou. Mas fui deixando a carta pra dia de mais vagar, que agora, com a volta da saúde, ando muito voluptuoso nos trabalhos e estudos e desleixando um bocado os amigos. E a morte chegou antes de mim, e o Mario de Andrade do Norte não pôde ouvir a palavra de seu companheiro do sul. Me sinto amargado com isso que de certo, na doença, mais uma palavra de conforto havia de ser grata ao Mario. A morte foi mais pressurosa que eu e não pude ser útil. Você não imagina que dia feio estou passando, um desses dias em que a gente não sente mais vontade de viver.

O seu retrato pelo desenhista Siqueira é muito bom, muito vigoroso, o moço esse Siqueira? E o resto da turma? É caso melhor de dizer: o rei morreu, viva o rei. E o Girão que desapareceu com tanta sem-cerimônia... Nunca mais ouvi falar dele. Quanto a você e seu romance e seu retrato, tudo está me atrapalhando um pouco. Sou terrível em ler coisa dos outros, se a pessoa me chama atenção logo faço uma ideia de como ele é fisicamente, pelo jeito que escreve, e em geral acerto. Com você me enganei demais, fazia você magro, meio pálido, de olhos claros, castanho-claro, e me surge este hérules severo! Em compensação, agora pelo hérules, imagino que você se dará bem no romance, vamos a ver. Aliás acho o conto mais difícil que o romance, não sei se já lhe contei isto. Em todo caso a sensibilidade apalpante, cariciosa que você tem é bem de contista. Mande contar como vai o romance. E dê lembranças ao Girão Barroso.

E pra você este abraço.

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

S. Paulo, 14-1-44

*Meu caro Eduardo Campos*

Acabo de receber sua carta e acredite que fiquei comovido com a morte do Mario de Andrade. E estou amargado, tinha recebido a plaquete com os trabalhos e lutas dele pela escola rural, e queria escrever a você mandando uma palavra de carinho e admiração a êle por todo êsse trabalho util e nobre a que se dedicou. Mas fui deixando a carta pra dia de mais vagar, que agora, com a volta da saúde, ando muito voluptuoso nos trabalhos e estudos e desleixando um bocado os amigos. E a morte chegou antes de mim, e o Mário de Andrade do Norte não pode ouvir a palavra de seu companheiro do sul. Me sinto amargado com isso que decerto, na doença, mais uma palavra de confôrto havia de ser grata ao Mario. A morte foi mais pressurosa que eu e não pude ser util. Você não imagina que dia feio estou passando, um dêsses dias em que a gente não sente mais vontade de viver.

O seu retrato pelo desenhista Siqueira é muito bom, muito vigoroso, é moço êsse Siqueira? E o resto da turma? É caso melhor de dizer: o rei morreu, viva o rei. E o Girão que desapareceu com tanta sem-cerimônia... Nunca mais ouvi falar dele. Quanto a você e seu romance e seu retrato, tudo está me atrapalhando um pouco. Sou terrível em ler coisas dos outros, si a pessoa me chama a atenção logo faço uma ideia de como êle é fisicamente, pelo jeito que escreve, e em geral acerto. Com você me enganei demais, fazia você magro, meio pálido, de olhos claros, castanho-claro, e me surge êste hércales severo! Em compensação, agora pelo hércales, imagino que você se dará bem no romance, vamos ver. Aliás acho o conto mais difícil que o romance, não sei si já lhe contei isto. Em todo caso a sensibilidade apalpante, cariciosa que você tem é bem de contista. Mande contar como vai o romance. E dê lembranças ao Girão Barroso.

E pra você êste abraço.

*Mário de Andrade*

1. Paulo, 5-IX-44

Eduardo Campos

Sua carta estava cheia de aces, me contando coisas do Ceará e do grupo aí. Gostei da foto do "O. perdris" de Siqueira. Positivamente é meu ótimo desceolista, firme, sensível no traço e bom caracterizador do que conta. Tudo isso, como desenho, seja a lapis, pincel ou qualquer outro elemento, são qualidades de 1ª ordem.

Li com interesse e comocão os versos do meu ex-xará que vou me ouvando. E não creio estar usando acidentalmente o mesmo, reconhecendo que ele era bom poeta mesmo. Às vezes um bocado conceituoso ainda, mas de sensibilidade delicada e impregnada.

S. Paulo, 5-IX-44

## Eduardo Campos

Sua carta estava cheia de suco, me contando coisas do Ceará e do grupo aí. Gostei da foto do "Operário" de Siqueira. Positivamente é um ótimo desenhista, firme, sensível no traço e bom caracterizador do que conta. Tudo isso, como desenho, seja a lapis, pincel ou guaches outro elemento, são suavidades de 1ª ordem.

Li com interesse e comoção os versos do meu ex-xará que você me mandou. E não creio estar usando sentimentalismo, reconhecendo que êle era bom poeta mesmo. Às vezes um bocado com /// ainda, mas de sensibilidade delicada e impregnante.

Outro dia o Aluizio Medeiros me escreveu, e entre os assuntos, tocou também no tal Congresso de Poesia que vocês realizaram aí, dizendo que eu decerto não estava bem informado sobre o que houve. Respondi que de fato soube muito pouca coisa sobre, mas sabia que não fôra simples gratuidade de desocupados. É engraçado que eu fiquei numa posição um bocado esquerda a respeito desse Congresso, mas me esqueci de contar ao Aluizio que já me referira ao Congresso. Deve ter chegado por aí também o livro do Otacílio de Freitas Jr. "Ensaio do Nosso Tempo", editado pela Casa do Estudante em fins do ano passado, pro qual escrevi um prefácio. Ai me refiro ao Congresso de vocês, mostrando que não sou contra ele, pois pelo contrário o dou como intruso da angústia dos moços que estão engajados e não podem dizer toda a verdade. É uma enumeração de fatos: "Aqui é um grupo de audácia vertiginosa que escapole para um Congresso sem Poesia. Mas *bem próximo* um Congresso de Poesia //, *também* //, `a procura de outras frinchas por onde faça escapar uns crivos de verdade. Livros insuficientes. Mas é preciso ler o trecho todo, prazer que mesmo os "livros insuficientes" não estão aí como censura, mas como prova de que vocês também estão engasgados pelas "dores da vida". Eu quero apenas é que vocês não me imaginem trocando posição, seria absurdo! em // contradições ou brigas existentes por aí.

Não tenho estado com o pessoal de clima, ando meio arredio de tudo e raro vou das bandas onde eles às vezes se reúnem. Mas S. Paulo está cada

onde eu trabalho, passa os meses mais de  
trinta dias sem que eu ponha os pés lá. São  
Paulo. Literários já está ficando muito acariocia-  
do: intriga muito, chatice.

Bom, até breve. Lembrança aos ami-  
gos todos d'aquí. Então o Khabloy está mudando  
aí? aqui a vida muito boa. Com o abraço de  
y. de Judah

vez mais “paulista”, cada qual vive encaramujado no seu canto e não ha lugar de encontro certo. Onde ainda a gente se encontra um pouco é na livraria Jaraguá, mas até nesta, que fica a vinte metros donde eu trabalho, passa às vezes mais de trinta dias sem que eu ponha os pés lá. São Paulo Literário já está ficando meio acariocado: intriga muito. Chateia.

Bom, até breve. Lembranças aos amigos todos daí. Então o Chabloz está morando aí? aquisição muito boa. Com o abraço do

*Mário de Andrade*

Piso Paulo, 1 - XII. 44

Para o Sr. João de Barros

Então "expressamente" correspondência pra poder  
passar este mês numa trabalhadeira de inferno, fim  
de ano, exames, acumulação de tarefas impostas, o dia-  
bo. Sua carta não tem assunto pra discutir, mas aí  
que eu deixo ler no gôto daquela parolagem com  
amigo, as horas passam na escritura gostosa e eu  
que me ofendo! Ah, hoje não. É o ato de presença  
pro novo radiólogo que de repente não vá prejudicar a  
arte do conto aos olhos de uma qualquer linguagem  
radiográfica, tome tanto, com pauzão. Bom, si de fato  
como imagina (e desaja) a pura fantasia a chave  
do fim daquela sua conta, a ideia é ótima, mas carece  
esclarecer e fixar no leitor a noção de pura ima-  
ginaria dos retratados. Ah, fica admirável.

Paulo o "Noite da Noite" do Barroco, não  
costa a ele. Faz uns três dias e ainda não li!  
Meus falta de tempo que doeu em seu impor-  
tância mas apertadamente. É agora não sei quando  
leio, porque as preocupações deste dezembro de certo  
não me darão fôlego pra ler poesia com integridade.  
Em todo caso leia na carta e adereci a ela em  
fomeiro. Tanto o raticão de um 1945 mais desin-  
pedido e feroz. Dará certo o raticão, meu Deus!  
Meus raticões, minhas previsões são sempre er-  
rado... Super, meus.

Na boas-festas sempre! Boas-festas e bom  
ano novo pra você, pro Ceará, pro escritores amigos,  
e inimigos, e pros leitores e pra Associação de Artistas  
Plásticos do Ceará! Com o meu abraço mais amig-  
go pra todos e especialmente pra você do

J. J. de F. J. J.

S. Paulo, 1-XII-44

*Eduardo Campos*

Estou "liquidando" correspondência pra poder passar este mês numa trabalhadeira de inferno, fim de ano, exames, terminação de tarefas imprevistas, o diabo. Sua carta não tem assunto para discutir, mas se me deixar levar no gosto daquela parolagem com amigo, as horas passam na escritura gostosinha e eu que me afunde!

Não, hoje não. É só ato de presença, pro nosso radiólogo, que desejo não vá prejudicar a arte do conto nos vícios de uma qualquer linguagem radiofônica, tome tento, companheiro. Bom, se de fato como imaginei (e desejei) é pura fantasia a chuva do fim daquele seu conto, a idéia é ótima, mas carece esclarecer e fixar no leitor a noção de pura imaginação dos retirantes. Aí fica admirável.

Recebi o "Navio da Noite" do Benevides (Artur Eduardo Benevides), conte a ele. Faz uns três dias e ainda não li. Menos falta de tempo que doencinha sem importância mas aporrinhante. E agora não sei quando leio, porque as preocupações deste dezembro decerto não me darão juízo para ler poesia com integridade. Em todo caso lerei na certa e escreverei a ele em janeiro. Tenho o vaticínio de um 1945 mais desimpedido e fecundo. Dará certo o vaticínio, meu Deus! Meus vaticínios, minhas previsões dão sempre errado... Enfim, veremos.

Boas-festas sempre! Boas-festas e bom ano novo pra você, pro Ceará, pros escritores amigos e inimigos, pros pintores e pra Associação de Artes Plásticas do Ceará! Com o meu abraço mais amigo para todos e especialmente pra você do

*Mário de Andrade.*

Mário Sobreira

Mário Sobreira de Andrade. Poeta triste, mas sonhador, o maior agrônomo do mundo, pois regava as plantas com seus belos versos. Fomos vizinhos em Mondubim, o poeta já alcançado por insidiosa enfermidade. Pensam, que deixou de sonhar? Pensam que largou a poesia? Ele, a própria poesia de homem simples, idealista proibido de viver...e vivendo. Que bela e humana criatura o Ceará perdeu!

Epístola CL A

origina

Joazeiro, 24 de Março, 1943.

Mancelite, abraços:

Você já ter recebido a minha última carta, endereçada para Mondubim.

Preciso demorar mais uns cinco dias, para aproveitar bem a viagem.

Mande-me, com urgência, para Joazeiro, as cartazes de seu livro ( os que sobraram e mais os que puder arrecadar ).

Se precisar com urgência de qualquer dinheiro, e houver dificuldades por aí, escreva-me que providenciarei.

Hoje é que estou me apressando para ir ao Crato.

Mande os caratazes e mande-me novidades.

Telegrafarei avisando o regresso.

Abraço os nossos.

Afetuosamente,



EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Joazeiro, 24 de Março, 1943.*

*Manoelito, abraços:*

Você já deve ter recebido a minha última carta, endereçada para Mondubim.

Preciso demorar mais uns cinco dias, para aproveitar bem a viagem.

Mande-me, com urgência, para Joazeiro, os cartazes do seu livro (os que sobraram e mais os que puder arrecadar).

Se precisar com urgência de qualquer dinheiro, e houver dificuldades por aí, escreva-me que providenciarei.

Hoje é que estou me apressando para ir ao Crato.

Mande os cartazes e mande-me novidades.

Telegrafarei avisando o regresso.

Abrace os nossos.

Afetuosamente,

*Mário Sobreira de Andrade*

Nadir Pápi Sabóia, a grande dama do teatro cearense. Implicava às vezes comigo, mas por pura malandrice. No fundo, descobria-me talentos que eu não tinha. A carta dirigida a mim, longa, é a defesa de sua própria classe social e do bairro Aldeota, que ela julgou ofendido por mim... Deliciosa a carta! Perfídia de amiga! Mas não se conta ali, mas digo agora:, que a grande dama curvar-se-ia depois ao êxito da peça. Não é todo dia que uma peça de teatro vai ao palco mais de 300 vezes!

Quer como Uscudito -

Ontem, fiquei cheia de vontade de conversar com você sobre a "Rosa do Bagemar". Foi bom que não o tivesse feito conversando, porque ambos acorriadados e eu terminaria por não saber esclarecer-lhe o meu ponto de vista.

Fig, depois após a leitura do teatro, uma análise, por escrito sobre o seu trabalho. Está um tanto desorganizado e precisaria de uma revisão pois foi difícil ao saber do pensamento. A pesquisa para esta revisão me decidiu a enviá-la como está. Creio que você vai entender se não, me peça explicações.

esse trabalho de pseudo-crítica é porque, como se dizia ontem eu lhe quero muito bem.

Nadir

Fort. 22/5/64

Fortaleza, 22/5/64

*Meu caro Manuelito*

Ontem fiquei cheia de vontade de conversar com você sobre a "Rosa do Lagamar". Foi bom que não o tivesse feito. Conversando com ambos assomados e eu terminaria por não saber esclarecer-lhe o meu ponto de vista.

Fiz, logo depois a leitura do texto, uma análise, por escrito sobre o seu trabalho. Está um tanto desconcatenado e precisaria de uma revisão pois foi escrito ao sabor do pensamento. A preguiça para esta revisão me decidi a envia-la como está. Creio que você vai entender. Se não, me peça explicações.

Em resumo, o que realmente não me agrada é essa fixação à Aldeota à la Jader de Carvalho. No mais, tudo será fácilimo de sanar. As injustiças sociais existem aos montões. O injusto é nomea-la ou localiza-la preconcebidamente. Seria como atrevermo-nos a "jogar a primeira pedra". Não acha você?

Não se zangue comigo e acredite que se me dou a todo esse trabalho de pseudo-crítico é porque, como se dizia ontem eu lhe quero muito bem.

*Nadir Saboya*

Fraco e sincera <sup>comentário</sup> ~~crônica~~ sobre:

### A Rosa do Bogamar

<sup>segundo</sup> ~~segundo~~ próprio autor, Rosa, a personagem principal da peça, é uma mulher de pulso forte, vontade e cheia de zelo doméstico. É casada com um embarcadouro (condição pouco definida) que ausentando-se há já muitos anos, jamais derrota. Mesmo assim, a mulher desidia que é Rosa, venera, (faz-se necessário notar que espécie de veneração) o retrato, moldurado, do marido, com flores sempre regadas com carinho e colocadas numa jarra deante da fotografia. É a espécie de homenagem que sempre se faz aos mortos. No entanto, a mulher espera, com certeza obstinada, o regresso do homem.

Sada a numeria do ambiente e os poucos meios de vida da mulher, pois que vive da renda de seu "boteco" onde não há venda de bebidas alcoolicas, podera causar estranheza a aquisição costurmeira dessas flores, em nossos dias, bastante onerosa. É provavel que, como o faz toda mulher do povo, ela as consiga, dos jardins bem tratados dos "mãos" milionarios da Aldiota. Como é sabido, todos os dias, seus jardins estão colaboreando para outros de augmhos...

Rosa, que era produto do Bogamar, um au-seio que nos parece, tambem, pouco definido, muda-se para a Aldiota, onde adquire um terreno, comprado a não se sabe quem, por um com escritura passada e testemunhas. O terreno, no entanto, pertence a Prefeitura. Com tais casos, sabe-se, que está, desapropriada

Fortaleza, 1964

Franco e sincero comentário sôbre: *A Rosa do Lagamar*

Segundo o próprio autor, Rosa, a personagem principal da peça, é uma mulher de pulso forte, vontadosa e cheia de zêlo doméstico. É casada com um embarcadiço (condição pouco definida) que ausentado-se ha já muitos anos, jamais deu notícias. Mesmo assim, a mulher decidida que é Rosa, severa, (faz-se necessário notar que especie de veneração) o retrato emoldurado, do marido com flores sempre regadas com carinho e colocadas numa jarra deante da fotografia. É a especie de homenagem que sempre se faz aos mortos. No entanto, a mulher espera, com certeza obstinada, o regresso do homem.

Dada a miséria do ambiente e os poucos meios de vida da mulher, pois que vive da renda de seu "boteco" onde há venda de bebidas alcoolicas, poderá causar estranheza a aquisição costumeira dessas flores, em nossos dias, bastante onerosa. É provável que, como o faz toda mulher do povo, ela as consiga, dos jardins bem tratados dos "mais" milionários da Aldeota. Como é sabido, todos os dias esses jardins estão colaborando para enterros de anjinhos...

Rosa, que era produto do Lagamar, num anseio que nos parece, também, pouco definido, muda-se para a Aldeota, onde adquire um terreno, comprado a não se sabe quem, porém com escritura passada e testemunhas. O terreno, no entanto, pertence a Prefeitura. Em tais casos, sabe-se, que esta, desapropria e indeniza, quando não transfere as pequenas taperas para outro local que não esteja sendo necessitado para a urbanização da cidade. Os proprietários da Aldeota nada têm a ver com isto. Como também não podem ser apontados como os responsáveis diretos do completo e lastimável analfabetismo da nossa gente. Rosa, foi burlada, como sempre o serão todos os iletrados.

Rosa, diz ainda, que saiu do Lagamar, "daquela miséria", daquela lama para "para fugir a tudo aquilo e mais, aos jornalistas e damas da sociedade que lá iam com o intento de "consertar" a vida dêles. Poder-se-a, em sua consciência, por alguma dúvida sôbre a legitimidade desta intenção? É preciso nota que, visita das damas e dos padres têm conseguido, senão da maneira exata, mas de algum modo, minorar a miséria reinante naquele local. Os ricos da Aldeota não têm culpa da incompreensão de Rosa.

Esta mulher, em momentos de revolta, lamenta não ter sabido “antes” que a Aldeota era amaldiçoada! Se o tivesse sabido teria ficado no Lagamar. Que se saiba não existe nenhuma excomunhão eclesiástica sôbre êste bairro. Em qualquer cidade da terra existe o bairro das casas ricas. Os pobres que nêle vivem e que realmente possuem capacidade de trabalho encontram alí, melhores oportunidades. Melhores salários. Melhor alimento. Maior variedade de tarefas. Qualquer trabalho feito hábil e honestamente é sequiosamente desejado e bem remunerado. Parece que Rosa, ingenuamente, imaginou que o simples fato de “morar” na Aldeota concorreria para dar-lhe a abastança dos seus vizinhos.

Rosa tem uma filha já moça. Declara que trabalhou para educa-la. A filha, porém, não trabalha, nem dá impressão de ter qualquer boa orientação doméstica. Lava em cena os dentes com os dedos apesar de já ter sido uma empregada do comércio. Escôva de dentes, não nos parece, objeto de tão difícil aquisição. As “flores”, os batons e os esmaltes de unhas, por supérfluos, o são muito mais. E qual a moçoila do povo que não traz, nos nossos dias, os lábios e as unhas pintadas?

Esta jovem, enquanto dorme, sonha com um “moço louro” de cinema... e dormindo ou acordada, deseja um casamento de “moça-rica” Não nos parece ter recebido boa orientação educacional.

A mãe retirou-a dos empregos, com receio de vê-la desonrada pelos “patrões”. Deixa-a, porém, namorar exageradamente com um tipo qualquer, sôbre o qual, ela mesma, não parece ter muita confiança. Êste homem, Vasques, no entanto, conhece de há muito e muito bem, os problemas íntimos da família de Rosa. Mas, nem as duas mulheres, nem ninguém mais sabe ou parece saber que êle é um homem casado.

Não existe real conexão no contato de Vasques vendedor-ambulante (contrabandista?) com o milionário.

Não podemos olhar como crime social desejar-se comprar um terreno vizinho ao da nossa futura casa. Os que constroem palacetes, quando o podem fazer, propiciam aos operários viverem do seu trabalho honesto. A maldade caracterizada dos ricos da Aldeota entra na peça como Pilatos no Credo. Em qualquer bairro de uma cidade haverá sempre, homens honestos e desonestos, contrabandistas ou não. Vasques, o marido de Rosa, a filha, Emília, a lavadeira, êles mesmos, não possuem qualidades, tôdas positivas. São humanamente deturpados, senão desonestos nas ações ou nas intenções. A pobreza não lhes será suficiente para justificar suas falhas de caráter. Ha não ser, que êssas falhas só sejam plausíveis de culpa nos ricos.

Não ha de ser unicamente os ricos da Aldeota que “encrençarão” com uma lavadeira que lhes usa a roupa entregue em confiança. A confiança e a remuneração pelo trabalho requerem honestidade em retribuição.

Durante a ação da peça, nas horas da manhã, pouco logicamente, a esposa do milionário diz que vai a um “Chá das Voluntárias”... Ir a um “chá”, porém, ainda não constitue crime algum embora os necessitados. Sem motivo concreto, Rosa se enfurece contra a ricaça. E esta revida quase com boa-razão. Para convencer, esta cena de desacato precisará ser muito em interpretada. Nela, Rosa foge a sua direitura aparente. Demonstra ser apenas uma mulher revoltada, ignorante, grosseira e sexualmente frustrada vingando-se nos outros. Apresentada como uma mulher decidida, prática e forte, crê na “felicidade” do marido que a abandonou. Marido que não lhe deve ter dado, durante os poucos anos que viveram juntos, nenhuma sensação de amparo e segurança. Prova e que viviam, presume-se, miseravelmente no Lagamar. Porque razão, então, esta veneração pelo retrato? Por vêzes, ela mesma, se revolta contra esta credulidade e tem ímpetos de destruí-lo. Confessa claramente que, durante as noites, sente falta do “homem”. O isolamento conjugal a que se vê forçada lhe pesa. Impossível transpor para a riqueza dos outros ou para construções palacianas as frustrações freudianas das criaturas.

Repentinamente, com a súbita e mal concatenção da volta do marido, repõe o retrato no lugar e é tomada de choro convulso.

Daí por diante, com o acontecer das “desgraças” vai aos poucos se entregando ao desânimo. A desilusão com o marido, a desonra da filha, a casa que lhe querem tomar são reais motivos e desalento. Nenhum dêles, porém, são motivados pelos ricos ou pela moradia na Aldeota. Em qualquer bairro, êsses dramas últimos existem. Se o Lagamar estiver isento dêles, muitos donos de palácios mudariam para lá.

Num outro gesto de vingança freudiana, Rosa recusa o presente em dinheiro que o milionário, humanizadamente, quer lhe dar pelo transtorno da casa desprezada. Este gesto de orgulho pode ser compreendido, mas dificilmente poderá ser encontrado numa mulher do povo, que se vê desamparada, sozinha, sem marido, sem filha, sem casa, sem dinheiro, no meio-da-rua.

Pelos amor de Deus! não queiramos que o bairro da Aldeota seja o culpado dêste desnível social, tão antigo, tão velho, como a própria humanidade.

Não tendo sido bem acentuado  
este ângulo, a peça, em si, não é mais do que  
um amontado de incidentes deturpados in-  
tencionalmente. Mesmo porque, a peça não  
focaliza muito bem, nenhum tipo humano.  
É uma <sup>peça</sup> dirigida. ~~Uma~~

~~masculina~~  
Ao contrário, apropriando-se do texto,  
um bom diretor, fará dela um bom espetáculo.  
O diretor tornar-se-a autor. Os atores por  
sua vez, poderão encontrar vivências pró-  
prias, segundo o seus talentos.

Edição Sabryoz  
1964

Se a peça tivesse sido urdida, dentro mesmo desse desnível social, mas apresentado com mais justeza, para o ângulo da frustração sexual da mulher honesta, teria sem dúvida se tornado demasiadamente semelhante a outra obra teatral de renome, mas estaria justificada dentro do teatro-psicológico.

Não tendo sido bem acentuado “êste ângulo, a peça, em si, não é mais do que um amontoado de incidentes deturpados intencionalmente. Mesmo porque, a peça não focaliza muuito bem, nenhum tipo humano.

É uma peça receosamente dirigida.

No entanto, apropriando-se do texto, um bom diretor, fará dela um bom espetáculo. O diretor tornar-se-à autor. Os autores por sua vez, poderão encontrar vivências próprias, segundo os seus talentos.

*Nadir Saboya*

Posso referir a uma amizade tardia, mas valiosa. Pedro Nava perseverava vitorioso como expressivo memorialista brasileiro. Escrevia com conhecimento e sabor antigo. Em Fortaleza, em lançamento de livro, que escreveu, na Unifor, incumbiram-me de fazer-lhe a saudação. A circunstância nos aproximou. As breves cartas decorrem desse momento.

Rio, 12.VIII.976

Caro Amigo Prof. Eduardo Campos:

depois de permanência de uma semana em Salvador, cá estou novamente no Rio e apresso-me em vir agradecer a apresentação que fez de minha pessoa e meus escritos na Unifor - quando autografei o meu Chão de Terra. Muito obrigado pela agudeza, lucidez e principalmente generosidade de suas apreciações. Espero revê-lo aqui ou em Fortaleza.

Um afetuosos abraço do seu admirador e amigo,

Pedro Nava

Rio, 12. VIII. 976

*Caro Amigo Prof. Eduardo Campos*

Depois de permanência de uma semana em Salvador, cá estou novamente no Rio e apresso-me em vir agradecer a apresentação que fez de minha pessoa e meus escritos na Unifor – quando autografei o meu *Chão de Ferro*. Muito obrigado pela agudeza, lucidez e principalmente generosidade de suas apreciações. Espero reve-lo aqui ou em Fortaleza.

Um afetuoso abraço do seu admirador e amigo,

*Pedro Nava*

Peço guardar esse endereço de casa sua:  
Rua da Glória 190 apto 702 – ZC – 07 – Glória-Rio.

Rio, 16 de setembro de 1976

Meu caro Eduardo Campos:

já tinha escrito agrade-  
cendo suas amabilidades comigo no Ceará, in-  
clusive seu discurso de que tinha recebido cópia.  
Acabei de rele-lo em letra de forma, no "Unitario",  
de 1. VIII. ~~recebido~~ aqui chegou com sua carta de  
13 do corrente. São linhas deliciosas e sente-se  
feitas com amor. Como sua carta. Creia que  
não sou insensível e sou bom pagador de sen-  
timentos. Assim - disponha do meu coração.  
É uma honra subscrever es-  
te bilhete chamando-me de seu amigo.

Pedro Paulo

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Rio, 16 de setembro de 1976*

*Meu caro Eduardo Campos:*

Já tinha escrito agradecendo suas amabilidades comigo no Ceará, inclusive seu discurso de que tinha recebido cópia. Acabo de rele-lo em letra de fôrma, no "Unitario", de 7.VIII aqui chegado com sua carta de 13 do corrente. São linhas delicadas e sente-se que feitas com amor. Como sua carta. Creia que não sou insensível e sou bom pagador de sentimentos. Assim – disponha do meu coração.

É uma honra subscrever este bilhete chamando-me de seu amigo.

*Pedro Nava*

Peregrino Júnior sempre acompanhou, vivamente interessado, a vida literária do Ceará. Deve ter recebido quase todos os livros dos autores publicados por Edições Clã.



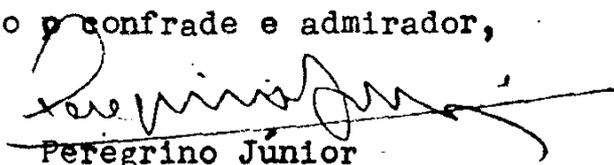
Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1967

Prezado confrade Eduardo Campos:

Recebi com viva alegria a sua peça Os Deserdados, que li imediatamente. É uma peça apaixonante, sobretudo para quem conhece e ama, como eu, a terra e a gente cujo drama nela se fixa em flagrante, com tanta fôrça, autenticidade e beleza.

Agradecendo-lhe a oferta de Os deserdados, felicito-o efusivamente pela sua publicação em livro.

Abraça-o o confrade e admirador,

  
Peregrino Júnior

*Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1967*

*Prezado confrade Eduardo Campos:*

Recebi com viva alegria a sua peça *Os Deserdados*, que li imediatamente. É uma peça apaixonante, sobretudo para quem conhece e ama, como eu, a terra e a gente cujo drama nela se fixa em flagrante, com tanta fôrça, autenticidade e beleza.

Agradecendo-lhe a oferta de *Os Deserdados*, felicito-o efusivamente pela sua publicação em livro.

Abraço-o o confrade e admirador,

*Peregrino Junior*

Pompeu S. Brasil, escritor exigente, crítico severo, embora educado em suas observações. Acompanhava as atividades literárias do Ceará. E não deixava a remessa de livros sem competente avaliação crítica.

S. Paulo, 20-6-50

Eduardo Campos

Conheci-o pelo livro "O Demônio e a Rosa", publicada pela "Clã".

Depois recebi de V., por inolvidável gentileza, "A Viagem Definitiva" e "O Anjo".

Agradei-lhe o exemplar dos contos apenas com um cartão, apesar da excelente impressão que me dera.

Na ocasião eu estava cheio de apreensões desagradáveis, que me inibiam de escrever.

Deve-lhe, pois, uma conversa por escrito.

Revela-se V. um dos melhores escritores actuais de nossa terra, onde últimamente se não encontram poucos.

S. Paulo, 20.6.50

## *Eduardo Campos*

Conheci-o lendo "O Demônio e a Rosa", publicada pela "Clã".

Depois recebi de V., por inolvidável gentileza, "A Viagem Definitiva" e "O Anjo".

Agradei-lhe o exemplar dos contos apenas com um cartão, apesar da excelente impressão que me dera.

Na ocasião eu estava cheio de apreensões desagradáveis, que me inibiam de escrever.

Devo-lhe, pois, uma conversa por escrito.

Revala-se V. um dos melhores escritores actuais de nossa terra, onde últimamente se não encontram poucos.

Parece-me que se inclina sobretudo para o teatro.

Seus dous trabalhos são concepções interessantes.

Mas, o drama é o mais difícil dos gêneros literários.

Não pode produzir-se à individualidade do autor, como a poesia. Multiplica-se em personagens, dependendo em boa parte da variável interpretação de outros.

Também, não pode fixar as paisagens, como o romance, ficando subordinado às habilidades incertas do cenógrafo.

Por tudo isso, o drama, mesmo em seu arcabouço, requer um grande esforço do artista, para vencer muitos óbices.

A meu ver, na fase presente da evolução estéptica, impõe-se-lhe assumir certos aspectos.

Quanto ao pensamento, deve esquecer todas as trivialidades da vida, bem como o que até há pouco constituíam surpresas psicológicas, já rechaçadas para o domínio do conhecimento clássico.

O dramaturgo, tanto quanto ou mais do que o romancista, não pode se manter em plano inferior ao do poeta. Cumpre-lhe explorar sobretudo o mundo subjectivo.

No que se refere à técnica, não deve se limitar à alegoria e aos demais processos intelectuais. Necessita utilizar particularmente o símbolo, mas o verdadeiro símbolo, o afectivo.

Provavelmente, concorda V. comigo.

Quem escreveu aqueles contos, tam bons, está em condições de executar tudo isso.

Presumo que seu progresso como dramaturgo será rápido e esplêndido.

Agradeço-lhe afectuosamente seu último trabalho.

Sempre S. de S. Brasil

Quanto, finalmente, ao emprêgo da expressão, parte essencial da arte, deve reproduzir exactamente a imagem, sendo dum realismo perfeito.

Provavelmente, concorda V. comigo.

Quem escreveu aqueles contos, tam bons, está em condições de executar tudo isso.

Presumo que seu progresso como dramaturgo será rápido e esplêndido.

Agradeço-lhe afectuosamente seu último trabalho.

*Pompeu P. de S. Brasil*

Marques Rebelo me adotou como amigo. Morava em Botafogo, e apostava em nordestinos. A toda certeza deu a mão a Herberto Sales, estimulando-o ao sucesso. Estive em seu apartamento várias vezes, discutindo sobre música, jogando xadrez. Um escritor consagrado que se repartia com os que estavam em início de carreira. Leal. Atencioso. Magnânimo.



Rio, 19 outubro 1965

Caro Eduardo Campos

Em papel devidamente acadêmico aqui estou, não acadêmicamente, dando parte do recebimento de OS GRANDES ESPANTOS. Espantos você não me dá mais, meu velho amigo - sempre certezas, sempre demonstração ria do papagaio. E pensando em ir passar uns meses, três no máximo, na chamada velha Europa - pois tenho uns convites e sobre não deve rejeitá-los. E um dia, se a Nação Cearense me convidar, irei também, fartar-me de caju e boa conversa, não contando a brisa que sopra na praia e as lagostas que endoidecem um cristão. E, portanto, até mais.

Com um grande abraço do

R b l,

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Rio, 19 outubro 1965

*Caro Eduardo Campos*

Em papel devidamente acadêmico aqui estou, nada acadêmicamente, dando parte do recebimento de OS GRANDES ESPANTOS. Espantos você não me dá mais, meu velho amigo – sempre certezas, sempre demonstração do talento, e da qualidade literária que me dera pleno e cabal aviso na mocidade, sempre consciência do caminho de um escritor, que eu sei quanto é difícil quando, por questões absolutamente pessoais, se prende na província. E foi uma boa noite de leitura na qual a vida cearense se mostra com aquêlê triste encanto que a torna material excepcional na nossa ficção. E vivacidade, que é um principal que exijo muito nas coisas escritas. E síntese, que devia ser legalmente obrigatório em literatura. Bem, que mais pode dizer a um contista que prossegue firme, um contista que cruzou a pena? Vamos dizer mais: todos os bons adjetivos lhe cabem.

E passando para coisas menos sérias, aqui estou trabalhando pouco, mas pensando muito – como a história do papagaio. E pensando em ir passar uns meses, três no máximo, na chamada velha Europa – pois tenho uns convites e pobre não deve rejeitá-los. E um dia, se a Nação Cearense me convidar, irei também, fartar-me de caju e boa conversa, não contando a brisa que sopra na praia e as lagostas que endoidecem um cristão. E, portanto, até mais.

Com um grande abraço do

*Marques Rebelo*



Rec 14.3.70

Cas Eduardo Campos

Recebi "O Tropical da Bahia"

Tudo muito bom, ensaio -  
bom! Impressionou-me mais

com a segunda parte, na  
qual vai acompanhar 55

personagens com nome mi-  
nista de morte. (ate os

que mais se elevam e se son-  
dram).

Obriat e abraço  
su bello

E. de L.,

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Caro Eduardo Campos*

Recebi "O Tropel das Coisas". Tudo muito bom, enxuto – o fino! Impressionei-me mais com a segunda parte, na qual você acompanha os personagens com uma minúcia de mestre. Cabe ver tudo mais de literatura sem floreios.

Obrigado e abraço do seu velho

*Maques Rabelo*



Rio, 23 março 1967

Caro Eduardo Campos

Volto duma viagem de quatro meses ao estrangeiro, boa por certo, e encontro mais um livro seu à minha espera - À VÉSPERA DO DILÚVIO. ( E dilúvio é o que andou havendo aqui na minha ausência ! ) E não agradei logo, pois desejava lê-lo e muita coisa encontrara para resolver, inclusive uma ida a São Paulo. E só agora, lido e gostado, aqui estou apertando mais uma vez esta sua mão escritora, que ainda não mentiu. E não mentirá tenho a certeza. Você é realmente um dos poucos entre nós que tem o que dizer e sabe fazê-lo com categoria. Uma grandeza sua escrever sobre uma região e não ser regionalista. Tenho horror àqueles que não sabem subir além do pequeno território em que vivem. Foi um dos meus sofrimentos e creio até que não me saí muito mal da arrancada.

E como estou aposentado, tendo oportunidade, pretendo passar uns dias aí nesta formosa terra.

Com um forte e velho abraço do amigo e sempre admirador

Reis

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Rio, 23 março 1967

*Caro Eduardo Campos*

Volto duma viagem de quatro meses ao estrangeiro, boa por certo, e encontro mais um livro seu à minha espera – À VÉSPERA DO DILÚVIO. (E dilúvio é o que andou havendo aqui na minha ausência!) E não agradei logo, pois deseja lê-lo e muita coisa encontrara para resolver, inclusive uma ida a São Paulo. E só agora, lido e gostado, aqui estou apertando mais uma vez esta sua mão escritora, que ainda não mentiu. E não mentirá tenho certeza. Você é realmente um dos poucos entre nós que tem o que dizer e sabe fazê-lo com categoria. Uma grandeza sua: escrever sôbre uma região e não ser regionalista. Tenho horror àqueles que não sabem subir além do pequeno território em que vivem. Foi um dos meus sofrimentos e creio até que não me saí muito mal da arrancada.

Por casualidade encontrei entre a remessa uma ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA, publicada pelo Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro, de Montividéu. Nela você aparece com “Céu Limpo”, e uma pequena mas digna nota bibliográfica. Se você não conhece esta peça, escreva-me que gostosamente enviarei um exemplar, pois tenho dois, não precisa ter remorsos. E me faça também um grande favor – envie a lista dos membros da Academia Cearense de Letras, da qual até quando saiba era você o Presidente, lista esta que deve ter o endereço melhor de cada um. Quero enviar uma coisinha minha para os ilustres confrades.

E como estou aposentado, tendo oportunidade, pretendo passar uns dias aí nesta formosa terra.

Com um forte e velho abraço do amigo e sempre admirador

*Marques Rebelo*

Caro Eduardo:

foi estor de volta a te avisando.  
Depois protendo os seus mandatos.  
Fundi a ABOE em Sta Catarina.  
De noticias me jurei ai e logo  
com que a recan escreve para um  
telegrama de apoio e congratulações  
a joven simão. Que vai em nome  
do Secretario: Hamilton Ferreira,  
Rua Santa Dumont 12 - Florianopo-  
lis. Depois das comunicacões endere-  
cadas etc. Nos logo usa. Muito veni-  
fado.

Digo a fun Radini que recabi o  
livro dele. Não responde pois ando cada  
dia mais encucado. Nos ate qui  
us orações e a melhor lembrança.  
Perceço-o por ui us.

Muito obrigado por tudo, Eduardo

sempre o

Le Que,

18.11.48

*Caro Eduardo:*

Já estou de volta e te avisando. Aguardo portanto os seus mandados. Fundei a ABDE em Sta.Catarina. Dê notícias nos jornais ai e faça com que a seção ceaernse passe um telegrama de apoio e congratulações a jovem irmã. Que vá em nome do Secretario Hamilton Ferreira, Rua Santos Dumond 12 – Florianopolis. Depois eles comunicarão endereço certo, etc. Mas faça isso. Muito obrigado.

Diga a Fran Martins que recebi o livro dêle. Não respondo pois ando cada dia mais encrencado. Mas está aqui no coração a sua melhor lembrança. Muito obrigado por tudo, Eduardo.

Sempre o

*Marques Rebelo*

30.8.48

Cara Amigo Eduardo Campos

Recabi os 3 nos de Clá e estou entusiasmado com o espaço de Uirá. Sei que é de maior interesse a mostra que U. tem um grande caminho, a trilhar.

Estou organizando uma pequena mostra de arte popular, a saber as coleções de Lotações, lembrei-me de U. para colaborar (a melhor palavra é "trabalhar") de parte referente ao "Casa". Você possui me remeter pequenos objetos de barro, fibra, madeira de pau, papéis, tintas, e até mesmo coisas de feitura. Tem alguma coisa me até me como "trabalhar". Você teria um bom conhecimento e gostaria de me ajudar a fazer. Por me comunicar a respeito e por me ajudar a fazer para que eu não me esqueça logo. Seja bem dar o seu e meu telefone: 25.8844.

É minha vontade de trabalhar o Norte.

Em Uirá e o governo de Bahia mostra uma grande disposição e compreensão. Foi a última vítima e se foi imediatamente de Bahia.

Beu. Por hoje é só.

Truona

Muito bem

Recebi,

prai de Botafogo 48 op 5

Rio, 30.8.48

*Caro Amigo Eduardo Campos*

Recebi os 3 nºs de Clã e estou entusiasmado com o esforço de vocês. Sua peça é do maior interesse e mostra que v. tem um grande caminho a trilhar.

Estando organizando uma pequena amostra de arte popular, anexa ao colégio e catequeses, lembrei-me de v. para colaborar (a melhor palavra é doador) da parte referente ao Ceará. Você poderá me remeter pequenos objetos de cromo, ferro, homens de pau, jangadinhas, enfim crias da feira. Você faria um bom acondicionamento e enviaria uma aerea a pagar. Seria bom dar a você o meu telefone: 25.8844

Conto com você.

Não sei se você sabe que não tenho dedicado /// e particularmente a exposições de pintura e conferencias sobre o assunto. Creio que tenho te mandado o fortaleza de algemas. Será que me poderia pagar cousa identica aí? Será o único meio de poder conhecer sua Terra.

E tinha vontade de conhecer o Norte.

Em Março o governo da Bahia contratou uma exposição a conferências. Foi tudo ótimo e eu gostei imensamente da Bahia.

Bem, por hoje é só.

Abraço.

*Marques Rebelo*

Da Costa e Silva, personalidade de prestígio no país, homem de cultura. O pai destacou-se como poeta simbolista. Ele, seu herdeiro intelectual, desempenhava-se nas letras com rara competência, ao tempo em que os de Clã, como eu, iam às montras das livrarias.



Câmara dos Deputados

Rio, 17 de Julho de 1949

Meu caro EDUARDO CAMPOS:

Um abraço.

Depois de longa "mofagem" numa gaveta no IPAC veio ter às minhas mãos o seu livro de contos, que sómente agora pude acabar de ler. Adria- no Kury e Alípio Vaino, da revista "Cronos", também receberam, ignorando se o mesmo aconteceu com o Saldanha. Pena que você não tivesse enviado seu livro nos jornais daqui e, presumo, para todas as revistas literárias. Creio, meu caro, depois de muito pensamento, que a provincia só conseguirá o seu lugar ao sol, divulgando os seus livros, não só nos meios "intelec- tuais" como também no seio do grande público, expondo-os a venda nas li- vrarias. O Dalton Trevisan fez isso, e — diga-se de passagem — a venda do "7 Anos de Pasto" obteve sucesso na Livr. José Olímpio, venden- do os 20 e poucos exemplares que para lá tinham sido enviados. Vi por lá também, há tempos, o livro do Fran. Faça o mesmo. Caso não tenha a venda, sucesso, não desanime, o necessário é provar que as provincias po- dem publicar bons livros como os seus, divulga-los e aos seus escrito- res. Sobre vocês escrevi uma croniquetazinha em "Cronos", no último nú- mero, que já foi enviado para o Eduardo, representante aí da revista. Es- pero no nº 9 de "Revista Branca" saia uma críquetazinha sobre seu livro de - alguém do grupo.

Do seu livro quasi nada posso dizer. Gostei muito, e principalmen- te de certos contos, quais sejam: A Mosca, O Tocador de Bombo, Seu mundo Era O Mar, O Cordão de Ouro (O Roubo?), Lábio de criança. — Tenho medo de muita técnica, muito joycianismo, gideanismo, proustianismo, etc. Você soube usar os recursos básicos do conto, e se despesa muito (e com razão) a condição de conto de Maupassant, na verdade não deixa em suas histórias apenas técnica, — como de uso de certos contistas novos — mas a ela alia uma situação profunda de humano, e atinge — muitas vê- zes — aquela nebulosidade pura, tão almejada, como n'A Mosca e O Roubo, que trazem até nós a intrincada vida momentânea ( não acho a palavra conveniente...) do personagem.

Não gostei de dois contos do volume: A Viagem Definitiva e A Tor- neira Aberta. Dizer porque, eu não o consigo. Creio que no primeiro, você não explorou convenientemente a situação de um viajante até a morte, e há alguma cousa de corriqueiro na situação armada. O segundo, acho falho tanto na urdidura ~~como no tema, contensão, etc.~~

Quasi nada mais tenho que dizer. E que contar, muito menos.

Aquí fico para ~~atender~~ atender a todos os préstimos que o ami- go solicite, os meus são poucos, mas todo empenho faço em poder servir ao pessoal do Ceará com o máximo de meus esforços.

Outro abraço, este ainda maior, do velho amigo de sempre

Da Costa

*Câmara dos Deputados – Rio, 17 de Julho de 1949*

*Meu caro EDUARDO CAMPOS:*

Um abraço.

Depois de longa "mofagem" numa gaveta do IPASE veio ter às minhas mãos o seu livro de contos, que sómente agora pude acabar de ler. Adriano Kury e Aluízio Valle, da revista "Cronos", também receberam, ignorando se o mesmo aconteceu com o Saldanha. Pena que você não tivesse enviado seu livro pros jornais daqui e, presumo, para todas as revistas literárias. Creio, meu caro, depois de muito pensamento, que a provincia só conseguirá o seu lugar ao sol, divulgando os seus livros, não só nos meios "intelectuais" como também no seio do grande público, expondo-os à venda nas livrarias. O Dalton Trevisan tem feito isso, e – diga-se de passagem – a venda dos "7 Anos de Pastor" obteve *sucesso* na livr. José Olímpio, vendendo os 20 e poucos exemplares que para lá tinham sido enviados. Ví por lá também, há tempos, o livro do Fran. Faça o mesmo. Caso não tenha a venda sucesso, não desanime, o necessário é provar que as provincias podem publicar bons livros como os seus, divulga-los e aos seus escritores. Sobre vocês escreví uma crônicazinha em "Cronos", no último número, que já foi enviado para o Eliardo, representante aí da revista. Espero no nº 9 da "Revista Branca" saia uma crônica sobre seu livro de alguém do grupo.

EDUARDO CAMPOS – 80 ANOS

Do seu livro quasi nada posso dizer. Gostei muito, e principalmente de certos contos, quais sejam: A Mosca, O Tocador de Bombo, Seu mundo Era o Mar, O Cordão de Ouro (O Roubo?), Lábio de criança. – Tenho medo de muita técnica, muito joycianismo, gideanismo, proustianismo, etc. Você soube usar os recursos básicos do conto, e se despresa muito (e com razão) a condição de conto de Maupassant, na verdade não deixa em suas histórias apenas técnica, – como de uso de certos contistas novos – mas a ela alia uma situação profunda de humano, e atinge – muitas vêzes – aquela nebulosidade pura, tão almejada, como n'A Mosca e O Roubo, que trazem até nós a intrincada vida momentânea (não acho a palavra conveniente...) do personagem.

Não gostei de dois contos do volume: A Viagem Definitiva e A Torneira Aberta. Dizer porque, eu não o consigo. Creio que no primeiro, você não explorou convenientemente a situação de um viajante até a morte, e há alguma coisa de corriqueiro na situação armada. O segundo, acho falho tanto na urdidura como no tema, contensão, etc.

Quasi nada mais tenho que dizer. E que contar, muito menos.

Aqui fico para atender a todos os préstimos que o amigo solicite, os meus são poucos, mas todo empenho faço em poder servir ao pessoal do Ceará com o máximo de meus esforços.

Outro abraço, este ainda maior, do velho amigo de sempre

*Da Costa e Silva*

Edson Régis

Edson Régis, valoroso exemplo de liderança jovem, intelectual, no Recife, onde publicava "Região". Mantinha ativa correspondência com os representantes do Grupo Clã. Morreu inesperadamente no Aeroporto dos Guararapes, em Recife, vítima de atentado a bomba.

**Direção**  
Edson Régis  
Rua ... 1.º

**REGIÃO**

**Redação**  
Rua Imperador, 227 - 1.º  
Fone 6064  
RECIFE-PERNAMBUCO

— DIVULGAÇÃO E CULTURA —  
Fundada em 1945 - Registrada no Departamento Nacional de Informações

Recife, 1 de novembro de 1947

Meu caro Eduardo Campos:

... pela segunda vez me dirijo em carta a um escritor  
coarense da turma dos novos. A primeira foi ao Antonio Girão Barroso. E  
como esse jovem poeta estava de partida para Belo Horizonte até hoje não  
me respondeu. Agora sou eu que respondo a sua carta. Gostei bastante de  
tudo o que v. disse. Estamos agora ligados pelo gosto da arte, separados  
apenas pelo espaço geográfico. E como v. diz um dia esse espaço desapare-  
cerá e estaremos um frente ao outro. Por enquanto há uma "pedra no meio  
do caminho", não é verdade?

... Aceitarei de bom gosto - ou melhor com todo o prazer,  
pois eu já ia lhe pedir - sua colaboração para a revista. Aliás estou de-  
cidido a publicar seu conto FOGS ILUMINADA, para o qual mandei fazer o  
clichê da ilustração que o livro traz na capa. Que tal? Concorda? Se não  
acha conveniente mande outro trabalho seu dentro de 10 dias. Seu e de  
outros moços da sua turma. Se for possível mande um resumo do movimento  
literário e artístico do Coará. Sei, bem que seus amigos "cabeças-chatas",  
como v. diz que é também, estão fazendo o diabo por aí. Espero portanto u-  
na boa colaboração do seu Estado. Diga ao Barroso que deixe de ser bandido  
e me responda. Por aqui vai tudo na mesma besteira. O Mauro acaba de pu-  
blicar um dos maiores sopetos da língua. V. deve ter lido. Foi no domingo  
do outubro. Aqui fica o seu novo amigo e admirador

Edson Régis

... Rua ... 1.º

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Recife, 1 de novembro de 1947*

*Meu caro Eduardo Campos:*

Pela segunda vez me dirijo em carta a um escritor cearense da turma dos novos. A primeira foi ao Antonio Girão Barroso. E como esse jovem poeta estava de partida para Belo Horizonte até hoje não me respondeu. Agora sou que respondo a sua carta. Gostei bastante de tudo o que v. disse. Estamos agora ligados pelo gosto da arte, separados apenas pelo espaço geográfico. E como v. diz um dia esse espaço desaparecerá e estaremos um frente ao outro. Por enquanto há uma "pedra no meio do caminho", não é verdade?

Aceitarei de bom gosto – ou melhor com todo o prazer, pois eu já ia lhe pedir – sua colaboração para a revista. Aliás estou decidido a publicar seu conto FACE ILUMINDA, para o qual mandei fazer o clichê da ilustração que o livro traz na capa. Que tal? Concorda? Se não acha conveniente mande outro trabalho seu dentro de 10 dias. Seu e de mais outros moços da sua turma. Se for possível mande um resumo do movimento literário e artístico do Ceará. Sei bem que seus amigos "cabeças-chatas", como v. diz que é também, estão fazendo o diabo por aí. Espero portanto uma boa colaboração de seu Estado. Diga ao Barroso que deixe de ser bandido e me responda. Por aqui vai tudo na mesma besteira. O Mauro acaba de publicar um dos maiores sonetos da língua. V. deve ter lido. Foi no domingo, 26 de outubro. Aqui fica o seu novo amigo e admirador.

*Edson Régis*

End. Particular: Av. Beberibe, 2766 – Recife.

Roger Bastide

Roger Bastide, grande sociólogo, professor emérito. No Brasil firmou conceito de exemplar dedicação aos estudos da sociedade brasileira. Nunca lhe faltou tempo para estimular os jovens, como eu, àquele tempo, lançados à aventura das letras - (ou dos sonhos)...

São Paulo, 22 de Agosto de 1946

Prezado Senhor

Ha, neste momento, no Brasil, uma grande efervescencia de idéias e de sentimentos, que presagia um novo grande momento da sua literatura. E o que ha de mais interessante, é que essa agitação não está localizada na capital do país, mas, sim multiplica-se em todas as provincias. Um dos testemunhos mais tocantes que vêm até mim, meu caro Senhor, é a sua coleção de contos: "Face iluminada", de uma tão grande intensidade dramática e de um estilo tão vigoroso e tão direto. Apreciei, particularmente, "Face iluminada", esse primeiro conto que abre o livro, uma autentica obra prima e "No morro do moinho morre um merino". De um modo geral, cada vez que o Senhor se encontra com a tese da Morte, sua prosa toma uma ressonancia grave e musical, que vai longe nas nossas sensibilidades. Confesso que não o conhecia, mas estou contente por te-lo descoberto e não me admiro de que Mario de Andrade o tenha estimado. Com as minhas mais sinceras felici-

tações e agradecimentos pelos seus belos contos.

Roger Bastide

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*São Paulo, 22 de Agosto de 1946*

*Prezado Senhor*

Ha, neste momento, no Brasil, uma grande efervescencia de idéias e de sentimentos, que pressagia um novo grande momento da sua literatura. E o que ha de mais interessante, é que essa agitação não está localizada na capital do país, mas, sim multiplicada-se em todas as provincias. Um dos testemunhos mais tocantes que vêm até mim, meu caro Senhor, é a sua coleção de contos: "Face Iluminada", de um tão grande intensidade dramatica e de um estilo tão vigoroso e tão direto. Apreciei, particularmente, "Face iluminada", esse primeiro conto que abre o livro, uma autentica obra prima e "No morro do moinho morre um menino". De um modo geral, cada vez que o Senhor se encontra com a tese da Morte sua prosa toma uma ressonancia grave e musical, que vai longe nas nossas sensibilidades. Confesso que não o conhecia, mas estou contente por te-lo descoberto e não me admiro de que Mario de Andrade o tenha estimado. Com as minhas mais sinceras felicitações e agradecimentos pelos seus belos contos,

*Roger Bastide*

Renato Almeida, vigoroso impulsionador do folclore nacional. Prestigiou ao máximo o congresso de folclore realizado em Fortaleza. Incentivava os estudiosos das tradições, como eu. E não se cansava de eschever aos que precisavam de suas observações e orientação.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1962

Eduardo Campos querido:

recebou meu telegrama? já começou a divulgar, urbe et orbi, o nosso Congresso? Desculpe se entro assim no assunto, pois que antes lhe devia dizer que vim encantado dessa terra e foi um alegrão conhecer você direitinho, na sua intimidade, recebendo suas gentilezas e sentindo como e quanto você é homem folk, ao meio dessa vida alucinada que leva.

Prestígio o Congresso, oriente os companheiros e você, com uma prática de organização modelar, nos pode ser muito útil. Não é para você organizar, que não lhe sobra tempo, bom o sei, mas para esclarecer o pessoal, particularmente no terreno de auxílios. Falai ao Florival que procurasse o Governador, com vocês que são da Comissão Executiva, claro que tendo a Dr<sup>a</sup> Henriqueta à frente, para pedir um auxílio, citando o que fizeram os governos do Paraná, da Bahia e do Rio Grande do Sul. Mas, em Pôrto Alegre, o Dante de Laytano conseguiu uma coisa muito interessante, para a qual quero chamar a atenção de vocês. É que grandes empresas, instituições ricas, industriais etc., tomassem a si dar uma contribuição, que poderá ser em hospedagens, fazendo uma determinada coisa ou até contribuindo mesmo com as pratas. Você que conhece bem o meio, pode orientar com segurança o pessoal, porque êsse Congresso tem de ser um sucesso absoluto. Vamos para o nordeste, pela 1<sup>a</sup> vez, para êsse mundo fabuloso de folclore e precisamos um êxito completo, como, aliás, espero com muita confiança. Da minha banda farei tudo.

Cumprindo promessa, só comeci a publicar as notícias de Congresso no sábado passado em São Paulo e ontem aqui no Rio.

E renovando meu agradecimento pela carinhosa acolhida quem me recebeu,

Um afetivoso abraço ao

Ricardo Reis

*Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1962*

*Eduardo Campos querido:*

Recebeu meu telefonema? Já começou a divulgar, urbe et orbi, o nosso Congresso? Desculpe se entro assim no assunto, pois que antes lhe devia dizer que vim encantado dessa terra e foi um alegrão conhecer você direitinho, na sua intimidade, recebendo suas gentilezas e sentindo como e quanto você é homem *folk*, ao meio dessa vida alucinada que leva.

Prestigie o Congresso, oriente os companheiros e você, com uma prática de organização modelar, nos pode ser muito útil. Não é para você organizar, que não lhe sobra tempo, bem o sei, mas para esclarecer o pessoal particularmente no terreno de auxílios. Falei ao Florival que procurasse o Governador, com vocês que são da Comissão Executiva, claro que tendo a Dra. Henriqueta à frente, para pedir um auxílio, citando o que fizeram os governos do Paraná, da Bahia e do Rio Grande do Sul. Mas, em Pôrto Alegre, o Dante de Laytano conseguiu uma coisa muito interessante, para a qual quero chamar a atenção de vocês. É que grandes empresas, instituições ricas, industriais etc., tomassem a si dar uma contribuição, que poderá ser em hospedagem, fazendo uma determinada coisa ou até contribuindo mesmo com as pratas. Você que conhece bem o meio, pode orientar com segurança o pessoal, porque êsse Congresso tem de ser um sucesso absoluto. Vamos para o nordeste, pela 1ª vez, para êsse mundo fabuloso de folclore e precisamos um êxito completo, como, aliás, espero com muita confiança. Da minha banda farei tudo.

Cumprindo promessa, só comecei a publicar as notícias do Congresso no sábado passado em São Paulo e ontem aqui no Rio.

E renovando meu agradecimento pela carinhosa acolhida quem me recebeu, um afetuoso abraço do

*Renato Almeida*

Um bom poeta, amigo, de fala vagarosa, acolhedor. Conheci-o na Bahia, quando ali estive hóspede do contista Vasconcelos Maia, em sobradão na Rua Democrata, 9., em Salvador. Interessado como poucos na atuação daqueles que, no Ceará, exercitavam-se nas letras..

Cidade do Salvador, 16 de Abril de 1947.

Meu caro Eduardo Campos,

Não sei como me desculpar das minhas muitas faltas para com você. Tenho recebido as suas cartas, mas na vida em que vivo, de doenças, preocupações e tantos outros incidentes, não tenho podido ou encontrado oportunidade para acusar-lhes recepção, como desejava. Espero, portanto, que você perdôe o meu retardamento. Não foi por desatenção, nem por falta de desejo de lhe manifestar o meu agrado ao ler as suas cartas.

O Herman Lima esteve aqui, em dezembro. Soube que ele manifestou a algumas pessoas o desejo de um encontro comigo, o que não foi possível, pois o dito romancista, durante o mês que esteve na Bahia, permaneceu quase todo no interior, em Valença, visitando pessoas de sua família. Mesmo assim tive ocasião de mandar-lhe, por portador, um volume de "POEMAS", no último dia que passou aqui.

Quero que me mande notícias, boas notícias suas, dos seus trabalhos, do Ceará e das Edições CLÁ. Que é feito do seu romance? Quando sairá, finalmente?

Outro dia tive o prazer de reler o seu conto "Céu Limpo", magnificamente ilustrado nas páginas da revista ATUALIDADES LITERARIAS, de São Paulo.

Gostei imensamente do número zero da revista CLÁ. Aguardo com vivo interesse os números futuros.

Recebi, na semana passada, o recorte de uma notícia sobre o meu livro, que me enviou o Antônio Girão Barroso. Dê, por mim, um abraço no poeta de "ALGUNS POEMAS".

O Mário Augusto recebeu uma cartinha sua.

Me mande notícias do poeta Artur Eduardo Benevides, um dos mais queridos amigos que possuem no bom grupo dos novos do Ceará.

Continue mandando suas notícias, sempre que puder. Com as minhas desculpas por tudo e com os meus agradecimentos, desejo que disponha sempre do amigo que o abraça afetuosamente

*Wilson Rocha*

Rua Senador Costa Pinto, 102

*Cidade do Salvador, 16 de Abril de 1947.*

*Meu caro Eduardo Campos,*

Não sei como me desculpar das minhas muitas faltas para com você. Tenho recebido as suas cartas, mas na vida em que vivo, de doenças, preocupações e tantos outros incidentes, não tenho podido ou encontrado oportunidade para acusar-lhes recepção, como desejava. Espero, portanto, que você perdôe o meu retardamento. Não foi por desatenção, nem por falta de desejo de lhe manifestar o meu agrado ao ler as suas cartas.

O Herman Lima esteve aqui, em dezembro. Soube que êle manifestou a algumas pessoas o desejo de um encontro comigo, o que não foi possível, pois o dito romancista, durante o mês que esteve na Bahia, permaneceu quase todo no interior, em Valença, visitando pessoas de sua família. Mesmo assim tive ocasião de mandar-lhe, por portador, um volume de "Poemas", no último dia que passou aqui.

Quero que mande notícias, boas notícias suas, dos seus trabalhos, do Ceará e das Edições Clã. Que é feito do seu romance? Quando sairá, finalmente?

Outro dia tive o prazer de reler o seu conto "Céu Limpo", magnificamente ilustrado nas paginas da revista ATUALIDADES LITERARIAS, de São Paulo.

Gostei imensamente do número zéro da revista CLÃ. Aguardo com vivo interêsse os números futuros.

Recebi, na semana passada, o recorte de uma notinha sobre o meu livro, que me enviou o Anônio Girão Barroso. Dê, por mim, um abraço no poeta de "Alguns Poemas".

O Mário Augusto recebeu uma cartinha sua.

Me mande notícias do poeta Artur Eduardo Benevides, um dos mais queridos amigos que possuiu no bom grupo dos novos do Ceará.

Continue mandando suas notícias, sempre que puder.

Com as minhas desculpas por tudo e com os meus agradecimentos, desejo que disponha sempre do amigo que o abraça afetuosamente

O Senador Costa Pinto, 102

*Wilson Rocha*

Rodrigo Octávio Filho, figura respeitável das letras nacionais. Educado e culto. Apreciador, não apenas curioso, da trajetória literária dos intelectuais cearenses do Grupo Clã.



Rio de Janeiro, 12 de julho de 1968.

Eduardo de Campos

O seu novo livro de contos - "O Abutre e outras histórias", do qual você teve a bondade de me enviar um exemplar, foi, praticamente, a primeira leitura séria que fiz depois de operado de uma catarata no olho direito. Li-o com o resto de visão do esquerdo, cujo cristalino aguarda o momento de ser retirado e transformado, dentro de um vidro, em peça de museu... Seu novo livro é apenas a reafirmação do admirável contista que você é, e que mereceu o verídico e substancioso estudo, com que o exigente Braga Montenegro o apresenta.

A leitura de seu livro foi para mim um grande prazer. E trouxe-me à lembrança o tempo em que eu recebia e lia tudo o que era publicado pela Revista Clã.

Um cordial abraço do confrade e amigo admirador,

Rodrigo Octávio Filho

*Rio de Janeiro, 12 de julho de 1968*

*Eduardo Campos*

O seu novo livro de contos – “O Abutre e outras estórias”, do qual você teve a bondade de me enviar um exemplar, foi, praticamente, a primeira leitura séria que fiz depois de operado de uma catarata no olho direito. Li-o com o resto de visão do esquerdo, cujo cristalino aguarda o momento de ser retirado e transformado, dentro de um vidro, em peça de museu... Seu novo livro é apenas a reafirmação do admirável contista que você é, e que mereceu o verídico e substancioso estudo, com que o exigente Braga Montenegro o apresenta.

A leitura de seu livro foi para mim um grande prazer. E trouxe-me à lembrança o tempo em que eu recebia e lia tudo o que era publicado pela Revista Clã.

Um cordial abraço do confrade e amigo admirador,

*Rodrigo Octávio Filho*

Silvio Júlio de Albuquerque Lima, durante alguns anos, esteve em Fortaleza. Deu-se de amor ao Ceará, de que resultou o livro: "Terra e Povo do Ceará", obra que mais próxima dos nossos dias circulou em segunda edição. Cultivava a amizade de escritores cearenses, trocando cartas, como sucedeu comigo. É lembrança de muita afeição.

Talento e querido colega e grande amigo  
Eduardo Campos.  
Creio que já tem você em suas mãos o meu  
agradecimento pelo admirável e profundo  
Complexo de Anteu, templo de verdades que,  
sucessivos ensaios de mestre, formam o  
melhor panorama da problemática cearense  
de hoje. Louvo-lhe a linguagem  
pública e elevada na correção e elegân-  
cia, o estilo literário por simples sem orbi-  
garidade e forte com precisão, e o con-  
teúdo invariavelmente bem selecionado  
do, além de resolvido mediante sabedoria  
e inteligência. Gostei de verdade do Com-  
plexo de Anteu. O Ceará avulta e se le-  
vanta à vanguarda dos Estados bra-  
sileiros por tanta autonomia na for-  
ma e na orientação dos seus inste-  
tuais representativos. Que prosiga so-  
berano, anti-inquistista, emancipado  
luminoso Fortaleza das' meus vinte e  
quater anos. Que Deus me o permita  
disponha do admirador e colega  
Silvio Júlio de Albuquerque  
Lima

Petrópolis, RJ. – (7-8-1977).

*Talentoso e querido colega e grande amigo Eduardo Campos.*

Creio que já tem você em suas mãos o meu agradecimento pelo admirável e profundo "Complexo de Anteu", templo de verdades que, sucessivos ensaios de mestre, formam o melhor panorama da problemática clareza de hoje. Louvo-lhe a linguagem a que é pulcra e elevada na correção e elegância, o estilo literário por simples sem vulgaridade e forte com precisão, e o conteúdo invariavelmente bem selecionado, além de resolvido mediante saber e inteligência. Gostei de verdade do *Complexo de Anteu*. O Ceará avulta e se levanta à vanguarda dos Estados brasileiros por tanta autonomia na forma e na orientação dos seus intelectuais representativos. Que prossiga soberano, anti-ianquista, emancipado e nordestino.

Não imagina a quanto lamento não haver lido *Complexo de Anteu* senão depois de ter no prelo a 2ª edição do *Terra e Povo do Ceará*, se antes o consultasse, louvá-lo-ia extensa e intensamente em novas páginas do meu livro de 1936. De qualquer modo, arranjarei maneira de indicá-lo ao Brasil por documento e lição, por modelar atitude examinadora de problemas psicossociais. Você marcha adiantado nesta labuta interpretativo-resolutória entre nós.

Suplico-lhe transmita a Otacílio Colares, a Maria da Conceição Souza, a Sânzio de Azevedo, a Jáder de Carvalho e outros camaradas galhardos os meus cumprimentos e a vontade de voltar a percorrer essa luminosa Fortaleza dos meus vinte e quatro anos. Que Deus me o permita. Disponha do admirador e colega.

*Silvio Júlio de Albuquerque Lima*

Valdemar de Oliveira dirigia o Teatro de Amadores de Pernambuco, uma página refulgente de boas lições de teatro. Amigo de Nadir Pápi Sabóia. Tomou-se de interesse por peça que escrevi, representada por aquela grande dama do teatro cearense. A carta explica melhor...

Recife, 6 de fevereiro de 1957

Prezado confrade Eduardo Campos

Embora não nos conheçamos, ainda, pessoalmente, sinto-me à vontade para lhe escrever, dadas as nossas afinidades intelectuais, entre elas o amor ao Teatro que já o levou a produzir obras de reconhecido valor artístico. Precisamente sobre uma delas lhe venho falar: gostaríamos, nós do Teatro de Amadores de Pernambuco, de obter uma cópia de "A máscara e a face" que tão boa impressão nos causou quando aqui encenada pelo Teatro Escola do Ceará, durante o II Festival Nortista de Teatro Amador. Essa impressão - confesso-o francamente, em nome da sinceridade intelectual - somente decaía no 3º ato. Conhecendo as circunstâncias especiais em que foi a peça elaborada e o êxito que, apesar disso, obteve sua representação, pergunto-me se não teria o Amigo retomado o trabalho de composição do original, segundo as justas sugestões da crítica e, provavelmente, o seu próprio parecer. Isso conferiria a "A máscara e a face" novas possibilidades de encenação, por outros conjuntos, bem precisados, agora, de originais brasileiros. É nessa esperança que lhe solicito uma cópia desse trabalho que me inspirou, e em particularmente, tantas ideias para uma melhor conclusão da trama dramática, admiravelmente epilogada pela cena em que a protagonista reclama a presença de um fotógrafo, para fixar um novo flagrante de sua família. O ideal seria que pudéssemos conversar pessoalmente. Como isso não é possível, fico-me no externar o desejo de obtenção de uma cópia que desejo reler já com outros olhos - os de quem entãda a possibilidade de dirigi-la.

Peço-lhe desculpar o papel em que escrevo: é papel de jornalista, aquele com que fabricamos, nós ambos, diariamente, o pão do Moloch do rádio e do jornal.

Na expectativa de uma resposta urgente - dada a urgência, em que nos vemos, de um bom original brasileiro para a temporada que o TAP fará, em julho, no Rio,

saudando-o, cordialmente.

*Valdemar de Oliveira*

*Recife, 6 de fevereiro de 1957*

*Prezado confrade Eduardo Campos*

Embora não nos conheçamos, ainda, pessoalmente, sinto-me à vontade para lhe escrever, dadas as nossas afinidades intelectuais, entre elas o amor ao Teatro que já o levou a produzir obras de reconhecido valor artístico. Precisamente sobre uma delas lhe venho falar: gostaríamos, nós do Teatro de Amadores de Pernambuco, de obter uma cópia de "A máscara e a face", que tão bôa impressão nos causou quando aqui encenada pelo Teatro Escola do Ceará, durante o II Festival Nortista de Teatro Amador. Essa impressão – confesso-o francamente, em nome da sinceridade intelectual – somente decaía no 3º ato. Conhecendo as circunstâncias especiais em que foi a peça elaborada e o êxito que, apesar disso, obteve sua representação, pergunto-me se não teria o Amigo retomado o trabalho de composição do original, segundo as justas sugestões da crítica e, provavelmente, o seu próprio parecer. Isso conferiria a "A máscara e a face" novas possibilidades de encenação, por outros conjuntos, bem precisados, agora, de originais brasileiros. É nessa esperança que lhe solicito uma cópia dêsse trabalho que me inspirou, a mim particularmente, tantas idéias para uma melhor conclusão de trama dramática, admiravelmente epilogada pela cena em que a protagonista reclama a presença de um fotógrafo, para fixar um novo flagrante de sua família. O ideal seria que pudéssemos conversar pessoalmente. Como isso não é possível, fico-me no externar o desejo de obtenção de uma cópia que desejo reler já com outros olhos – os de quem estuda a possibilidade de dirigí-la.

Peço-lhe desculpar o papel em que escrevo: é papel de jornalista, aquele com que fabricamos, nós ambos, diariamente, o pão do Moloch do rádio e do jornal.

Na expectativa de uma resposta urgente – dada a urgência, em que nos vemos, de um bom original brasileiro para a temporada que o TAP fará, em julho, no Rio,

sau-do-o, cordialmente.

*Valdemar de Oliveira*

Walter Wey, durante anos, em Montevideu, foi embaixador das letras do Brasil. Incluiu textos meus em duas antologias e me proporcionou a oportunidade de falar a estudantes de português naquele país. A minha esposa e a mim serviu de cicerone, fazendo turismo, como prometeu em carta, em modesto "Chevrolet" modelo 1950, de sua propriedade.



INSTITUTO DE CULTURA  
URUGUAYO - BRASILEÑO  
15 DE JULIO 994 - PISO 5  
MONTEVIDEO

Montevideu, 5 de novembro de 1957

Caro amigo Campos.

Ando ocupadíssimo com os exames finais, exposições e contas do Instituto, que me deixa pouco tempo para os amigos (mesmo para os mais queridos, como você), escasseia de maneira dolorosa.

Recebi sua "Medicina". Marquei uma montanha de páginas para conversarmos depois. Há um seu número de pontos de contato com a medicina popular de São Paulo e do Uruguai. Você teria interesse nisso? O livro é extremamente dinâmico e, sem dúvida, você contribuiu com uma obra de grande valor para aclarar algo desse insondável enigma que é a nossa terra. Quando sair o Boletim Bibliográfico Brasileiro, editado pelo ICUB, no próximo ano, dedicaremos longas linhas aos seus livros.

Escrevi ao Paulo de Camille Neto, no Paraguarai, um trabalho cultural, que está fazendo magnífico trabalho sobre o folclore guarani, falando tanto de seu livro

*Montevideu, 5 de novembro de 1951*

*Caro amigo Campos.*

Ando ocupadíssimo com os exames finais, exposições e contos do Instituto, que meu tempo para os amigos (mesmo para os mais queridos, como você), escasseia de maneira dolorosa.

Recebi sua "Medicina". Marquei um montão de páginas para conversarmos depois. Há um sem número de pontos de contacto com a medicina popular de S. Paulo e do Uruguai. Você teria interêsse nisso? O livro é extraordinário e, sem dúvida, você contribuiu com uma obra de grande valor para aclarar algo dêsse nosso enigma que é a nossa terra. Quando sair o Boletim Bibliográfico Brasileiro, editado pelo ICUB, no próximo ano, dedicaremos longas linhas aos seus livros.

Escrevi ao Paulo de Carvalho Neto, no Paraguai, em união cultural, que está fazendo magnífico trabalho sôbre o folclore, falando tanto de seu livro que êle se entusiasmava e pediu o meu emprestado. Temo pela integridade física do volume e, além disso, não devo desprender-me do exemplar que v. me enviou. Por que não lhe manda um? O rapaz foi discípulo de Artur Ramos. Em troca, êle lhe enviará algumas publicações mimeografadas de estudos paraguaios. O enderêço é: Prof. Paulo de Carvalho Neto – União Cultural Brasileira – Embajada del Brasil – ASSUNCION – Paraguauy.

Outro por quem escrevi sôbre o livro e se interessou muito foi Héríb Campos Cenveva – o grande poeta do Paraguai – atualmente compondo um trabalho de etnografia sôbre os indios guaranis do Chaco Paraguaio, para a Coleção Tema Firme (México). O enderêço é: Calle Hipólito Irigoyen, 1456 – 1º B – Buenos Aires – Rep. Argentina. Aí está êle exilado.

Mande-lhe o livro em meu nome. V. não se arrependerá. Principalmente quando ao último. É uma das melhores almas que encontrei para querer, em tôda minha vida. É como intelectual – vale muitíssimo.

Você já recebeu o "Segundo Caderno de Gramática"? Vi seu conto incluído na Antologia? A escolha foi feliz. Os alunos gostam muito dêle. E é uma delícia ouvir as moças e os rapazes, quando o lêem, pondo êsse saboroso acento castelhano na voz do cearense Mariano.



INSTITUTO DE CULTURA  
URUGUAYO - BRASILEÑO  
18 DE JULHO 1994 - Piso 6  
MONTEVIDEO

- 2 -

Eu te escrevi há muito tempo e pedir o meu empres-  
tado. Teus pela integridade física do volume e, além  
disso, não posso esquecer-me de exemplar que V. me  
enviou. Por que não lhe manda um? O rapaz foi dia-  
juro de Arthur Ramos. Em troca, ~~eu~~ ele lhe enviara  
algumas publicações mimeografadas de estudos para-  
guaios. O endereço é: Prof. Paulo de Cavalho Neto -  
Munic. Cultural Brasileira - Embajada del Brasil -  
ASUNCION - Paraguai.

Outro por quem escrevi sobre o livro e o intere-  
sou muito foi Heib Campos Cervera - o grande poeta  
paraguai - atualmente compõe um trabalho  
de etnografia sobre o Índio guarani do Chaco Para-  
guai, para a Coleção Terra Firme (México). O endereço  
é: Calle Hipólito Trigojen, 1456 - 1º B - Buenos Aires -  
Rep. Argentina. Ali está ele exilado.



INSTITUTO DE CULTURA  
URUGUAYO - BRASILEÑO  
18 DE JULHO 1994 - Piso 6  
MONTEVIDEO

- 3 -

Você já recebeu o "Segundo Caderno de Gramática"?  
Vui muito incluído na Antologia? A escolha foi feliz.  
O aluno gostam muito dele. É uma alegria ouvir  
as vozes e o rapaz, quando o lêem, quando são as  
boas acerto costelharo na voz do marouse mamano.  
Quando V. decerá por o R. G. do Inf? Não se  
esqueça da promessa de enviar-me algum tempo  
antes. Montevideo está longe de Porto Alegre somente  
3 horas em avião.

Abraço do sempre amigo,

Walter

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Quando v. descerá para o R. G. do Sul? Não se esqueça da promessa de enviar-me algum tempo antes. Montevideú está longe de Pôrto Alegre sòmente 3 horas de avião.

Abraços do sempre amigo,

*Walter Wei*

P.S. Esqueci-me do Camarinha. Tenho aqui um professor, assistente do "Cruzeiro", que deseja o seu livro. Vale a pena mandar-lhe. Como estará aqui até 15 de dez. será melhor mandar para a redação da revista, no Rio.

Em janeiro, estarei à sua disposição em S. Paulo. Deverei regressar a Montevideú no começo de fevereiro de 1952.

Do mesmo amigo.



Montevideo, 21-V-51

Caro Eduardo,

Sinto imensamente a morte de seu pai. Em 1950, fevereiro, perdi minha sogra, também vitimada pelo câncer.

Não sei por que tenho andado atarefado<sup>h</sup> mo com o Instituto. Finalmente terminamos o "segundo caderno de gramática e Antologia", já em Porto Alegre, em provas de página. Para isso pedi o ano de seu nascimento. Incluí na Antologia o seu Marru.

Dia 12 mandei para você, em correio comum, sob registro, meu livro sobre a Poesia Paraguará. A tradução é péssima. Por que o original. Gostaria de saber sua opinião, por favor de parte o espírito de amizade.

Felicito-o pelo novo posto. Gostaria de saber qual é o canal de onda curta de 2YN6 e 2YN7. Ouvir-se-ia daqui? É por falar em rádio, quando vier para Porto Alegre, avise-me em antecedência. Esta é a grande oportunidade para você vir aqui. Quero uma palestra, pelo menos, ou simplesmente o prazer e a alegria de sua companhia. Vamos virar o Uruuguai pelo avesso.

Abracos do sempre amigo,

Walter

Montevidéu, 21 - V - 51

Caro Eduardo,

Sinto imensamente a morte de seu pai. Em 1950, fevereiro, perdi minha sogra, também vitimada pelo câncer.

Não escrevi porque tenho andado atarefadíssimo com o Instituto. Finalmente terminamos o "Segundo Caderno de Gramática e Antologia", já em Pôrto Alegre, em prova de página. Para isso pedi o ano de seu nascimento. Incluí na Antologia o seu *Marru*.

Dia 12 mandei para você, em correio comum, sob registro, meu livro sobre a *Poesia Paraguaia*. A tradução é péssima. Pior que o original. Gostaria de saber sua opinião, pondo de parte o espírito de amizade.

Felicito-o pelo novo posto. Gostaria de saber qual é o canal de onda curta de ZYN6 e ZYN7. Ouvir-se-ia daqui? E por falar em rádio, quando vier para Pôrto Alegre, avise-me com antecedência. Essa é a grande oportunidade para você vir aqui. Quero uma palestra, pelo menos, ou simplesmente o prazer e a alegria de sua companhia. Vamos virar o Uruguai pelo avêso. Tenho um Chevrolet 50 que nos permitirá o luxo de visitarmos a cidade e o interior. Você ficará aqui por conta nossa. De Pôrto Alegre a Montevidéu temos 3 horas de avião. Prepare, pois, sua viagem na certeza de gastar alguns dias aqui. Está?

Gastón, como sempre, grande amigo e grande sujeito. Você o conhece pessoalmente? É milionário (uma das maiores fortunas do Uruguai) e creio que muita gente, na rua, já lhe tenha oferecido algum níquel, acreditando estar frente a frente a um mendigo, tão mal se veste e se cuida. Não por miserável. Desleixo, puro desleixo. É meu maior amigo, no Uruguai. Acaba de publicar um livro (antologia) de versos para criança. Conhece mais literatura brasileira que qualquer brasileiro e não passa um domingo sem publicar algo sobre o Brasil em jornais daqui.

Aqui fico.

Abraços do sempre amigo,

Walter Wei

Yaco Fernandes descobriu em artigo minha tendência pelas partes côncavas e convexas da mulher. Em tom de crítica, pespegou-me o julgamento em artigo. Não esperou, imagino, ser meu leitor e amigo.. Estando no Rio, visitava-o no escritório de advocacia então dividido com o pai, o respeitável Adauto Fernandes, autor de valioso estudo sobre os índios do Ceará. Nossa correspondência foi imensa, mais de cem cartas trocadas. Podem crer!

ADVOGADOS  
Prof. Adauto Fernandes  
Dr. Yaco Bleasby Fernandes

Rua do Ouvidor, 163 - 2º - Sala 311  
Telefone 43-5296  
- RIO -

Rio, 24 de maio de 1946

Eduardo amigo:

Vá hoje a minha resposta a V., que está chovendo e ha um compasso de repouso nas atividades tão bobas. Ontem, aí pelas seis horas, depois de um horrível dia de calor excessivo e excessivo trabalho (duas absolvições das inesperadas: "--Venceu a Justiça!", "-- Apela!"), me arrastei como Deus feizervide para a fila de autolotações, ali no Largo da Cavalaria; fiquei lá pelo fim, calculando, com o timismo, que dentro de uns noventa minutos talvez conseguisse vaga num auto. Mas, eis que os comunistas, tão bonzinhos, resolveram fazer um comício no local, a-pesar-da proibição da polícia; letrados, berros, vaias, células "democráticas", escolas de samba e os matadores do costume; só não estavam os oradores, a principiar pelo Prestes, que todos já se haviam recolhido ao berço. Logo, a cavalaria varreu o Largo, tambem no jeito do costume; a fila dissolveu-se num segundo, de que me aproveitei para passar para o primeiro lugar (pudera não, aos dez anos fiz minha estréia com a cavalaria,-- e perseverei). O primeiro carro me trouxe para casa,-- e depois foi que os tiros saíram. Não haverá comentários.

Já sabia dessa exposição de pintura, aí, que V. ando espinafrando. Temo que ora aí corra a moda de pintar; tudo no Ceará é moda, ou tempo, desde as arraias até à poesia; desta última, assistí duas, em dias de minha vida, a primeira em 28 e a segunda a partir de 35; nesta porventura terei alguma responsabilidade, mea culpa! O poeta Girão mandou-me artigo que fez sobre os pintores; não houve jeito de eu conseguir individuar um nome,-- tão velho já ando. E, a julgar pelo Girão, são todos uns Picassos, uns Matissees profundos, geniais e ignorados. Se eu estivesse aí, Deus meu, como me arranjaría com a minha burrice nesses assuntos? Pois, ainda segundo o Girão, esses pintores "não veem o modelo, mas veem sobre o modelo". O que me faz pensar que essa pintura já deixou de ser uma arte, para se situar no campo dos conhecimentos e das possibilidades esotéricas. E de espiritismo eu não entendo nada, principalmente espiritismo pintado. Ou terei que invocar a alma de Van Gogh para umas liçõeszinhas?

Isso de tomar a noiva alheia quase que me aconteceu uma vez, nas alturas de 24. O nome dela é uma dureza para me lembrar, mas sei que foi uma paixão instantanea, violenta, ete na e devoradora. Durou trez dias. Nesse tempo, eu era tão jo vem que a vida nada mais tinha para me ensinar. E, enfeitando os prazeres certos da hora corrente, preferí me bestificar na atitude do heroe, o tal que beija a bem-amada e vai caçar leões na África. Só que, em vez disso, me misturei com os poetas da

Rio, 24 de maio de 1946

*Eduardo amigo:*

Váí hoje a minha resposta a V., que está chovendo e ha um compasso de repouso nas atividades tão bobas. Ontem, aí pelas seis horas, depois de um horrível dia de calor excessivo e excessivo trabalho (duas absolvições das inesperadas: "Venceu a Justiça!", "Apele!") me arrastei como Deus foi servido para a fila de autolotações, alí no larga da Carioca, fiquei lá pelo fim, calculando, com otimismo, que dentro de uns noventa minutos talvez conseguisse vaga num auto. Mas, eis que os comunistas, tão bonzinhos, resolveram fazer um comício no local, a-pesar-da proibição da polícia; letreiros, berros, vaias, células "democráticas", escolas de samba e os matadores do costume; só não estavam os oradores, a principiari pelo Prestes, que todos já se haviam recolhido ao berço. Logo, a cavalaria varreu o Largo, também no jeito do costume; a fila dissolveu-se num segundo, do que me aproveitei para passar para o primeiro lugar (pudera não, aos dez anos fiz minha estréia com a cavalaria, – e perseverei). O primeiro carro me trouxe para casa, – e depois foi que os tiros saíram. Não haverá comentários.

Já sabia dessa exposição de pintura, aí, que v. andou espinafrando. Temo que ora aí corra a moda de pintar; tudo no Ceará é moda, ou tempo, desde as arraias até à poesia; desta útilma, assistí duas, em dias de minha vida, a primeira em 28 e a segunda a partir e 35: nesta porventura terei alguma responsabilidade, mea culpa! O poeta Girão mandou-me artigo que fez sobre os pintores; não houve jeito de eu conseguir individuar um nome, – tão velho já ando. E, a julgar pelo Girão, são todos uns Picassos, uns Matisses profundos, geniais e ignorados. Se eu estivesse aí, deus meu, como me arranjaría com a minha burrice nesses assuntos? Pois, ainda segunda o Girão, esses pintores "não veem o modelo, mas veem sobre o modelo". O que me faz pensar que essa pintura já deixou de ser uma arte, para se situar no campo dos conhecimentos e das possibilidades esotéricas. E de espiritismo eu não entendo nada, principalmente espiritismo pintado. Ou terei de invocar a alma de Van Gogh para umas liçãozinhas?

Isso de tomar a noiva alheia quase que me aconteceu uma vez, nas alturas de 34. O nome dela é uma dureza para me lembrar, mas sei que foi

Hoje, pacificado, nem rio dessas cousas,-- que, afinal de contas, sempre são lembranças da vária juventude. Toco meus tangos (oh, a Libertad!), principalmente esse abafante "Tristezas de la calle Corrientes",-- e a vida passa, a vida flue.

Termina aqui o compasso de repouso; eis tenho de ~~fix~~ fazer as ocupações triviais e necessárias. Escreva-me sem mai demora, lembre-me aos locais e pegue um quebracostelas enorme do



uma paixão instantanea, violenta, eterna e devoradora. Durou trez dias. Nesse tempo, eu era tão jovem que a vida nada mais tinha para me ensinar. E, enfeitando os prazeres certos da hora corrente, preferi me beneficiar na atitude do heroe, o tal que beija a bem-amada e vai caçar leões na África. Só que, em vez disso, me misturei com os poetas daí.

Hoje, pacificado, nem rio dessas cousas, – que, afinal de contas, sempre são lembranças da vária juventude. Toco meus tangos (oh, a Libertad!), principalmente esse abafante “Tristezas de la calle Corrientes!”, – e a vida passa, a vida flue.

Termina aqui o compasso de repouso; eis tenho de fazer as ocupações triviais e necessárias. Escreva-me sem mais demora, lembre-me aos locais e pegue um quebracostelas enorme do

*Yaco*

ADVOGADOS

Prof. Adauto Fernandes

Dr. Yáco Biezby Fernandes

Rua do Ouvidor, 163 - 2.º - Sala 211  
Telefone 42-3290

- R10 -

Rio, 13 de agosto de 1946

Eduardo amigo:

Desde idades imemoriais estou para escrever a V., mas tenho andado atrapalhado por demais, inclusive com dois dentes que levei ao boticão, um pouco a lo bruto.

Lí o "Face Iluminada"; não direi antecipadamente a minha opinião, que a reservo para artigo a fazer nesses breves dias. Nunca jamais que reuna V. e o Fran na mesma crônica, já que diferentemente versarei sobre os dois. Tanto não fez, contudo, o Sergio Milliet, ante-ontem, no "Diário de Notícias", em crítica de que lhe mando o pedaço necessário e onde tratou de V. dois, do Mário de Andrade, da Sra. Dupré e não sei mais de quem.

Meu modo de ver, desvalioso e irrelevante, irá puro de quaisquer influências amigas; aliás, agora que conheço e estimo V., sinto-me mais à vontade do que no tempo de "Águas Mortas". Cá entre nós -- pois este não é assunto, de tão besta, para ser tratado em jornal -- encontrei no seu livro uma coisa "lhe" em lugares onde o meu ouvido teria preferido achar "o" ou "lo"; é possível que V. esteja certíssimo, do ponto de vista da simples gramática, que de gramatiquices não entendo niquel; por isso, não me leve a mal e nem sequer se dê ao trabalho de averiguar quanto estou errado: bote toda a culpa para cima de meu ouvido, que tem as suas "idiosincrasias" (termo do poeta Girão a meu respeito).

Mas, na verdade, Eduardo amigo, é uma falseta das maiores eu silenciar sobre o seu livro até o dia de publicar o meu catatau a respeito. Sinto que se fizer isso, descerei na sua opinião. Digo-lhe, agora, duas, não, três cousas, a saber:

a) - V. está ótimo; o ~~seu~~ domínio da narração é coisa toda sua; V. está na completa e inaperfeiçoável posse de seu instrumento de trabalho;

b) - V., tão acima do livro anterior, conhecendo como ninguém o seu instrumento, o conto, ainda não o usa, contudo, em toda a sua plenitude; eu estaria que V. largasse de mão o radiatro, que pode fazer torta à dita mão; ou será que V. faz questão de dar um jeito de Wallace Berry, o casca-grossa coração de ouro, a quase todos os seus heróis? Se estivéssemos nos Estados Unidos, eu diria que V. parece se candidatar a contista para escolas dominicais. Grande contista, de resto;

c) - Por essas duas cousas que antecipo a V., vê V. que, ao contrário do brigadeiro Gomes ("Brigadier, répondit Pandore" -- Brigadier, vous avez raison"), estou em que o preço da vigilância é a eterna liberdade. E com esta liberdade é que galo

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Rio, 13 de agosto de 1946

*Eduardo amigo:*

Desde idades imemoriais estou para escrever a V., mas tenho andado atrapalhado por demais, inclusive com dois dentes que levei ao boticão, um pouco a lo bruto.

Lí o "Face Iluminada"; não direi antecipadamente a minha opinião, que a reservo para artigo a fazer nesses breves dias. Nunca jamais que reuna V. e o Fran na mesma crônica, já que diferentemente versarei sobre os dois. Tanto não fez, contudo, o Sergio Milliet, ante-ontem, no "Diário de Notícias", em crítica de que lhe mando o pedaço necessário e onde tratou de VV. dois, do Mário de Andrade, da Sra. Dupré e não sei mais de quem.

Meu modo de ver, desvalioso e irrelevante, irá puro de quaisquer influências amigas; aliás, agora que conheço e estimo V., sinto-me mais à vontade do que no tempo de "Águas Mortas". Cá entre nós – pois este não é assunto, de tão besta, para ser tratado em jornal – encontrei no seu livro uns dois "lhe" em lugares onde o meu ouvido teria preferido achar "o" ou "lo"; é possível que V. esteja certíssimo, do ponto de vista da simples gramática, que de gramatiquedes não entendo niquel; porisso, não me leve a mal e nem sequer se dê ao trabalho de averiguar quanto estou errado: bote toda a culpa para cima de meu ouvido, que tem as suas "idiosincrasias" (termo do poeta Girão a meu respeito).

Mas, na verdade, Eduardo amigo, é uma falseta das maiores eu silenciar sobre o seu livro até o dia de publicar o meu catatau a respeito. Sinto que se fizer isso, descerei na sua opinião. Digo-lhe, agora, duas, não, trez cousas, a saber:

a) – V. está ótimo; o domínio da narração é cousa toda sua; V. está na completa e inaperfeiçoavel posse de seu instrumento de trabalho;

b) – V., tão acima do livro anterior, conhecendo como ninguém o seu instrumento, o conto, ainda não o usa, contudo, em toda a sua plenitude; eu estaria que V. largasse de mão o radiatro, que pode fazer torta à dita mão; ou será que V. faz questão de dar um jeito de Wallace Berry, o casca-grossa coração de ouro, a quase todos os seus heróis? Se estivessemos nos Estados Unidos, eu diria que V. parece se candidatar a contista para escolas dominicais. Grande contista, de resto;

A vida, aqui, é a do costume, -- e continuo a bocejar a minha vida, nesse meu jeito de "cadaver adiado". Nada que valha a pena de contar a V. E, no capítulo de anedotas, só este fato real, acontecido na hora de calouros da Radio Tupi de São Paulo:

Surge um candidato já idoso, de cabelos grisalhos, e o animador do programa, no hábito de todos os animadores, começou com as suas gracinhas:

- O senhor! Nessa idade! De cabelos brancos!... O senhor, que podia ser meu pai...

- Podia, mas não quiz! respondeu o calouro.

E por agora é tudo, Eduardo amigo. Espere o meu artigo e vá mandando as suas ordens para o



c) – Por essas duas cousas que antecipo a V., vê V. que, ao contrário do brigadeiro Gomes (“Bragadier, répondit Pandore – Bragatier, vous avez raison”), estou em que o preço da vigilância é a eterna liberdade. E com esta liberdade é que falo e falarei sempre a V.

O mais direi longamente no meu artigo. Minhas esperanças de quando publicado o seu primeiro livro estão praticamente realizadas. E agora, vejo que de V. é esperar muito mais. Graças a Deus que V. é moço, quase diria insultantemente moço, e no dia em que V. encontrar o seu assunto, o seu modo definitivo de utilizar o instrumento de que já é senhor e dono, bem, nesse dia teremos o primeiro e real contista cearense, que se colocará entre os maiores de quantos e qualquer parte escreverem ou escrevem pequenas histórias. E digo isso um meu tanto constrangido, por que sou seu amigo, e acaso V. julgará que o digo por amizade.

A vida, aqu, é a do costume, e continuo a bocejar a minha vida, nesse meu jeito de “cadaver adiado”. Nada que valha a pena de contar a V. E, no capítulo de anedotas, só este fato real, acontecido na hora de calouros da Radio Tupí de São Paulo:

Surge um candidato já idoso, de cabelos grisalhos, e o animador do programa, no hábito de todos os animadores, começou com as suas gracinhas:

– O senhor! Nessa idade” De cabelos brancos! .... O senhor, que podia ser meu pai...

– Podia, mas não quis! respondeu o calouro.

E por agora é tudo, Eduardo amigo. Espere o meu artigo e vá mandando as suas ordens para o

*Yaco.*

Prof. Adauto Fernandes  
Dr. Yáco Bicasby Ferraz

Rua do Ouvidor, 103-3.º - Sala 311  
Telefone 43-5298

— RIO —

Rio, 30 de outubro 5 de 1946

Eduardo amigo:

Este meio-feriado se ve como nem-um para responder a V., sem preocupações de correr aqui e ali, numa agitação que pode não produzir dinheiro mas que produz suor, e muito, de qualquer maneira. Depois de uns dias de friozinho acanhado e o seu tanto donzelo, o calor vái duro, numa dura promessa dos rigores do verão a vir.

No que toca a V., ando com a minha cara de quatro pés pelo chão; idem, quanto ao poeta Girão, -- que sobre os livros de ambos ha muito devera eu ter escrito, e ainda não o fi por minha culpa, minha máxima culpa. Não passarei de novembro contudo, -- e a felicidade é que meus escritos são tão irrelevantes e inconsequentes que por mais que eu os faça e publique sempre são como se os não fizesse nem publicasse.

Lí a Declaração de Princípios (bonitas, as inicias maiúsculas!) do Congresso de vocês, onde até os dentes se lavam com democracia e derivados; esta palavrinha tem tido tanto consumo, sem que nem mais, que às vezes tenho me sentido na contingência de dar um tiro em quem me aparecer falando a tal, -- o que, sem dúvida alguma, jamais será um estado de espírito "verdadeiramente democrático". Para piorar as cousas, entendo no meu bronco bestunto, que democracia não é nem-uma doutrina política, nem finalidade, nem sistema, -- mas uma técnica, um modo de ser, que o é não porque se o fale e refale, mas apenas porque se o pratica de boca calada, sem bulha nem matinada, e principalmente sem fazer disso pedra de escândalo ou motivo de orgulho. O que prejudica tudo é que os mais contumazes no encher a boca de democracia são esses ex-pilares dos vários Dips indivíduos que sempre prétenderam correr com a lebre e caçar com os cães.

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Rio, 30 de outubro de 1946

*Eduardo amigo:*

Este meio-feriado serve como nem-um para responder a V., sem preocupações de correr aqui e alí, numa agitação que pode não produzir dinheiro mas que produz suor, e muito, de qualquer maneira. Depois de uns dias de friozinho acanhado e o seu tanto donzelo, o calor vai duro, numa dura promessa dos rigores do verão a vir.

No que toca a V., ando com a minha cara de quatro pés pelo chão; idem, quanto ao poeta Girão, que sobre os livros de ambos ha muito devera eu ter escrito, e ainda não o fiz por minha culpa, minha máxima culpa. Não passarei de novembro, contudo, e a felicidade é que meus escritos são tão irrelevantes e inconsequentes que por mais que eu os faça e publique sempre são como se os onão fizesse nem publicasse.

Lí a Declaração de Princípios (bonitas, as iniciais maiúsculas!) do Congresso de vocês, onde até os dentes se lavam com democracia e derivados; esta palavrinha tem tido tanto consumo, sem que nem mais, que às vezes tenho me sentido na contingência de dar um tiro em quem me aparecer falando a tal, o que, sem dúvida alguma, jamais será um estado de espírito "verdadeiramente democrático". Para piorar as cousas, entendo, no meu bronco bestunto, que democracia não é nem-uma doutrina política, nem finalidade, nem sistema, mas um técnica, um modo de ser, que o é não porque se o fale e refale, mas apenas porque se o pratica de boca calada, sem bulha nem matina, e principalmente sem fazer disso pedra de escândalo ou motivo de orgulho. O que prejudica tudo é que os mais contumazes no encher a boca de democracia são esses ex-pilares dos vários Dips, indivíduos que sempre pretenderam correr com a lebre e caçar com os cães.

A senhora a respeito de quem V. me falou na sua carta é, para mim, uma recordação quase prehsitória; avalie que os nossos amores, pobres amores, datam do ano prisco de 1932; com isto, não quero envelhecer à senhora, que andara acaso na flor da respectiva juventude, mas velho e pacificado vou eu, que gastei a minha quota como um louco, felizmente. E ainda bem que o fizesse; se não, que boas recordações poderia ter, quando

a chuva vem, e acontecem as seis horas da tarde? Só se assobiasse: Pues hoy otra risa, más cruel y más fria, se rie de tí...

Deixemos 32 enterrado, lá onde ele está, no dolorido cemitério dos amores inconclusos. Outros anos, porventura mais jucundos e ricos, terão chegado, passado, e não serão igualmente mais que pó e cinza; por que estabelecer diferenças, se o tempo tudo nivelou? Ou nascerá sobre ontem o sol de amanhã?

De novo para V., só tenho duas anedotas, umas estritamente familiares, o meu gênero, e talvez V. as não conheça. Ei-las, uma política e outra de papagaio:

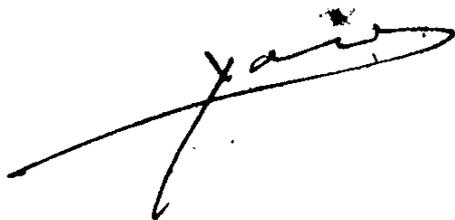
1 - Um sujeito, morador em Copacabana, certo domingo de manhã apanhou uma tainha de seus trez ou quatro quilos. Entusiasmado, correu para casa, bem defronte à praia, com o peixe ainda vivo, e disse para a mulher:

- Me frite essa tainha na banha.
- Banha, não ha.
- No azeite, então.

2- Outro camarada entrou num restaurante e viu a tabela: canja de galinha, Cr\$10; canja de papagaio, Cr\$5, e pediu esta última. Cinco minutos, dez minutos e nada da canja vir. Ai, ele sentiu um troço lhe puxando a perna da calça, e quando olhou para baixo o papagaio lhe disse:

-Pede canja de galinha que eu pago a diferença.

Hom, Eduardo, V. já deve estar cansado com uma carta tão boba. Pegue, pois, um abraço enorme do



- Azeite, também não ha.
- Ora, bolas. Me frite na manteiga.
- Manteiga? Piorou.

O sujeito, indignado, voltou à praia e soltou o peixe no mar. Então, a tainha deu um pulo fora d'água e gritou:

- Viva o general Dutra!

2 – Outro camarada entrou num restaurante e viu a tabela: canja de galinha, Cr\$ 10; canja de papagaio, Cr\$ 5, e pediu esta última. Cinco minutos, dez minutos e nada da canja vir. Aí, ele sentiu um troço lhe puxando a perna da calça, e quando olhou para baixo o papagaio lhe disse:

- Pede canja de galinha que eu pago a diferença.

Bom, Eduardo, V. já deve estar cansado com uma carta tão boba. Pegue, pois, um abraço enorme do

*Yaco*

ADVOGADOS

Prof. Adauto Fernandes  
Dr. Yáco Bleanby Fernandes  
Dr.ª Alzira Silveira

Rio, 15 de agosto de 1949

Rua de Ovidor, 182 - 3.ª - Sala 311  
Telefone 42-5290

-- RIO --

Eduardo amigo:

No duro, no duro V. é que me devia uma carta; a chegada, contudo, de "Viagem Definitiva" me valeu por dúzias de cartas suas, -- tanto a V. encontrei em cada história do volume. Era para escrever-lhe assim terminada a leitura dos contos; mas, sobre outros motivos, aconteceu-me ferir o dedo médio da mão direita, -- e minhas possibilidades datilográficas diminuíram de cinquenta por cento. Hoje, ainda com esparadrapos (esse dedo cheio de ataduras deu lugar a muita pilhéria desarrazoadada), cá me ponho a catar as teclas, devagarinho, nessa longa tarde de ponto facultativo.

Seu livro, Eduardo, está excelente. Consola-me de muita coisa que tenho lido, -- e acho que o estado de casado melhorou V. Ainda num desses últimos números de CLA dei com dois casos de infanticídio deliberado, um deles por motivo futilíssimo; infanticídios para lá de manjados, vistos desde as primeiras linhas; é certo que o Zé Maria Campos escreve bem, correntiamente, mas não lhe faria mal algum tomar remédio para o fígado; nem só de matar crianças pode o homem viver. Sei que ele, se ler isto, não se aborrecerá comigo, mas a verdade é que ando cansado de tanta perversidade gratuita e premeditada.

Um desses dias, quando a mão estiver totalmente funcionando, rabiscarei uns troços sobre o "Viagem Definitiva". Verei se reencontro um certo jeito de escrever, há tanto tempo perdido. Porque, Eduardo velho, entre jurisprudências e doutrinas, estou progressivamente emburrecendo, -- embora saiba que não está nas minhas forças atingir a marca olímpica do Valderi Ueda. Estou tão burro que até minha mulher já percebeu; isto não é um epigrama injusto, mas a simples constatação duma verdade.

Estou também preguiçoso; por isso, aproveito esta carta para encapar linhas ao Fran e ao inefável amigo e poeta Girão; nelas, V. porá o seu nihil obstat, encaminhando-as, por favor, aos destinatários. Enquanto isso, pegue um abraço do e mande suas ordens para o



EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Rio, 15 de agosto de 1949

Eduardo amigo:

No duro, no duro V. é que me devia uma carta; a chegada, contudo, de "Viagem Definitiva" me valeu por dúzias de cartas suas, tanto a V. encontrei em cada história do volume. Era para escrever-lhe assim terminada a leitura dos contos; mas, sobre outros motivos, aconteceu-me ferir o dedo médio da mão direita, e minhas possibilidades datilográficas diminuíram de cinquenta por cento. Hoje, ainda com esparadrapos (esse dedo cheio de ataduras deu lugar a muito pilhéria desarrazoadada), cá me ponho a catar as teclas, devagarinho, nessa longa tarde de ponto facultativo.

Seu livro, Eduardo, está excelente. Consola-me de muita coisa que tenho lido, e acho que o estado de casado melhorou V. Ainda num desses últimos números de CLÃ dei com dois casos de infanticídio deliberado, um deles por motivo futilíssimo; infanticídios para lá de manjados, vistos desde as primeiras linhas; é certo que o Zé Maria Campos escreve bem, correntemente, mas não lhe faria mal algum tomar remédio para o fígado: nem só de matar crianças pode o homem viver. Sei que ele, se ler isto, não se aborrecerá comigo, mas a verdade é que ando cansado de tanta perversidade gratuita e premeditada.

Um desses dias, quando a mão estiver totalmente funcionando, rabis-carei uns troços sobre o "Viagem Definitiva". Verei se reencontro um certo jeito de escrever, ha tanto tempo perdido. Porque, Eduardo Velho, entre jurisprudência e doutrinas, estou progressivamente emburrecendo, embora saiba que não está nas minhas forças atingir a marca olímpica do Valderi Uchôa. Estou tão burro que até minha mulher já percebeu; isto não é epigrama injusto, mas a simples constatação duma verdade.

Estou também preguiçoso, porisso, aproveito esta carta para encapar linhas ao Fran e ao infável amigo e poeta Girão; nelas, V. porá o seu *nihil obstat*, encaminhando-as, por favor, aos destinatários. Enquanto isso, pegue um abraço e mande suas ordens para o

Yaco

Paulo Sarasate, escritor, jornalista, político de grande expressão na década de sessenta. Como Senador, depois de governar o estado do Ceará, foi responsável direto pela escolha de Plácido Castelo para dirigir o Ceará, no período da Revolução de 64.. Muito ligado a mim. Tratava-me com distinção e afeição.



SENADO FEDERAL

Rua, 2/7/67

Meu caro Manoelito.

Recebi as "Paracatã". Você, o  
meu grande amigo de la castita e de  
muito de outras, tinha que escrever  
novo um livro com esse título...  
Nem do intervalo de meu livro (Efra,  
escrever para mim e' um "Lobby")  
tenho mandado - He uma carta  
mais longa (talvez publicavel) acerca  
de suas obras - de modo geral, e'  
obvio. Mas vou escrever algo, talvez  
sobre o desenvolvimento. E outros artigos li-  
tarios virão, para amenizar os  
trabalhos da vida politica - onde  
enfrento, criticas e odores, seu-  
pre o desenvolvimento e os pais.  
Renovar, no estado e no país.  
O Carta He falar sobre



SENADO FEDERAL

o lançamento, ai, de meu livro.  
A "Festa Brasil" ainda (nos visita  
a' parte) mais empolgada com  
o trabalho e (deu) Superintem-  
dente vai a Fortaleza para  
o lançamento, que dese  
dizer profundamente a 3  
de setembro.

Abraço e ate breve.

Paulo Sarasate

Conversei com o Plácido e amei.  
Hei-o bastante. Inform-me de  
uma carta sua que o agrada.  
Fracamente, me que vai renovar  
os métodos de des e evitar as  
Condições. H.

Rio, 21/7/67

*Meu caro Manoelito.*

Recebi as "*Danações*". Você, o menino danado de Pacatuba e da Praça da Estação, tinha que escrever mesmo um livro com êsse título...

Num dos intervalos de meu livro (agora, escrever para mim é "hobby") tenciono mandar-lhe uma carta mais longa (talvez publicável) acerca de suas obras – de modo geral, é óbvio. Vou escrever algo, também, sobre o Demócrito. E outros artigos literários virão, para amenizar os dissabores da vida política – onde, entretanto, continuo otimista, sempre otimista em que deveremos é renovar, no Estado e no País.

O Costa lhe falará sobre o lançamento aí, de meu livro. A "Festas Bastos" anda (como ???? à parte) meio empolgada com o trabalho e seu Superintendente irá a Fortaleza para o lançamento, que deve ocorrer possivelmente a 3 de setembro.

Abraços e até breve.

*Paulo Sarasate*

Conversei com o Plácido e aconselhei-o bastante. Falou-me de uma carta sua que o agradou. Garantiu-me que vai renovar os métodos de ação e evitar as contratações.

Gostava de "falar" em versos. Folclorista também era esse Nery Camello, também autor de livros rememorativos de viagens pelo Brasil. Editado pelo jornal "A Noite", do Rio de Janeiro. Ecologista por vocação. Louvou-me em curioso bilhete em versos...

SALVE, 11 DE JANEIRO!

Bilhete de parabens.

Ao distinto e querido confrade, dr. Manoel César,  
 de Pinheiro Campos.  
 Caro amigo mancelite:  
 Nesta modesta mensagem,  
 --Neste tão simples escrito --  
 envio a minha homenagem.

Pela data dos seus anos,  
 Por isto tão grato evento,  
 Que nos deixa muito sábios,  
 Com justo contentamento.

A festa é da inteligência,  
 Que, a nós, de fato, pertence,  
 --Nova etapa da existência  
 De tão ilustre conreance.

O dia está promissor,  
 Com prazer assim no externo,  
 Já vai passando o calor.

um bom prenúncio de inverno.

Lá nas faldas da Aratanha,  
 Sob um sol de intenso brilho,  
 A passarada se assanha,  
 Saudando, da terra, o filho.

Receba, pois, meu abraço,  
 Pela sua nova idade,  
 E os votos que a Deus eu faço  
 Por sua felicidade.

que desçam bênçãos da Altura  
 Sobre o seu lar tão querido,  
 Paz, alegria e ventura  
 E um viver doce e florido.

A' excelsa Virgem Maria,  
 E' este o sincero apêlo  
 Que formulo, neste dia,  
 O amigo

NERY CAMELLO.

Fortaleza - Ce, 11 - I - 1971.

*Salve, 11 de janeiro!*

*Bilhete de parabéns*

Ao distinto e querido confrade, Dr. Manoel Eduardo Pinheiro Campos.

Caro amigo Manoelito:  
Nesta modesta homenagem,  
— Nêste tão simples escrito —  
Envio a minha homenagem,

Pela data dos seus anos,  
Por êste tão grato evento,  
Que nos deixa muito ufânos,  
Num justo contentamento.

A festa é da inteligência,  
Que, a nós, de fato, pertence,  
— Nova etapa da existência  
De tão ilustre cearense.

O dia está promissor,  
Com prazer assim me externo,  
Já vai cessando o calor,  
Num bom prenúncio de inverno.

Lá nas fraldas da Aratanha,  
Sob um sol de intenso brilho,  
A passarada se assanha,  
Saudando, da terra, o filho.

Receba, pois, meu abraço,  
Pela sua nova idade,  
E os votos que a Deus eu faço  
Por sua felicidade.

Que desçam bênçãos da Altura  
Sôbre o seu lar tão querido,  
Paz, alegria e ventura  
E um vigor doce e florido.

À excelente Virgem Maria,  
É êste sincero apêlo  
Que formúla, neste tida,  
O amigo

*Nery Camello. Fortaleza — CE, 11-1-1971*

RENATO CASTELO BRANCO

S.P., 10-10-70

Prezado Eduardo Campos:

"Tropel das Coisas" reúne alguns dos mais primorosos contos da literatura brasileira. É difícil lê-los sem sentir-se emocionado pela força e realismo com que você descreve o drama diário dos brasileiros humildes de nosso Nordeste. "Velório Amigo" deixa-nos esmagado. E há em todos os contos uma tal capacidade de observar e de narrar que a gente se sente participante das vidas e dos dramas de seus personagens: o guia do cego, o capitão bandoleiro que estoura os miolos, o pai que sofre na dadeira de rodas a humilhação da invalidez e do abandono.

Felicito-o, meu caro Eduardo Campos, pela beleza deste seu trabalho, que li deslumbrado e comovido.

*Respeitosamente  
Renato*

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

S. P., 10-10-70

*Prezado Eduardo Campos:*

“Tropel das Coisas” reúne alguns dos mais primorosos contos da literatura brasileira. É difícil lê-los sem sentir-se emocionado pela força e realismo com que você descreve o drama diário dos brasileiros humildes de nosso Nordeste. “Velório Amigo” deixa-nos esmagado. E há em todos os contos uma tal capacidade de observar e de narrar que a gente se sente participante das vidas e dos dramas de seus personagens: o guia do cego, o capitão bandoleiro que estoura os miolos, o pai que sofre na cadeira de rodas a humilhação da invalidez e do abandono.

Felicito-o, meu caro Eduardo campos, pela beleza deste seu trabalho, que li deslumbrado e comovido.

Cordialmente,

*Renato*

Péricles Leal foi responsável, no Ceará, pela mais afirmativa experiência de televisão, na TV Ceará, onde implantou "O Contador de Histórias", agendando obras dos mais respeitáveis autores da chamada literatura universal. Romancista, exigente produtor de TV, tinha método próprio de trabalho. Dirigiu também, com êxito, a TV Marajoara, em Belém, Pará.

### Diários Associados

Rio, 23/dezembro/1964.

Manoelito:

Acabo de ler, de uma assentada, seu "Morro do Ouro".

É uma das peças mais belas já escritas neste país. De uma verdade e uma coragem admiráveis, sem lhe faltar a imensa poesia que completa a obra-prima.

Na verdade, no panorama do teatro brasileiro, "Morro do Ouro" é a obra mais importante aparecida nestes últimos anos.

Lhe escrevo estas linhas, numa manhã clara de sol, mas ainda sob o impacto de sua mensagem, de seus personagens de extraordinária humanidade. Houve uma noite entre a leitura da peça e esta carta. Mas o efeito continua e continuo ouvindo as vozes de Zé Valentão, Ezequiel, Madalena, Margarida - de todos os magnificamente autênticos personagens que povoam sua história.

Seria desnecessário falar do sabor do seu diálogo. Mas não interprete sabor como pitoresco. Mas gosto de verdade, de transposição artística da linguagem falada, da recriação no que ela tem de mais autêntica, no ideal kantiano de que as palavras dos personagens parecem surgir das situações que vivem e não arbitrário emprêgo de modismos para criar a côr local. Não. Nada em sua peça é falso, empostado, feito para impressionar. Apreciei imensamente sua coragem de usar as palavras certas, sem pudor bêsta.

De todos os personagens, mais meu foram Zé Valentão - ele está presente em toda peça, mesmo que engaiolado tanto tempo, longe de nossas vistas - e a adorável quenga do Morro. Sua quenga é a mais bela criação artística de nosso teatro. Tem a perenidade de Tereza Raquin, de Anna Christie, de Anna Lucasta. Me lembrou aquela sua outra desesperada e infeliz quenga de "A Flôr do Pecado", pequena obra-prima que já anunciava o Manoelito de "O Morro do Ouro".

Porisso, meu querido Manolo, lhe agradeço êsse soberbo presente de Natal que foi seu "Morro do Ouro". E fico aguardando

DIRETORIA DE PRODUÇÃO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA -- RUA FRANCISCO SERRADOR, 2 - 2º ANDAR  
FONE: 22-0182 - 23-5377 -- TELEG.: SILAPRESS -- TELEF.: 031 340 -- RIO DE JANEIRO -- BRASIL

2

com a maior ansiedade as duas outras peças que você anuncia, formando a trilogia sobre as gentes dos bairros de Fortaleza.

Do seu admirador entusiasmado

*Péricles Leal*

Rio, 23/dezembro/1964

*Manoelito:*

Acabo de ler, de uma assentada, seu "Morro do Ouro".

É uma das peças mais belas já escritas neste país. De uma verdade e uma coragem admiráveis, sem lhe faltar a imensa poesia que completa a obra-prima.

Na verdade, no panorama do teatro brasileiro, "Morro do Ouro" é a obra mais importante aparecida nestes últimos anos.

Lhe escrevo estas linhas, numa manhã clara de sol, mas ainda sob o impacto de sua mensagem, de seus personagens de extraordinária humanidade. Houve uma noite entre a leitura da peça e esta carta. Mas o efeito continua e continuo ouvindo as vozes de Zé Valentão, Ezequiel, Madalena, Margarida - de todos os magnificamente autênticos personagens que povoam sua história.

Seria desnecessária falar do sabor do seu diálogo. Mas não interprete sabor como pitoresco. Mas gosto de verdade, de transposição artística da linguagem falada, da recriação no que ela tem de mais autêntica, no ideal kantiano de que as palavras dos personagens parecem surgir das situações que vivem e não arbitrário emprego do modismo para criar a cor local. Não. Nada em sua peça é falso, empostado, feito para impressionar. Apreciei imensamente sua coragem de usar as palavras certas, sem pudor besta.

De todos os personagens, mais meu foram Zé Valentão - ele está presente em toda peça, mesmo que engaiolado tanto tempo, longe de nossas vistas - e a adorável quenga do Morro. Sua quenga é a mais bela criação artística de nosso teatro. Tem a perenidade de Tereza Raquin, de Anna Christie, de Anna Lucasta. Me lembrou aquela sua outra desesperada e infeliz quenga de "A Flor do Pecado", pequena obra-prima que já anunciava o Manoelito de "O Morro do Ouro".

Por isso, meu querido Manolo, lhe agradeço esse soberbo presente de Natal que foi seu "Morro do Ouro". E fico aguardando com a maior ansiedade as duas outras peças que você anuncia, formando a trilogia sobre as gentes dos bairros de Fortaleza.

Do seu admirador entusiasmado

*Péricles Leal*

Parsifal Barroso, homem culto, autor de interpretação sociológica do cearense. Foi meu professor no Ginásio Fortaleza. Grande animador de programas culturais, inclusive profundo conhecedor de música clássica. Como político foi de ministro a governador do Ceará, e, nessa ocasião, em período de demorada estiagem. Encantador missivista.

IV. Há um descompasso resultante do fato de existir uma consciência ecológica nos escritores cearenses, e da circunstância de ela não poder existir na maior parte dos nossos irmãos, deseducados pelo Governo e afastados da Igreja pós-conciliar. Mas, de um modo geral, como acentuou no seu discurso de abertura do Congresso de Escritores, "continuamos o mesmo personagem que perde o direito, muitas vezes, de viver em seu lugar".

V. Como todos os esforços desenvolvidos desde o século XIX até agora, são marcados pelas intermitências, descontinuidades e reformulações administrativas, lamentavelmente, não se têm verificado resultados ao nível das lutas já travadas e que ainda se travam, quando se faz uma avaliação das conseqüências de tanto trabalho e tamanho esforço.

VI. Veja, por exemplo, o desfecho das lutas do Instituto do Nordeste, e como ainda hoje as reivindicações se amontoam, atropeladamente, preponderando as de curto cabo, em detrimento daquelas de longo e duradouro alcance.

VII. Ao encerrar minha militância político-partidária, em julho do ano passado, por não ter mais valia no mercado eleitoral do Ceará, e nem pecunia capaz de suprir essa desvalia, sustentei em várias "Vivências Políticas" a te-

Continua ...

BSB., 29 de maio de 1978

Mestre e Amigo Eduardo Campos,  
ainda meu caro ex-aluno Manolo:

I. Aqui vão meus cordiais agradecimentos pela sua gentileza prestimosa em me fazer chegar às mãos seu oportuno, lógico e corajoso livro "Complexo de Anteu".

II. Bem inspirado andou em organizar essa coletânea de ensaios e pronunciamentos seus, pois todos eles tem em comum o amor à terra que nos foi berço, aliado a uma verdadeira paixão telúrica.

III. Há uma frase sua, a páginas 98, que julgo uma súpula de toda sua inatacável doutrinação: "Parece que não conseguimos mudar muito. Estamos permanentemente diante dos mesmos problemas". Parece-me que sua exata observação tanto se refere ao rural como ao empregado urbano, alcançando ainda todas as elites dirigentes, onde nos incluímos. Entendo por outro lado, que tudo se relaciona com os termos da equação de relacionamento do binômio terra-homem, através do meio ambiente, em que pese existência de outros binômios, mencionados afinal.

Continua ...

*BSB., 29 de maio de 1978*

*Mestre e Amigo Eduardo Campos,  
ainda meu caro ex-aluno Manolo:*

I. Aqui vão meus cordiais agradecimentos pela sua gentileza prestimosa em me fazer chegar às mãos seu oportuno, lógico e corajoso livro “Complexo de Anteu”.

II. Bem inspirado andou em organizar essa coletânea de ensaios e pronunciamentos seus, pois todos eles tem em comum o amor à terra que nos foi berço, aliado a uma vera paixão telúrica.

III. Há uma frase sua, a página 98, que julgo uma súpula de toda sua inatacável doutrinação: “Parece que não conseguimos mudar muito. Estamos permanentemente diante dos mesmos problemas”. Parece-me que sua exata observação tanto se refere ao rurícola como ao empregado urbano, alcançando ainda todas as elites dirigentes, onde nos incluímos. Entendo por outro lado, que tudo se relaciona com os termos da equação de relacionamento do binômio terra-homem, através do meio ambiente, em que pese existência de outros binômios, mencionados afinal.

IV. Há um descompasso resultante do fato de existir uma consciência ecológica nos escritores cearenses, e da circunstância de ela não poder existir na maior parte dos nossos irmãos, deseducados pelo Governo e afastados da Igreja pós-conciliar. Mas, de um modo geral, como acentuou no seu discurso de abertura do Congresso de Escritores, “continuamos o mesmo personagem que perde o direito, muitas vezes, de viver em seu lugar”.

V. Como todos os esforços desenvolvidos desde o século XIX até agora, são marcados pelas intermitências, descontinuidades e reformulações administrativas, lamentavelmente, não se têm verificado resultados ao nível das lutas já travadas e que ainda se travam, quando se faz uma avaliação das conseqüências de tanto trabalho e tamanho esforço.

VI. Veja, por exemplo, o desfecho das lutas do Instituto do Nordeste, e como ainda hoje as reivindicações se amontoam, atropeladamente, preponderando as de curto cabo, em detrimento daquelas de longo e duradouro alcance.

... continuação

se de que urgia a feitura do "Projeto Ceará" a ser observado por todos os Governos, contendo' somente o essencial de nossas vitais necessidades, como a reformulação do sistema educacional, o desenvolvimento da pesquisa pura e aplicada e a preservação recuperadora dos binômios ou dualismos desafiantes: solo e água, terra e homem, boi - algodão, rural - urbano e agrícultura - indústria. Abrange qualquer deles, questões de problemas cujas soluções somente poderão ser alcançadas a longo prazo, garantida a continuidade administrativa e preservadas, a todo transe, da influência político-partidária e das imposições da tecnoburocracia.

VIII. Verifique, finalmente, que a solução de tantas equações de relacionamento desses dualismos somente será alcançada dentro dessa' renovação de mentalidade, para se tornar telúrica, ecológica e construtivista, em termos de progressiva e paciente continuidade. Como se dizia numa vivenda de Jacarecanga, esculpida ' no seu frontal: "Festina Lente". Permita-me, ' ainda, que de mistura com as louvações e os ' agradecimentos, ainda faça chegar ao seu coração um sentimento muito forte e comovido que ' ora lhe expresso, pela justa homenagem e pelo  
Continua ...

perfeito louvor levados à memória do admirável e inesquecível Cordeiro de Andrade. Digo-lhe a respeito do notável escritor sobralense, sem medo de ser injusto, que nossa amada terra comum de Sobral ainda não louvou e enalteceu quanto' devera, ao seu extraordinário e insubstituível filho, o imortal autor de Anjo Negro, Cassacos e Tônio Borja. Cordial e saudoso abraço do seu velho amigo, ex-mestre e crescente admirador, "in Xto Domine et ab imo pectore"

*Parsifal Barroso*  
PARSIFAL BARROSO

VII. Ao encerrar minha militância político-partidária, em julho do ano passado, por não ter mais valia no mercado eleitoral do Ceará, e nem pecúnia capaz de suprir essa desvalia, sustentei em várias “Vivências Políticas” a tese de que urgia a feitura do “Projeto Ceará a ser observado por todos os Governos, contendo somente o essencial de nossas vitais necessidades, como a reformulação do sistema educacional, o desenvolvimento da pesquisa pura e aplicada e a preservação recuperadora dos binômios ou dualidades desafiantes: solo e água, terra e homem, boi - algodão, rural - urbano e agricultura - indústria. Abrange qualquer deles, questões de problemas cujas soluções somente poderão ser alcançadas a longo prazo, garantida a continuidade administrativa e preservadas, a todo transe, da influência político-partidária e das imposições da tecnoburocracia.

VIII. Verifique, finalmente, que a solução de tantas equações de relacionamento desses dualismos somente será alcançada dentro dessa renovação de mentalidade, para se tornar telúrica, ecológica e construtivista, em termos de progressiva e paciente continuidade. Como dizia numa vivenda da Jacarecanga, esculpida no seu frontal: “Festina Lente”. Permita-me ainda, que se mistura com as louvações e os agradecimentos, ainda faça chegar ao seu coração um sentimento muito forte e comovido que ora lhe expresso, pela justa homenagem e pelo perfeito louvor levados à memória do admirável e inesquecível Cordeiro de Andrade. Digo-lhe a respeito do notável escritor sobralense, sem medo de ser injusto, que nossa amada terra comum de Sobral ainda não louvou e enalteceu quanto devera, ao seu extraordinário e insubstituível filho, o imortal autor de *Anjo Negro*, *Cassacos* e *Tônio Borja*. Cordial e saudoso abraço do seu velho amigo, ex-mestre e crscente admirador, “in Xto Domine et ab imo pectore”.

*Parcifal Barroso*

Rachel de Queiroz, nome não apenas nacional, mas internacional. Autora de "O 15", o mais exato e pungente romance retratando uma das maiores estiagens que já castigaram o Ceará. Dela, o breve bilhete que me escreveu.

Empresa Gráfica O CRUZEIRO S. A.

PAPEL PARA TEXTO

30 LINHAS DACTILOGRAFADAS EM ESPAÇO 2

Amigo Manuelito,

desculpe a demora e o mau jeito, mas eu tinha perdido a sua carta e a notinha com o nome das musicas do disco e tinha mandando um recado para que você me reconstituísse o perdido. Felizmente achei a carta, mas não a nota. nominalmente Por isso não citei ninguém, nenhum dos compositores, o que é uma pena.

E'oficio a que estou pouco afeita, esse se escrever para capas de discos; <sup>e</sup>esta tentativa que lhe mando, bñtida às pressas, me parece muito ruim. Mas como é para fins de caridade, que tenham caridade tambem com a capista, e está tudo feito!

Oyama lhe manda lembranças, e eu, com recomendações afetuosas à sua mulher, sou sempre a velha amiga.

*Rachel*

*Não que deixes - 6-9-65*

*Amigo Manuelito,*

Desculpe a demora e o mau jeito, mas eu tinha perdido a sua carta e a notinha com o nome das músicas do disco e tinha mandado um recado para que você me reconstituísse o perdido. Felizmente achei a carta, mas não a nota. Por isso não citei nominalmente ninguém, nenhum dos compositores, o que é uma pena.

é ofício a que estou pouco afeita, esse se escrever para capas de discos; e esta tentativa que lhe mando, batida às pressas, me parece muito ruim. Mas como é para fins de caridade, que tenham caridade também com a capista, e está tudo feito!

Oyama lhe manda lembranças, e eu, com recomendações afetuosas à sua mulher, sou sempre a velha amiga.

*Rachel de Queiroz*

Stella Leonardos, expressivo nome da literatura brasileira. Tem-se destacado por desinteressada e firme disposição em ajudar o autor nordestino. Certa vez, sem me comunicar, inscreveu obra de minha autoria (Teatro I e II) em concurso de âmbito nacional. O trabalho, para surpresa minha, foi premiado.

Bo, 12 de Junho, 1960

Prezado Eduardo Campos,

Queita pelo seu excelente "Folclore do Nordeste". Como vê estou pagando a promessa que lhe fiz de dar minha impressão de leitura, mas a verdade é que esta ultrapassou a expectativa. O poeta meus encantos pelo folclore, assunto que sempre me fascinou e que considero fonte inesgotável para obras de arte genuínas, o livro é bom mesmo. Por todos os motivos! — O alto propósito que o anima e até transfigura (sobretudo no Iº Capítulo; em "Comportamento moral do sertanejo; "Folclore e ação das elites"); a seriedade da pesquisa; os novos rumos que aponta — quando estimula outros estudiosos a determinados temas, realmente apaixonantes; o lado pitoresco (tanta coisa deliciosa! Adorei o caso dos treze macaquinhos e das doze cadeiras desocupadas no juízo); o estilo enxuto, tão da sua "terra de sol".

Mas vamos à essa "obra de querença" (expressão bonita que eu não conhecia e que me parece a mais adequada pelas raízes mundo de apêgo nordestino). Vamos a seu livro que não só ensina muita coisa como edu-

Rio, 12 de junho, 1960

Prezado Eduardo Campos,

Grata pelo seu excelente "Folclore do Nordeste". Como vê estou pagando a promessa que lhe fiz de dar minha impressão de leitura, mas a verdade é que esta ultrapassou a expectativa. À parte meus encantos pelo folclore, assunto que sempre me fascinou e que considero fonte inesgotável para obras de arte genuínas, o livro é bom mesmo. Por todos os motivos: - O alto propósito que o anima e até transfigura (sobretudo no I Capítulo, em "Comportamento moral do sertanejo; "Folclore e ação das elites"); a seriedade da pesquisa; os novos rumos que aponta - quando estimula outros estudiosos a determinados temas, realmente apaixonantes; o lado pitoresco (tanta coisa deliciosa! Adorei o caso dos treze macaquinhos e das doze cadeiras desocupadas nojuízo); o estilo enxuto, tão da sua "terra de sol".

Mas vamos à essa "obra de querença" (expressão bonita que eu não conhecia e que me parece a mais adequada pelas raízes mundo de apego nordestino). Vamos a seu livro que não só ensina coisa como evoca outras tantas.

Lendo suas referências à mula-sem-cabeça "que em lugar de cabeça tem uma labareda" lembrei de um adorno lá da fazenda (Juparanã, Vale do Rio Paraíba do Sul) que jurava haver visto (e mais: ouvido o arrastar de correntes partidas) haver visto a mula, certa noite: - "A danada era branca que nem fumaça e soltava fogo pelos óio" (Quer dizer: não tinha cabeça. Apenas olhos, numa cabeça invisível, acompanhando o corpo de mula fantasma).

Gostei, em especial, de seus capítulos "Notícia de um romance rústico" e "Nós e os animais", que me trouxeram à memória todas as aventuras de "valientes" com "el toro-diablo" (refiro-me ao Zuplay quíchua). Há vários pontos de contato entre os mitos "salteños" e as credices brasileiras, não acha? (Sem falar na história do sapo, lenda araucana com afinidades ao nosso muiiraquitá que eles chamam de "carú curá", "piedra verde símbolo de felicidad" e a "leyenda salteña" da festa do céu em que um sapo se esconde na viola do urubu, etc. etc.). E Runaturuncu "el hambrel-tire" e nosso Lobi-somem? E a Mul'anima que no mito argentino conservou a cabeça por esté-

II

ea outras muitas.

Lendo suas referências à mula, sem cabeça "que em lugar de cabeça tem uma lava-reda" lembrei de um colono lá da fazenda (Iruparã, vale do Rio Paraíba do Sul) que já me va haver visto (e mais: ouvido o arrastar de correntes partidas) haver visto a mula, certa noite: — "A danada era branca que nem fumaça e soltava fogo pelos óio." (Quee dizer não tinha cabeça. Apenas olhos, numa cabeça invisível, acompanhando o corpo de mula fantasma.)

Postei, em especial, de seus capítulos "Notícia de um romance rústico" e "Nós e os animais", que me trouxeram à memória todas as aventuras de "valientes" com "el toro-diablo" (refiro-me ao Zupay quíchua). Há vários pontos de contacto entre os mitos "salteños" e as crenças brasileiras, não acha? (Sem falar na história do sapo, lenda araucana com afinidades ao nosso muraquita que eles chamam de "ca-rú curá", "pedra verde símbolo de fidelidad" e a "leyenda salteña" da festa do céu em que um sapo se esconde na viola do ueubú, etc. etc. E Runaturuncu "el hombre-tigre" e nosso Lobis-homem? E a Mul'anima que no mito argentino conservou a cabeça por estética e, estética

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

tica e, esteticamente é alada feito o Pégaso, embora não voe alto, passe invisível no vento e na sombra noturna, deixando perceber o ruído de seu freio de prata? (Repare só: o colono do Estado do Rio também sentiu ruído na mula-sem-cabeça: mas de cadeias partidas).

Curiosos estudos os seus sobre a galinha. Interessantíssimas as "Variações sobre a cachaça". Existe a convicção aqui entre os pintores de parede que a "branquinha" dá fôlego. Eu mesma já observei isto, com três ou quatro pintores diferentes, em ocasiões diversas, que pediram licença para tomar tragos a pretexto de que a pinga "corta o veneno do cheiro da tinta e fortalece". (Agora: o que é gosto é presunto ao forno, regado com um copo de cachaça - Alguns quilos de presunto - Receita que descobri por acaso, num dia de emergência e falta de "ginger ale".)

Engraçado: desde menina que ouço dizer que vestir a roupa pelo avesso é prenúncio de boa surpresa: ganhar presente (e seus sertanejos discordam!). De qualquer modo, Eduardo Campos, vou espalhar que "barata voando dentro de casa está anunciando dinheiro": já imaginou que consolo para as donas de casa, em geral?

Uma bela certas estrofes dos "historiadores" cearenses. (Não admira que eles continuem sendo motivo de encantamento e alegria eternos). Há duas: "Eu tinha quatorze anos"... / "Foi aí que resolvi"... que doem, impressionam, pela força poética e viril. Ótimas, principalmente, as sextilhas finais do desafio de Bentevi e Zumba Cordeiro. (Leu o artigo de Eurícles Formiga na revista MEC, Ano III - Novembro e Dezembro, 1959? Chama-se "Poesia popular" e versa sobre a "ciência" dos cantadores, com "martelos" e "lira-mares").

Sobre "Os poderes da saliva": me deu o que pensar. - Por que teriam batizado de Saliva (primeiro nome) a antiga secretária de Gabriela Mistral? Algum pai supersticioso? A moça era portorriquenha.

Acerca de "Terapêutica popular", já vi na roça uso de picumã e terra nos ferimentos e afecções da pele (por sinal que falei disso num dos meus livros passados na zona rural). Acaso certos massapés conterão fungos desses que produzem penicilina? (A propósito: deve haver erro tipográfico no nome do autor do dicionário de plantas medicinais: Meira Penna em vez Meira Penha não é certo?)

Quanto à "Dança da trança", que assisti no México enquanto lá morei (dança em Puebla ou Taxco, se não me engano) creio que deve ser mesmo pré-hispânica, se bem que "el individuo disfrazado de anciano que hace como

Quanto à "Dança da trança", que assisti no México enquanto lá morrei (dança em Puebla ou Taxco, se não me engano) creio que deve ser mesmo pré-hispânica, se bem que "el individuo desplazado de anciano que hace como director" lembra muito a figura do Inveeno dos antigos rituais indo-europeus, de culto às Estações (danças primitivas do antigo Teatro Russo, por exemplo, ou as danças nos autos de Gil Vicente.)

Mas ao que vejo me alongo demais. É o entusiasmo pelo seu belo trabalho, que pretendo recomendar e conservar entre os melhores, nas muitas estantes de valores brasileiros. Gratece, também, que não é todos os dias que posso conversar com um grande folclorista.

Cordialmente,

Stella Leonardos

P.S. - Gostaria de retribuir a gentileza de sua oferta com um de meus livros. Infelizmente (e felizmente para o editor!) estão esgotados no momento. Quando sair o "Rio e canção" não me esqueça de Eduardo Campos

director” lembre muito a figura do Inverno dos antigos rituais indo-europeus, de culto às Estações (danças primitivas do antigo Teatro Russo, por exemplo, ou as danças no autos de Gil Vicente).

Mas ao que vejo me alongo demais. É o entusiasmo pelo seu belo trabalho, que pretendo recomendar e conservar entre os melhores, nas minhas estantes de valores brasileiros. Acontece, também, que não é todos os dias que posso conversar com um grande folclorista.

Cordialmente,

Stella Leonardos

P.S. - Gostaria de retribuir a gentileza de sua oferta com um de meus livros. Infelizmente (e felizmente para o editor!) estão esgotados no momento. Quando sair o “Rio cancionero” não me esquecerei de Eduardo Campos.

Antônio Maria, grande nome do radiodifusão brasileira. Graças a ele ingressei no rádio cearense, onde me conservo até hoje. Em Fortaleza foi responsável, em 1944, pelo setor artístico da Ceará Rádio Clube. Boêmio de boa conversa e muita leitura. Foi transferido pelos Diários Associados para a Bahia, mas jamais esqueceu o Ceará e amigos que conheceu na terra pela qual tanto se afeixou. Manteve animada correspondência comigo.

## SOCIEDADE ANONIMA PALACE HOTEL

PALACE HOTEL  
RUA CHILE, 20  
TEL PORTARIA 1322 - GERENCIA 1326  
— BAHIA —



TEATRO GUARANI  
TEL 3208

TABARIS (CASINO)  
O MELHOR CENTRO DE DIVERSÕES  
PRAÇA CASTRO ALVES  
TELEFONE 3468  
— BAHIA —

*Envie sempre para a Rádio Sociedade.*

Salvador, 26 de Março de 1945.

Mauelito Eduardp S/A.:

Alegrei-~~me~~ com a chegada, esta manhã, de sua carta ao meu mundo de saudades: BAHIA. Bahia - capital da música brasileira ... tudo isto é muito bom, ao longe, quando a gente finge que sente por uma simples questão de sonoridade. A verdade é que isto aqui, sem minha mulher e meus amigos, é uma verdadeira saciedade. Estou tendo uma grande prova que desapareceu de mim, completamente, qualquer vocação de boemia. Não suporto essa história de jantar só e ser obrigado a ficar na rua para esperar o sono. Se marcasse um encontro sentiria remorsos. Na Bahia, há tantas oportunidades para encontros! Vamos, eu e Mariinha, cumprir esta maratona - via sofrimento - para chegarmos felizes e otimistas ao tía do nosso filhinho. Aliás esse rapaz em promessa precisa ser um grande sujeito para compensar esta fase agoniada da vida dos papais. Sobre esse mesmo rapaz em promessa, tenho ~~pedistaxmitax~~ falado muito a Deus, pedindo que ele seja! SADIO e 2-3 LIGENTE; prefero ( não sei se você concorda ) que ele seja um burro bom de sua mãe. Mas vamos deixar de literatura paternal porque você nada sente disso.

A Radio Sociedade eu encontrei muito pior do que pensei e muito pior que qualquer estação do Brasil. Avalie que, além dos defeitos de arte e técnica, dei de cara com uma mudança apressada de um prédio mais ou menos confortável para duas salas no Edifício dos Diários Associados. Você não sabe o que seja uma mudança numa estação de rádio. É o diabo (embora isto não diga nada). As coisas mais elementares de um radio acannadamente nortista faltavam a estação principal desta cidade agitada, ~~quaxxaxax~~ onde as pessoas defecam brilhantina e urina. Pichário de discoteca nunca houve, ... aliás fichário de coisa nenhuma, nem organização de espécie alguma. Tudo está sendo feito agora, inclusive a mudança. Nas estantes, entre um disco e outro, encontrei, muitas vezes, pedras! No entanto, é preciso que se faça justiça, na Bahia há grandes elementos para um radio vistoso. As orquestras são excepcionais. Os cantores são bons (minoria) e têm tinta. E esta é a minha esperança. Até agora tenho carta branca para agir, fazendo e desmanchando. E já contratei um grande cantor da Bahia ... e contratarei mais uns quatro ou cinco de classe. Aqui o meio artístico é movimentado. Avalie que há 4 shows na cidade. Um no Palace, outro no Tabaris e mais dois na Festa da Mocidade e Feira de Amostras. O bloco do Rio está sempre aqui. O Gilberto Milfont virá a Salvador. Os VOCALISTAS TROPICAIS virão também em Junho.

E você, como vai? Fiquei muito alegre com a sua boa paz e produção ao lado do Paulo. Aliás eu sempre lhe disse que daria certo. O Paulo é, antes de tudo, um rapaz inteligente e não ia dar ponta-pés nos bons elementos. Continue trabalhando com entusiasmo porque na vida da gente não há nada melhor e mais raro que o amor ao trabalho. A gente se sente bem fazendo aquilo que gosta e brilhando a custo do esforço. Porque o Silva Trilho não toma juízo? Estou vaticinando um trágico fim para a carreira artística desse "pobre miserável" (repertório NILC MOTA). Era preciso que ondas de bondade e compreensão vissem favorecer esse pobre louco. E essas ondas podem vir do Paulo e de vocês companheiros. Lembro-me que, no meu tempo, ele

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Salvador, 26 de março de 1946

*Manuelito Eduardo S/A:*

Alegrei-me com a chegada, esta manhã, de sua carta ao meu mundo de saudades: BAHIA. Bahia - capital da música brasileira... tudo isto é muito bonito longe, quando a gente finge que sente por uma simples questão de sonoridade. A verdade é que isto aqui, sem minha mulher e meus amigos é um verdadeiro sacrifício. Estou tendo uma grande prova que desapareceu de mim, completamente, qualquer vocação de boemia. Não suporto essa história de jantar só e ser obrigado a ficar na rua para esperar o sono. Se marcasse um encontro sentiria remorsos... e, na Bahia, há tantas oportunidades para encontros! Vamos, eu e Mariinha, cumprindo esta maratona - via sofrimento - para chegarmos felizes e otimistas ao dia do nosso filhinho. Aliás esse rapaz em promessa precisa ser um grande sujeito para compensar esta fase agoniada da vida dos papais. Sobre esse mesmo rapaz em promessa, tenho falado muito a Deus pedindo que ele seja: 1º SADIO e 2º INTELIGENTE; prefiro (não sei se você concorda) que ele seja um burro bom de saúde. Mas vamos deixar de literatura paternal porque você nada sente disso.

A Rádio Sociedade eu encontrei muito pior do que pensei e muito pior que qualquer estação do Brasil. Avalie que, além dos defeitos de arte e técnica, dei de cara com uma mudança apressada de um prédio mais ou menos confortável para duas salas no Edifício dos Diários Associados. Você não sabe o que seja uma mudança numa estação de rádio. É o diabo (embora isto não diga nada). As coisas mais elementares de um rádio acanhadamente nortista faltavam a esta estação principal desta cidade agitada, onde as pessoas defecam brilhantina e urinam loção. Fichário de discoteca nunca houve... aliás fichário de coisa nenhuma, nem organização de espécie alguma. Tudo está sendo feito agora, inclusive a mudança. Nas estantes, entre um disco e outro, encontrei, muitas vezes, pedras! No entanto, é preciso que se faça justiça, na Bahia há grandes elementos para um rádio vistoso. As orquestras são excepcionais. Os cantores são bons (minoris) e tem pinta. E esta é a minha esperança. Até agora tenha carta branca para agir, fazendo e desmanchando. E já contratei um grande cantor da Bahia... e contratei mais uns quatro ou cinco de classe. Aqui o meio artístico é movimentado. Avalie que há 4 shows na cidade. Um no Palace, outro no Tabaris e mais dois na Festa da Mocidade e Feira de Amostras. O bloco do Rio está sempre aqui. O Gilberto Milfont virá a Salvador. Os VOCALISTAS TROPICAIS virão também em junho.

nunca foi odiado, embora as explorações dessem duro diariamente. JEITO E CUSPE para esse nosso companheiro - é o que eu peço emocionado. CHEGA DE SER IRMÃ PAULA! Nada tenho a ver com as simpatias ou antipatias de vocês. Arrebentem-se e morram.

VOCALISTAS TROPICAIS : Essas crianças ainda não me escreveram e estão fazendo muito mal. Eles já deviam saber que viver sem mim é pior.

Entreí ontem em entendimentos com a direção do Pálace para um contrato em Junho, durante a temporada de inverno PALACE - TABARIS. Tudo está muito bem encaminhado, uma vez que a futura locatária está interessada nos ilustres (Esses desgraçados, graças a mim, têm um cartazinho por aqui) Amanhã ou depois, quando eu fornecer a direção artística do Pálace um momento das passagens por terra, receberei a proposta e, imediatamente, cabografarei comunicando o resultado.

É preciso desde logo que eles reiniciem uma fase de ensaios, passando por cima de todos os sacrifícios. Renovação do repertório e ajustamento nos arranjos do número velhos. Outra coisa : Novas roupas, trajes interessantes e feitos com bom gosto. Aqui na Bahia qualquer orquestra ou cantorzinho de 2ª classe sabe se vestir. Leia este tópico para os 6 "ilustríssimos" e dê-lhes beijos que eu mando.

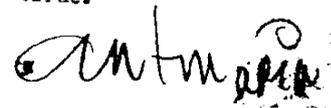
GILBERTO MELFONT : Meu filhinho chorão também virá a Salvador dar aula de performance cearense. Aqui ninguém é melhor que ele. Não virá para o show dos cassinos, será astro da Rádio Sociedade. Talvez, depois de estar aqui, faça um ganquinho no grill. Esse rapaz precisa observar uma série de instruções : 1º Mandar orquestrar músicas interessantes que não pertençam ao réertório de Orlando Silva. Cuidar, orquestrando e ensaiando, músicas de sua autoria. 3º arranjar uma gaitinha para fazer mais uns dois ternos.

Apanhe essa linda cabecinha miúda, oscule-a e ~~afague~~ lhe afague os cabelos.

E você, quando virá ? Por enquanto ainda não posso enviar-lhe um convite, mas esse dia chegará. Tudo ~~depende~~ dependerá muito da época das aulas, não é? Esperemos.

Recebi um envelope do Mozart Brandão, com uma fotografia do meu compadre, maestro e amigo. Só Deus sabe a falta que me faz esse rapaz. Aqui não há nada parecido. Nem sombra vista à distância. Com os músicos que possuímos e um maestro marca-Brandão ~~entraria na rádio, diariamente como que artista numa casa de espetáculo e...~~ ~~de-lhe um abraço.~~

Diga a toda essa turma que me escreva e eu responderei a todos. Quero saber das coisas daí e mandar contar daqui. ( Não dê esse recado ao Josino )  
E aqui vou ficando no salão 307 das máquinas, altos do Pálace Hotel, Salvador Bahia. Minhas saudades crescerão mais ainda até o dia da vinda de Marilinha. Nesse dia é possível até que eu esqueça esqueça o Ceará ... Pegue o Orlando Mota e dê-lhe um grande abraço. Faça o mesmo com todo o pessoal do jornal e volte ao Orlando Mota e reclame a resposta de uma saudosíssima carta que arranquei desta minha agonia, acreditando piamente na nossa amizade. Uma abraço, Manuel ..., é tarde.



E você, como vai? Fiquei muito alegre com a sua boa paz e produção ao lado do Paulo. Aliás eu sempre lhe disse que daria certo. O Paulo é, antes de tudo, um rapaz inteligente e não dia dar ponta-pés nos bons elementos. Continue trabalhando com entusiasmo porque na vida da gente não há nada melhor e mais raro que o amor ao trabalho. A gente se sente bem fazendo aquilo que gosta e brilhando às custas do esforço. Porque o Silva Trilho não toma juízo. Estou vaticinando um trágico fim para a carreira artística desse "pobre miserável" (repertório NILO MOTA). Era preciso que ondas de bondade e compreensão viessem favorecer esse pobre louco. E essas ondas pode vir do Paulo e de vocês companheiros. Lembro-me que, no meu tempo, ele nunca foi odiado, embora as explorações dessem duro diariamente. JEITO E CUSPE para esse nosso companheiro - é o que eu peço emocionado. Chega de ser irmã Paula! Nada tenho a ver com as simpatias ou antipatias de vocês. Arrebentem-se e morram.

VOCALISTAS TROPICAIS: Essas crianças ainda não me escreveram e estão fazendo muito mal. Eles já deviam saber que viver sem mim é pior.

Entrei ontem em entendimento com a direção do Pálace para um contrato em junho, durante a temporada de inverno PALACE-TABARIS. Tudo está muito bem encaminhado, uma vez que a futura locatária está interessada nos ilustres (Esses desgraçados, graças a mim, tem um cartazinho por aqui). Amanhã ou depois, quando eu fornecer à direção artística do Pálace um orçamento das passagens por terra, receberei a proposta e, imediatamente, cabografarei comunicando o resultado.

É preciso desde logo que eles reiniciem uma fase de ensaios, passando por cima de todos os sacrifícios. Renovação do repertório e ajustamento nos arranjos dos números velhos. Outra coisa: Novas roupas, trajes interessantes e feitos com bom gosto. Aqui na Bahia qualquer orquestra ou cantorzinho de 2ª classe sabe se vestir. Leia este tópico para os 6 "ilustríssimos" e dê-lhes beijos que eu mando.

GILBERTO MILFONT: Meu filhinho chorão também virá a Salvador dar aula de performance cearense. Aqui ninguém é melhor que ele. Não virá para o show dos cassinos, mas será astro da Rádio Sociedade. Talvez, depois de estar aqui, faça uma ganchinho no grill. Esse rapaz precisa observar uma série de instruções: 1º Mandar orquestrar músicas interessantes que não pertençam ao repertório de Orlando Silva. Cuidar, orquestrando e ensaiando as músicas de sua autoria. 3º arranjar uma gaitinha para fazer mais uns dois ternos.

Apanhe essa linda cabecinha miúda, oscule-a e lhe afague os cabelos.

E você, quando virá? Por enquanto ainda não posso enviar-lhe um convite, mas esse dia chegará. Tudo dependerá muito da época das aulas, não é? Esperemos.

Recebi um envelope de Mozart Brandão, com uma fotografia do meu compadre, maestro e amigo. Só Deus sabe a falta que me faz esse rapaz. Aqui não há nada parecido. Nem sombra vista a distância. Com os músicos que possuímos e um maestro marca-Brandão, entraria na rádio, diariamente, como quem entre numa casa de grandes e luxuosos espetáculos. Dê-lhe um abraço.

Diga a toda essa turma que me escreva e eu responderei a todos. Quero saber das coisas daí e mandar contar as daqui. (Não dê esse recado ao Josino).

E aqui vou ficando no salão 307 das mágoas, altos do Pálace Hotel, Salvador-Bahia. Minhas saudades crescerão mais ainda até o dia da vinda de Mariinha. Nesse dia é possível até que eu esqueça o Ceará... Pegue o Orlando Mota e dê-lhe um grande abraço. Faça o mesmo com todo o pessoal do jornal e volte ao Orlando Mota e reclame a resposta de uma saudosíssima carta que arranquei desta minha agonia, acreditando piamente na nossa amizade. Um abraço, Manuel... é tarde.

*Antonio Maria.*

Antônio Girão Barroso, sem a menor dúvida, o mais delicioso, o mais puro dos poetas cearenses. A carta que me escreveu é antológica. Há detalhes que o identificam com a realidade e ao mesmo tempo com a irrealidade, situações que podia viver a um só tempo. Amigo sonhador, que fumava "Selma", e, perdendo o sono, escrevia-me longas cartas...

Fortaleza, 3 de Janeiro de 1943  
(2 horas).

Você, meu caro Eduardo Campos, daí de onde está, possivelmente do Crato ou mesmo da Barbalha, para onde vou mandar estas linhas, não adivinharia nunca que o seu amigo Antonio Girão Barroso / (um ex poeta, afinal de contas) é atacado de subitito / agora, aos primeiros bruxoleios de uma madrugada que / não tem nada de fria, de uma insonia sem remédio e q. porisso, pensando num bocado de coisas, umas tristes, outras alegres, se lembra de repente de que recebeu / uma carta de você ontem (sim, foi ontem), e pensando / nisso, de repente, ainda, resolve respondê-la sem ma- is tardança. Mas não o fará sem acender primeiro um / cigarro, que é "Selma" por não poder ser "Continental" - que pode muito bem rimar com pau, o que esta vida é de verdade. Estou, como você está vendo, um ruim lite rato hoje, mas isso - desculpe-me - é apenas um come- ço de carta. Sim, estou respondendo às suas linhas, / muito boas e engraçadas, que você me mandou das ter- ras caririenses, onde eu fui gerado e a minha mãe me / teve (Veja se descobre por aí um lugar chamado Brejo / Sêco). E não sei bem como vá fazer isso direito, pois a verdade é que, tendo embora alguns assuntos de inte resse para tratar aqui, não me sinto perfeitamente em forma para fazê-lo. Ou me sinto e diga o contrario - por causa talvez de um incuravel, indisfarçavel com- plexo de inferioridade. Ainda há pouco estive relendo o velho Manú Bandeira das "Poesias completas" - para / ver se o sono vinha. Engano ledó-fatal esse, pois ma- nuel, por si só, não me fará dormir jamais. Só eu, e mais talvez alguns dos conspícuos intelectuais locais - estou certo - me fariam dormir a bom dormir, mas, / que é do voluminho de capa côm-de-rosa chamado "Al- guns poemas"? Vou fazer, faço esta carta. Relendo-a a pós não é possível que não durma... Creia-me que es- tou besta (Eu sou tão besta e tarô... - começo pági ado de um possível poema). Vou fumar o resto do cigar ro - já apagado há muitos. E dizer a você que de noi te, estivemos conversando (falei na sua carta, o Ar- tur lamentou-se): o Aluizio, o Otacilio, o Benevides /

*Fortaleza, 3 de janeiro de 1943*

*(2 horas)*

Você, meu caro Eduardo Campos, daí de onde está, possivelmente do Crato ou mesmo da Barbalha, para onde vou mandar estas linhas, não adivinharia nunca que o seu amigo Antônio Girão Barroso (um ex-poeta, afinal de contas) é atacado de súbito, agora, aos primeiros bruxuleios de uma madrugada que não tem nada de fria, de uma insônia sem remédio e que por isso, pensando num bocado de coisas, umas tristezas, outras alegres, se lembra de repente de que recebeu uma carta de você ontem (sim, foi ontem), e pensando nisso, de repente, ainda, resolve respondê-la sem mais tardança. Mas não o fará sem acender primeiro um cigarro, que é "Selma" por não poder ser "Continental" - que pode muito bem rimar com páu, o que esta vida é na verdade. Estou, como você está vendo, um ruim literato hoje, mas isso - desculpe-me - é apenas um começo de carta. Sim, estou respondendo às suas linhas, muito boas e engraçadas, que você me mandou das terras caririenses, onde eu fui gerado e a minha mãe me teve (Veja se descobre por aí um lugar chamado Brejo Seco). E não sei bem como vá fazer isso direito, pois a verdade é que, tendo embora alguns assuntos de interesse para tratar aqui, não me sinto perfeitamente em forma para fazê-lo. Ou me sinto e diga o contrário - por causa talvez de um incurável, indisfarçável complexo de inferioridade. Ainda há pouco estive relendo o velho Manú Bandeira das "Poesias completas" - para ver se o sono vinha. Engano ledô-fatal esse, pois Manuel, por si só, não me fará dormir jamais. Só eu, e mais talvez alguns dos conspícuos intelectuais locais - estou certo - me fariam dormir a bom dormir, mas, que é do volumesinho de capa cor-de-rosa chamado "Alguns poemas"? Vou fazer, faço esta carta. Relendo-a após não é possível que não durma... Creia-me que estou besta (Eu sou tão besta e tardo... - começo plagiado de um possível poema). Vou fumar o resto do cigarro - já apagado há muitos. E dizer a você que, de noite, estivemos conversando (falei na sua carta, o Artur lamentou-se): o Aluizio, o Otacílio, o Benevides e eu. O Kaly Cruz, presente durante momento, deguiou oportunamente. No Globo, é claro. Depois, sob a luz das lâmpadas elétricas (a cidade não está mais em escuridão), na avenida. Aí formulamos um daqueles planos fantásticos nossos, para depois de saído o "Três discursos", parece-me que parado ainda no Antônio Martins.

ro pegados r la gola. Você já sabe o endereço. Não me esqueço de você também; mando-lhe agora o livro de poemas do Manuel de Barros, poeta moço, muito moço mesmo, que conheci no Rio e com quem me dei bem. Chama-se "A face imóvel" e é uma boa coisa. Querendo, escreva/ qualquer coisa sobre ele. Publicaremos aqui. E adeus/ por hoje, com as lembranças de todos • um abraço bem/ forte d•

Antônio

Eis o plano: tirarmos em março possivelmente o primeiro volume (em formato de livro) de uma espécie de revista ou coletânea nossa, compreendendo trabalhos originais de todos nós e de mais gente de fora de grande interesse (Lewin, V. do R., Manuel de Barros, Yáco, Melolima, etc., etc...). Isso mediante uma quota que será no mínimo de cinquenta cruzeiros para cada. Coisa batata, possibilíssima. Apuramos nomes assim de repente e constatamos de logo doze, treze, catorze. Que tal a idéia? - pergunto a você. A palavra de ordem foi em seguida: fazer os primeiros trabalhos: ensaios sobre tudo, poesia, teatro, cinema, literatura em geral, ciências, etc., parecendo interessantíssimo que esses trabalhos não sejam curtos e signifiquem novidade, contribuições novas e fecundas sobre o que quer que seja, inclusive sobre o caro Ceará, seu povo, costumes, tradições, etc. Você, nesta viagem que faz, pode organizar uma boa coisa para esse primeiro número, que seria uma observação *in loco* do Cariri, artes populares do Juazeiro, cantadores, "historiadores", e o mais que quiser. Será ótimo. Pense nisso, você que está cada vez mais inteligente (acha possível isso?), isto é, escrevendo bem, na força do instinto às vezes, mas com interesse e grandeza. Veja que empreguei a palavra "inteligente" num sentido mais de aplicação do que ela quer dizer. Foi um "tour-de-force". Poderemos também publicar um conto seu, se você preferir. Acontece também que pensamos em botar um conto de Melolima muito bom, que temos aqui. Poemas sairão também. Ah! se me saísse um por estes dias! Não publicaria outra coisa, pois a verdade é que sou apenas isto: um saudoso dos meus momentos (bem raros) de poesia verdadeira. Se não sair poesia tenho o Cinema, o que me garante uma colaboração possivelmente extensa. O Artur escreverá também, do mesmo modo que o Colares e o Medeiros. Acha difícil o livro não sair?

Espero o seu presente "Os judeus do Cinema". Que pegá-los pela gola. Você já sabe o endereço. Não me esqueço de você também: mando-lhe agora o livro de poemas do Manuel de Barros, poeta moço, muito moço mesmo, que conheci no Rio e com quem me dei bem. Chama-se "A face imóvel" e é uma boa coisa. Querendo, escreva qualquer coisa sobre ele. Publicaremos aqui. E adeus por hoje, com as lembranças de todos e um abraço bem forte do

*Antônio Girão.*

J. Pierre Chabloy

Jean Pierre Chabloy. Pintor que se marcou de Ceará e nos fez também marcado por ele, em momento histórico da guerra, em 1944. Foi o descobridor de Chico da Silva. Tocava violino. A esposa, linda e afável, o acompanhava ao piano. Desenhava tipos populares do Ceará como se fossem personagens de um drama rural, medieval. Voltou ao Ceará. E me procurou, graças a Deus.

Rua NORVINDA PIRES, 15 - ALBUÉTA -  
(pertinho da Credimus) - 13/XI/1980

Ex/mo Senhor Manuel-Eduardo CAMPOS  
Diretor-Redator/Chefe do "Correio do Ceará" -  
- N E S T A -  
-----

Prezado Senhor,

Da França, fêz alguns meses, Lhe tinha dirigido algumas linhas, dizendo-Lhe que, salvo imprevistos, ao decorrer do mês de OUTUBRO, chegaria a Fortaleza, e que não deixaria de Lhe fazer uma pequena visita; de fa(c)to, depois de longa e cansativa viagem - marítima e de ônibus, aqui cheguei, nos meados de Outubro; até agora, porém, não me foi possível visita-Lo, devido às LUTAS - desde dia 13 / X - de procure de casa, para alugar (estada temporária), e de "instalação" (mínima - "decente") da mesma, uma vez "descoberta"; Essas tarefas mobilizaram-me, até estes dias: "traquei" nesta casinha da Rua NORVINDA PIRES, 15, no dia 29 de X, tratando, desde então - e laboriosamente! - da "instalação". Quero esperar que, daqui ao fim deste mês, estarei em condições de receber "decentemente", aqui, os amigos.

Não tenho telefône - e telefonar, da rua, não sendo fácil.. - permito-me dirigir-Lhe estas linhas, que irei depositar, no "Correio do Ceará", onde, quero esperar, Lhe chegarão à mãos;; Experimento dificuldades para "orientar-me" nesta FORTALEZA/modelo-1980", que tanto "encheu", se não cresceu, nesses dez últimos anos! Quero esperar, e com boa vontade, "adaptar-me", aos poucos, durante esta estada TEMPORÁRIA (até março - eventualmente junho/1981)!

Bem sei que o Prezado Senhor anda muito ocupado, mas espéro que, de um modo ou doutro, um nosso encontro tornar-se-á possível, e sua conveniência.

Nessa espera, aqui deixo os meus protéstos de toda consideração e um meu grande Abraço.

J. P. Chabloy

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Rua Norvinda Pires, 15 - Aldeota*

*(pertinho da Credimus)*

*13/XI/1980*

*Ex<sup>mo</sup> Senhor Manuel Eduardo Campos*

Diretor-Redator/Chefe do "Correio do Ceará" -  
- Nesta -

Prezado Senhor,

Da França, faz alguns meses, lhe tinha dirigido algumas linhas, dizendo-lhe que, salvo imprevistos, no decorrer do mês de outubro, chegaria a Fortaleza, e que não deixaria de lhe fazer uma pequena visita; de fato, depois de longa e cansativa viagem - marítima e de ônibus, aqui cheguei. nos meados de outubro; até agora, porém, não me foi possível visitá-lo, devido às lutas - desde dia 13/X - de procura de casa, para alugar (estada temporária), e de "instalação" (mínima - "decente") da mesma, uma vez "descoberta". Essas tarefas mobilizaram-me, até estes dias: "atraquei" nesta casinha na Rua Norvinda Pires, 15, no dia 29 de X, tratando, desde então - e laboriosamente! - da "instalação". Quero esperar que, daqui ao fim deste mês, estarei em condições de receber "decentemente", aqui, os amigos.

Não tendo telefone - e telefonar, da rua, não sendo fácil... - permito-me dirigir-lhe estas linhas, que irei depositar, no "Correio do Ceará", onde, quero esperar, lhe chegarão às mãos. Experimento dificuldades para "orientar-me" nesta Fortaleza/Modelo-1980, que tanto "encheu", se não cresceu, nesses dez últimos anos! Quero esperar, e com boa vontade, "adaptar-me, aos poucos, durante esta estada temporária (até março - eventualmente junho/1981).

Bem sei que o prezado senhor ande muito ocupado, mas espero que, de um modo ou doutro, um nosso encontro tornar-se-á possível, a sua conveniência.

Nessa espera, aqui deixo os meus protestos de toda consideração e um meu grande abraço.

*J. P. Chabloz*

Paschoal Carlos  
Magno

Paschoal Carlos Magno, diplomata, romancista. Acima de tudo homem de teatro. Grande incentivador de teatro de estudantes. Descobridor de vocações. Poeta. Memorialista. Toda vez que vinha ao Ceará revigorava a ribalta do Teatro José de Alencar. Fomos amigos, bons.

Para Hermenegildo de Barros, 161  
Santa Teresinha - Rio

Recife, 28. 11. 94.

Meu caro Fernando Campos,

Estou reunindo esta tarde diretores de grupos de teatro jovem para o VI Festival Nacional de Teatro de Estudantes, em Juazeiro próximo na Aldeia do Arco de Lázaro.

A Comédia Corânea pertence à peça em Mãos de Ouro, de sua autoria, e que meicito na alcapa. É assim que não entendo a Aldeia, que plantei meu canteiro de montanha, longe de conspirações dos grandes centros urbanos.

O melhor abraço  
Paschoal Carlos Magno

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

Recife, 28.11.1970

*Meu caro Eduardo Campos,*

Estou recebendo esta tarde diretores de grupos do teatro jovem para o VI Festival Nacional de Teatro de Estudantes, em janeiro próximo na Aldeia de Arco Verde.

A *Comédia Cearense* participará em *Morro do Ouro*, de sua autoria, o que muito me alegra. Só assim você virá conhecer a *Aldeia*, que plantei num canto de montanha, longe de conspirações dos grandes centros urbanos.

O melhor abraço de

*Paschoal Carlos Magno.*

Josué Montello, maranhense de projeção nacional; além de escrever novelas, ensaios, é destaque no romance brasileiro, trajetória iniciada em 1941, com a publicação de "Janelas Fechadas". Escritor atento à atividade do autor nordestino. Em Fortaleza, no Teatro José de Alencar, viu minha peça: "A Rosa do Lagamar".



Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1967.

Meu caro Eduardo Campos:

Releve-me se tardei um pouco em acusar o recebimento de seu livro de contos, As Danações. É que só desejava escrever-lhe depois de concluída a leitura de sua nova obra.

Andei por longes terras, agora estou de volta. No meu regresso, fui logo ao seu livro, e aqui me tem com os louveres merecidos ao seu admirável talento de narrador.

Quando passei por Fortaleza, numa de minhas idas ao Norte, tive oportunidade de assistir, no Teatro José de Alencar, a uma de suas peças, Rosa de Lagamar.

Reencontrei no livro de contos o teatrólogo, com o mesmo poder de captar a vida urbana na sua dramaticidade pungente.

Vou mandar-lhe, por especial obséquio de Valmir Chagas, um livro de novelas que publiquei ano passado, Duas vezes perdida. Mês que vem, terei novo livro, Na Casa dos Quarenta.

Quando vem ao Rio? Quando vier, dê-me um aviso por este telefone: 57.2600. Aqui estou ao seu dispor.

Receba, com o meu cordial abraço, a visita dêste seu confrade e admirador, que mais uma vez o felicita pelo novo livro,

*Josué Montello*  
~~\_\_\_\_\_~~

Avenida Atlântica, 3018 — Apart. 902.

Copacabana,

Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1967

Meu Caro Eduardo Campos:

Releve-me se tardei um pouco em acusar o recebimento de seu livro de contos, *As Danações*. É que só desejava escrever-lhe depois de concluída a leitura de sua nova obra.

Andei por longes terras, agora estou de volta. No meu regresso, fui logo ao seu livro, e aqui me tem com os louvores merecidos ao seu admirável talento de narrador.

Quando passei por Fortaleza, numa de minhas idas ao Norte, tive a oportunidade de assistir, no Teatro José de Alencar, a uma de suas peças, *Rosa do Lagamar*.

Reencontrei no livro de contos o teatrólogo, com o mesmo poder de captar a vida urbana na sua dramaticidade pungente.

Vou mandar-lhe, por especial obséquio de Valnir Chagas, um livro de novelas que publiquei ano passado, *Duas vezes perdida*. Mês que vem, terei novo livro, *Na Casa dos Quarenta*.

Quando vem ao Rio? Quando vier, dê-me um aviso por este telefone: 57.2600. Aqui estou ao seu dispor.

Receba, com o meu cordial abraço, a visita deste seu confrade e admirador, que mais uma vez o felicita pelo novo livro,

Josué Montello

Maria de Jesus

Melo

Maria de Jesus Melo, primeira vereadora de Fortaleza, professora de muitos méritos. Conto em livro - "Na Flor da Idade" - interessante episódio de que fui personagem na escola da prestigiosa mestra. Quando indagou, em classe, qual o aluno que desejava ser o presidente do grêmio literário, que inaugurava, eu me candidatei sob vaias dos colegas. E na verdade não fui apenas o presidente desse grêmio... mas, adiante, e por dez anos, presidente da Academia Cearense de Letras.

Ao Manuelito,

procurando corresponder ao maior elogio que, em minha modéstia, pude eu receber, de quem se diz, mui generosamente, até hoje, meu aluno, o coração agradecido da

Maria de Jesus  
Fort. 18-6-67.

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Fort. 18-6-67*

*Ao Manuelito,*

Procurando corresponder ao maior elogio que, em minha modéstia, pudesse eu receber de quem se diz, mui generosamente, *até hoje*, meu aluno, o coração agradecido da

*Maria de Jesus.*

S. Paulo, 6 3 Setembro 51

Cher Monsieur,

En revenant du Congrès de Folklore, j'ai eu l'agréable surprise de trouver votre livre: Medicina Popular. Quelle attention exerce donc le Folklore sur l'âme des romanciers? Hé! c'était Ruth Guimarães écrivain "Os filhos do Pêlo". Aujourd'hui, c'est l'auteur de "Foco Iluminado" dans laquelle la plus riche collection de "rezeiros" du Ceará! Je vous félicite d'autant plus que vous n'avez pas obéi à la tentation éditoriale, qui est toujours à grand temps; vous nous avez donné une œuvre scientifique de haute valeur, avec une excellente introduction et j'en suis sûr que vous entendrez discuter votre double vie intellectuelle, celle de l'écrivain captant la poésie de sa terre et celle du chercheur captant la sagesse populaire du Ceará.

Dans la préface que Fran Martins a mise à votre livre, sous un si joli titre (Eduardo Campos, rezeiros), il y a une suggestion qui me paraît de plus haut intérêt, c'est l'exploration du Ceará - si de à paginas de livros - et du langage de Padre Cícero. Je sais que vous connaissez particulièrement bien cette dernière région et je suis sûr que vous saurez nous donner ultérieurement des recueils de contes, ou nos récits, de votre plus exacte, la céramique populaire. Un des chapitres les plus signifiants de votre dernier livre est celui sur l'accouchement et les soins donnés aux enfants. Je rêve d'un autre ouvrage, où vous suiviez le cycle de la vie de Cearense, de la naissance à la mort...

Avec mes félicitations les plus cordiales,

Reg Bastide

UNIVERSITY OF CALIFORNIA

DEPARTMENT OF GERMAN  
BERKELEY 4, CALIFORNIA

15 April 1956.

Dear Senhor Campos:

Thank you heartily for  
Medicina popular.

I congratulate you on this useful and informa-  
tive book. I am particularly impressed by the  
extensive list of books that you have consulted.  
When I am snatched a task of editing a collection  
of proverbs off my shoulders, I hope to look  
around a little and study other subjects. But -  
I shall find your book useful on various occasions.

I send you under separate cover a few reprints  
that may be of interest to you.

Cordially yours,

*Anne Taylor*

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS

*Juan Alfonso Carrizo*  
Director del Instituto Nacional de la Tradición

Buenos Aires, 27 de agosto de 1951.

Señor  
Don Eduardo Campos.  
Geard.

Distinguido colega:

De regreso de un largo viaje por las provincias  
del oeste he tenido el gusto de recibir su libro Medicina popular  
que usted tan gentilmente me enviara el 17 del corriente.

A su fecunda labor de escritor agrega ahora un  
nuevo libro, una joyita para el folklore americano y por ella le  
quedo agradecido, ¡ muy agradecido !.

Saludo al noble amigo con todo afecto.

*Juan Alfonso Carrizo*



REAL ACADEMIA ESPAÑOLA

Burgos 31 de Agosto de 1951

Sr. D. Eduardo Campos  
Caixa Postal 222  
Fortaleza - Ceará - Brasil

Muy señor mío:

Vivamente le he agradecido a V. el amable envío de un importante trabajo "MUSICA PUEBLAR", enriquecido con una cariñosa dedicación, con el que ha tenido V. la amabilidad de obsequiarme, en nombre de la confraternidad del "CLUB INTERNACIONAL DE FOLKLORE", a la que tengo la satisfacción de pertenecer.

Con gran interés le he leído plenamente una obra admirable por la riqueza de materiales, directamente recogidos por V. en la región de Ceará, tan rica en datos etnográficos, por la importancia del tema, y su valor para estudios comparativos, y por su acertado criterio, constituye una excelente guía para estos trabajos, cuyo ejemplo debiera ser secundado.

Agradeciéndole su envío, aprovecho gustoso la ocasión de ofrecer a V. el testimonio de su sincera amistad su afmo: a. y s.

F/ Vicente García de Diego

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS



Rua Peri 48  
Jardim Botânico  
Rio, 9.12.46

Meu caro Eduardo Campos

Um abraço cordial

Ai vai uma pagina de CARIOCA, onde publiquei seu bellissimo conto CEU LIMPO.

Não faz mal que vão aparecendo por aqui. Com vagar, pretendo, se você não se opõe, dar mais um ou dois, O ABUTRE, ROSEIRA, etc.

Tenho para sair ha 15 dias um artigo em Letras e artes, sobre seu livro. Já devia ter saído, mas o diretor do suplemento viajou e ha uma certa desordem na ausencia dele. Mas, espero que até uma ou duas semanas mais saia.

Ha, na Caixa da revista a importancia de cr\$75.00 à sua disposição. Lá é assim. Ora pagam 100,00 ora 75,00, sendo 100 pela primeira pagina. Se você tem algum que receba, mande autorização por escrito. Se não tiver, não me custa passar lá, porque sempre recebo as colaborações do Mario Sette. Mas é preciso mandar uma carta mais ou menos assim:

Senhor Diretor da Empresa A NOITE

Pela presente autorizo o sr. Fulano a receber do Caixa dessa empresa as importancias que houver ~~devidas~~ para pagamento de minha colaboração nas revistas da mesma.

( a )"

Endereço:

Bem. Por hoje, somente isto, que ando muito atarefado. Pra sexta-feira ou quinta, se Deus quiser, vou dar um pulo à Bahia, levar a familia para passar as ferias, mas até o fim do mes devo estar de volta.

Até mais. Abraços para os rapazes.

*Seu ardente,  
Herculano*

EDUARDO CAMPOS - 80 ANOS